Manchete
segundo capítulo das sensacionais confissões de
CARLOS LACERDA
"... Fui agredido e reagi, até que me acertaram coronhadas de revólver na fronte."
14 PÁGINAS EM CÔRES
O RIO É SEMPRE UM ESPETÁCULO
O romance secreto de Carlos Alberto e Ioná Magalhães

Manchete

Rio de Janeiro, 22 de abril de 1967
Ano 14 — N.º 783

sumário

Nossa capa: Ioná Magalhães e Carlos Alberto, famosos astros da televisão brasileira. (Foto de Antônio Rudge.)

IMPRESSA E EDITADA POR BLOCH EDITÔRES S/A — DIRETOR-PRESIDENTE: Adolpho Bloch — DIRETOR-SUPERINTENDENTE: Oscar Bloch Sigelmann — DIRETORES: Pedro Jack Kapeller, H. W. Berliner, Antônio Ferrara e Murilo Melo Filho — DIRETOR-RESPONSÁVEL: Nelson Alves. MANCHETE — DIRETOR: Justino Martins — CHEFE DE REPORTAGEM: Arnaldo Niskier — CHEFE DE REDAÇÃO: Zevi Ghivelder — REDATORES: R. Magalhães Jr., Joel Silveira, José Carlos Oliveira, Maurício Gomes Leite e Alexandre Pires — REPÓRTERES PRINCIPAIS: Mário Martins, Lêdo Ivo, Homero Homem, Roberto Muggiati, e Ibrahim Sued — REPÓRTERES: Alberto Shatovsky, José Rodolpho Câmara, Lausimar Laus, Teodoro Barros e Vera Rachel — COLABORADORES: Henrique Pongetti, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Pedro Bloch, Claudius, Caio de Freitas, Otto Lara Resende e Carlos Botelho — DEPARTAMENTO FOTOGRÁFICO: SUPERINTENDENTE: Nicolau Drei — CHEFE: Jáder Neves — REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS: Gervásio Batista, Gil Pinheiro, Juvenil de Souza, Carlos Abrunhosa, Felisberto Rogério, Antônio Trindade, Eveline Muskat, Domingos Cavalcanti, Esko Murto, Walter Firmo, Sebastião Barbosa, Antônio Rudge, Tolentino Gomes, e Nélson Santos — DEPARTAMENTO DE ARTE: Wilson Passos e Nélson Gonçalves — PRODUÇÃO: Nélson Sampaio — PESQUISA: Oswaldo Correa da Silva — ARQUIVO: Aron Vaisman — DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO: Renato Gonçalves de Oliveira — SUCURSAL DE SÃO PAULO: Salomão Schvartzman, Durval Ferreira, Jônio de Freitas Mota, Fúlvio Abramo, Jorge Aguiar, Sérgio Jorge, Armando Bernardes, Mituo Shiguhara e Zygmunt Haar — SUCURSAL DE BRASÍLIA: Deocleciano Rocha e Roberto Stuckert — SUCURSAL DO RIO GRANDE DO SUL: Sérgio Rosa e Jairo Brandebursky — SUCURSAL DO NORDESTE: Fernando Luís Cascudo, Caio Sousa Leão, Alexandrino Rocha, e Raimundo Costa — SUCURSAL DE MINAS GERAIS: Odin Andrade, Manuel Hygino dos Santos e Alberico Souza Cruz — SUCURSAL DA BAHIA: Flávio Costa — CORRESPONDENTES NO BRASIL: PARÁ: Oswaldo Mendes; CEARÁ: Ezaclir Aragão; RIO GRANDE DO NORTE: Cassiano Arruda Câmara; PARANÁ: Geraldo Russi — SUCURSAIS NO EXTERIOR: NOVA IORQUE: Sérgio Alberto da Cunha e Maria Almenara — PARIS: Ney Sroulevich, Niúra Klemm e Thomas Scheler — CORRESPONDENTES NO EXTERIOR: ROMA: Sérgio Spinelli; ALEMANHA: Flávio Paulo Meurer; ESPANHA: Emilio Fonta; TCHECOSLOVAQUIA: Joseph Votarik; URUGUAI: Sara Tinsky; ARGENTINA: Jorge Lipschitz e Italo Sanni; CHILE: De Abreu; PERU: Manuel Olivari — DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE: DIRETOR: Dirceu Tôrres Nascimento — GERENTE-GERAL: Francisco Augusto Nascimento — GERENTE-RIO: Luiz Fernando Veiga — GERENTE-RIO GRANDE DO SUL: Kleber Buhr — REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Frei Caneca, 511 — Tels.: 32-4355 e 31-3965 — Rio (GB) — PARQUE GRÁFICO: Rua Cordovil, 520 — Tel.: 30-0666 e CETEL (05) 91-0020 — SUCURSAL DE SÃO PAULO: Rua 24 de Maio, 35, 11.º andar, salas 1.101/5 — Tels.: 36-9998, 33-5810, 36-4593, 33-9383 e 37-7484 (SP) — SUCURSAL DE BRASÍLIA: Setor de Indústrias Gráficas, lotes 905/975 — Tel.: 2-8266 (DF) — SUCURSAL DO RIO GRANDE DO SUL: Rua Senhor dos Passos, 235, loja 5 — Tel.: 44-744 — Pôrto Alegre (RS) — SUCURSAL DO NORDESTE: Av. Conde de Boa Vista, 85, 12.º andar — Tel.: 26-807 — Recife (PE) — SUCURSAL DE MINAS GERAIS: Av. Afonso Pena, 1500, 15.º andar — Tel.: 4-8765 — Belo Horizonte (MG) — SUCURSAL DA BAHIA: Rua Bonifácio Costa, 1, sala 902 (Salvador) — SUCURSAL DE NOVA IORQUE: 245 East 63rd Street, ap. 30-D — Tels.: 421-9183 e 421-9191 — Telex: Manchete New York, 421918 — SUCURSAL DE PARIS: 12 Av. Montaigne 8ème étage — Tel.: Balzac 84-66 — Telex: Manchete Paris, 28240 — DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora de Imprensa Ltda., Rua do Senado, 192-A — Tel.: 22-8817 — Rio de Janeiro — GB.

Manchete é ASSOCIADA DO

IMPRESSA COM TINTAS BLOCH COLOR S.A.

CONVERSA COM O LEITOR ● Esta semana, há em Punta Del Este um homem sèriamente preocupado. É o Sr. Dean Rusk (foto), secretário de Estado americano, que, após ter ouvido as primeiras proposições dos seus colegas dêste hemisfério, deverá orientar o Presidente Johnson sôbre as decisões que os Estados Unidos devem tomar em relação aos explosivos problemas da América Latina. Pela fisionomia de Dean Rusk, percebe-se o seu estado de espírito. No que toca ao Brasil, temos um paradoxal **slogan** já anunciado pelo Marechal Costa e Silva: "Em vez de fuzis, indústrias. No lugar de tanques, estradas. Ao invés de armamentos, fábricas." Para nós, o nôvo sinônimo de **paz** é **desenvolvimento**. Mas, ao mesmo tempo, não desistimos do aproveitamento da energia nuclear. Murilo Melo Filho, nosso comentarista político, descreve, neste número, o clima nebuloso que se forma no mais elegante balneário uruguaio, onde se reunirão os presidentes das nações americanas. Pode ser que resulte em tempestade. Mas esperamos a bonança, cujo verdadeiro nome é progresso.

JUSTINO MARTINS

O Brasil defende na reunião de presidentes e chanceleres de Punta del Este

A DIPLOMACIA DA PROSPERIDADE

Texto de **MURILO MELO FILHO**
Fotos de **JADER NEVES**

O Brasil está em Punta del Este para defender a diplomacia da prosperidade. Esta é a orientação anunciada no discurso com que o presidente da República traçou os novos rumos da política externa do país e que posteriormente confirmou no seu pronunciamento de Londrina. O Chanceler Magalhães Pinto deslocou-se alguns dias antes para Montevidéu, a fim de manter os contactos preliminares com os outros ministros. A delegação recebeu instruções no sentido de defender uma diretriz uniforme e adaptada aos novos interêsses do país, para os quais o desenvolvimento é o nôvo nome da paz.

A integração econômica dos países latino-americanos tem prioridade absoluta na agenda da conferência de cúpula de Punta del Este

Durante dez dias o Hotel San Rafael acolherá chanceleres e presidentes.

Antes da reunião dos presidentes, os chanceleres realizaram vários encontros.

É curioso que tenha cabido a um presidente militar do Brasil a autoria de uma política externa tìpicamente civilista e progressista. *Em vez de armamentos ou de uma corrida bélica, a delegação brasileira foi à conferência clamar pela retomada do desenvolvimento,* nos têrmos concebidos pela Operação Pan-Americana do ex-Presidente Juscelino Kubitschek e da Aliança para o Progresso do ex-Presidente Kennedy.

Os problemas militares, da segurança continental, ou da repressão ao comunismo, foram substituídos, nas preocupações e determinações da delegação brasileira, pela luta em favor de investimentos maciços na infra-estrutura do Hemisfério, capazes de iniciar o processo de erradicação do subdesenvolvimento.

Em vez de fuzis, indústrias. No lugar de tanques, estradas. Ao invés de armamentos, fábricas.

Por uma feliz coincidência, a reunião começa sob os impactos e as repercussões da Encíclica *Populorum Progressio,* que o govêrno brasileiro aplaudiu com inusitado entusiasmo. A política de mera assistência social passou a ser combatida em nome do progresso concreto, em têrmos de comércio e de interêsses recíprocos.

Com o abandono da OPA e a timidez da Aliança para o Progresso, *esvaziaram-se as esperanças* de transformar a década de 60 na grande arrancada do desenvolvimento sul-americano. As preocupações maiores do Departamento de Estado voltaram-se para os problemas e dramas asiáticos ou africanos, com um abandono ou pelo menos protelação da retaguarda continental.

Agora, *o Brasil retoma essa temática desenvolvimentista* que em todos os planos objetiva a ampliação dos mercados externos, a obtenção de preços justos e estáveis para nossos produtos primários, a atração de capitais e de ajuda técnica, a cooperação para o uso da energia atômica com fins pacíficos.

Nessa estratégia, a diplomacia brasileira *assumirá automàticamente uma posição de liderança* que lhe havia fugido das mãos quando adotou duas diretrizes conflitantes entre si mas concordes num radicalismo comum: a política exterior independente e aquela outra muito engajada demais no barco ocidental. Ambas eram suficientemente facciosas e apaixonadas para possibilitar a nossa liderança hemisférica.

Agora, parte o Itamarati para uma política autônoma, que tanto estimulará o entendimento com os Estados Unidos, como buscará na Europa Oriental e na área soviética *as novas modalidades de cooperação que hoje se acentuam entre os países socialistas e os ocidentais.*

É evidente que no plano continental êsses objetivos só poderão ser alcançados através de uma dinamização da ALALC, para transformá-la num mercado comum realmente atuante e efetivo, à semelhança daquele outro que derrubou barreiras e alfândegas *para operar o milagre do soerguimento europeu.*

Os presidentes e chanceleres americanos *reúnem-se numa atmosfera de otimismo* que nem mesmo as notícias sôbre os guerrilheiros na Bolívia e no Brasil conseguiram perturbar. Trata-se de episódios isolados, que não possuem qualquer identidade com o fenômeno cubano. As guerrilhas da serra de Caparaó foram fàcilmente minimizadas pelo Sr. Magalhães Pinto, que em vez delas pode agora apresentar às outras delegações um fato nôvo e realmente importante: *o do retôrno do ex-Presidente Juscelino Kubitschek.*

O Brasil fortalece seu prestígio continental ao revelar a face pacificadora do nôvo govêrno, que caminha agora para a união dos brasileiros na esfera interna e para conquista de novos aliados na política externa.

No dia da

chegada de Dean Rusk, Gordon convidou Magalhães Pinto para um encontro com o secretário de Estado. Na agenda informal, Rusk conversa com cada delegado.

Mais de duzentos jornalistas do mundo inteiro fazem a cobertura da Conferência de Punta del Este. Em cima, um contingente especial da polícia uruguaia guarda a entrada do San Rafael.

Manchete

Na cidade do cinema, não há só raptos fingidos, para efeitos de filmagem. Há poucos dias, um milionário pagou soma correspondente a 675 milhões de cruzeiros velhos para salvar a vida de seu filho. O FBI está tentando resolver o caso, que é um dos quatro ainda insolúveis desde a Lei Lindbergh.

UM RAPTO (VERDADEIRO) EM HOLLYWOOD

(Do Bureau de MANCHETE em Nova Iorque — Via VARIG)
Reportagem de SÉRGIO ALBERTO

Tudo parecia tranqüilo na bela mansão do Sunset Boulevard, em Beverly Hills, na segunda-feira, 3 de abril. Residência, outrora, da atriz cinematográfica Deanna Durbin, fôra adquirida, há anos, por um jovem milionário, Herbert J. Young, presidente de uma companhia de financiamentos, a Gibraltar Savings and Loan Association, que movimenta 423 milhões e 500 mil dólares de capital. A Senhora Young acabara de tomar o café da manhã e recomendara a uma das empregadas que fôsse acordar seu filho mais velho, Kenneth, de 11 anos, para que êle não perdesse a hora da escola. A jovem criada encontrou o quarto vazio. E, o que era ainda mais estranho, no travesseiro do menino havia um bilhete, pregado com um alfinête. Tomando o bilhete, ela correu para a Senhora Young:

— Kenny foi raptado! Veja o que eu achei!

A Senhora Young foi ao encontro do marido, que acabara de dobrar o jornal, preparando-se para deixar a mesa.

— Que é que você acha disso?

Era a comunicação típica de um rapto, com o estabelecimento do resgate do menino, fixado em nada menos de 250 mil dólares. E acrescentava: "Não diga nada à polícia. Se o fizer, perderá a mercadoria." Escrita em papel branco, essa nota trazia três vêzes a palavra IMPORTANTE bem no alto. A soma do resgate constava duas vêzes do texto. E dizia ao milionário que aguardasse instruções, pelo telefone, sôbre o modo pelo qual devia entregar essa quantia.

Restituído ao convívio dos pais, o menino Kenneth Young posa

abraçado aos dois, lendo as manchetes sensacionalistas sôbre o rapto de que foi vítima. Trezentos agentes do FBI vasculham tôda a Califórnia à procura de seus raptores.

Tal como aconteceu com o artista cinematográfico Frank Sinatra, o pai do menino raptado pagou uma autêntica fortuna, mas teve a alegria de receber o filho são e salvo

O milionário Herbert J. Young concedendo entrevista coletiva à imprensa.

— Creio que o nosso dever é telefonar ao chefe de polícia, C. H. Anderson — disse Young. — É o que vou fazer, ainda que a nota contenha uma advertência em sentido contrário...

Não perdeu tempo. Imediatamente, ligou para o chefe de polícia e, dez minutos depois, êste chegava à mansão de Beverly Hills, acompanhado de alguns policiais.

— Que pretende fazer? — perguntou o chefe de polícia. — Quer pagar o resgate? Ou prefere que tomemos o caso em nossas mãos?

— As duas coisas. Em primeiro lugar, peço-lhe que não interfira logo. Eu pagarei a quantia exigida. E, depois, a sua polícia entrará em ação... Tudo tem que ser feito secretamente, eu lhe peço...

— Compreendo perfeitamente as suas cautelas, Sr. Young...

O pai do menino não queria jogar com a vida do filho. Talvez se lembrasse do que acontecera, em 1953, com o filho do milionário Greenlease, grande vendedor de automóveis, com dezenas de agências no Estado de Kansas. O menino Robert, de seis anos, fôra raptado de um jardim de infância. Os autores do rapto pediram 600 mil dólares de resgate. O milionário hesitou e, em vez de pagar, recorreu à polícia. Dias depois, o corpo da criança foi encontrado num terreno baldio. Os responsáveis pelo hediondo crime, Carl A. Hall e Bonnie Brown Heady, confessaram sua culpa e foram executados. Mas isso não servira de consôlo para os pais de Bobby.

O milionário Herbert J. Young esperou, pacientemente, que o chamassem ao telefone. Já tinha o dinheiro separado — 250 mil dólares em notas de 100, cujos números haviam sido cuidadosamente anotados. No dia seguinte, depois de uma longa espera, o telefone tocou e a voz de um desconhecido se fêz ouvir:

— Você é Herbert?

— Sim, sou eu.

— Então, ouça com atenção o que lhe vou dizer...

Era uma voz clara, lenta, suave, de uma pessoa que denotava invulgar inteligência — declarou depois à polícia o milionário Young.

— Faça o seguinte. Ponha o dinheiro numa valise... Está me ouvindo?

— Sim...

— Pegue o seu carro. Mas, cuidado, venha sòzinho. Senão...!

— Irei só.

— Dirija até o pôsto de gasolina de Westwood Village... Chegando lá, espere...

Herbert J. Young obedeceu. Cêrca de quarenta minutos depois, surgiu um Chevrolet branco, cujo chofer lhe fêz um aceno, para que o acompanhasse. O milionário assim fêz. O homem do Chevrolet parou no trecho escuro do Sepulveda Boulevard e desligou a luz do seu carro. Young fêz o mesmo. O homem saiu de seu carro, com a mão direita no bôlso do casaco, certamente crispada sôbre a coronha de um revólver. Estendendo a mão esquerda, êle se limitou a dizer:

— O dinheiro!

Kenneth (de boné) contando ao irmão Jeffrey, de 13 anos, detalhes do rapto.

O milionário entregou-lhe a valise com os 250 mil dólares e voltou para casa. Nessa noite, ninguém dormiu, à espera de notícias do menino. Oito horas depois, já na madrugada de 5 de abril, Kenneth era levado para a garagem de um edifício de apartamentos de Santa Mônica e aí deixado dentro de um carro. O menino estava vendado e recebera a recomendação de não se mexer durante meia hora, nem telefonar para ninguém. Transcorrido êsse prazo, Kenneth saiu do carro e foi à portaria do edifício, de onde chamou o pai:

— Ei, papai! Eu estou aqui. E estou bem. Venha me apanhar...

Eram quatro horas da manhã. O menino completou as indicações sôbre o lugar em que se encontrava e o pai foi buscá-lo, juntamente com uma escolta da polícia. Kenneth tivera a abundante cabeleira tosada pelos raptores, para não ser fàcilmente reconhecido, e sentia certo complexo de inferioridade, por causa disso. Estava também muito sonolento. Durante as suas 72 horas de detenção, tomara três pílulas para dormir. Quando saía de um sono, entrava noutro. Ficara sob a guarda de um homem, num apartamento, e dizia:

— Não era mau sujeito. Mas, como cozinheiro, era o fim!

Imediatamente depois de sua chegada à casa, apareceram repórteres para fotografá-lo e entrevistá-lo. Kenneth Young sentiu-se um pequeno herói. De posse dos números das cédulas pagas como resgate, a polícia entrou imediatamente em ação. O Federal Bureau of Investigation resolveu tomar em suas mãos o caso, enviando trezentos de seus melhores agentes para a área californiana, onde ainda devem estar os raptores.

De mais de 700 raptos ocorridos nos Estados Unidos desde a aprovação da chamada Lei Lindbergh, em 1932, o FBI até hoje só deixou de elucidar quatro casos, incluído, entre êstes, o de Kenneth Young. Um dos mais rumorosos, entre os mais recentes, foi o rapto do filho do cantor e ator cinematográfico Frank Sinatra. Êste pa-

Foi neste lugar que Her

bert J. Young pagou o resgate de seu filho (250 mil dólares em notas de 100 dólares). Êle seguiu até êste local um homem que dirigia um Chevrolet.

gou aos raptores de Frankie Jr. 240 mil dólares. O rapaz, então com 19 anos, se achava hospedado num hotel de Lake Tahoe, de onde foi retirado violentamente a 8 de dezembro de 1963. Três dias depois, era êle pôsto em liberdade. Mas os raptores não tiveram tempo para gozar o dinheiro recebido. Eram êles John W. Irwin, Barry W. Keenan e Joseph C. Amster, todos atualmente cumprindo longas penas de prisão. Na ocasião, chegou-se a suspeitar de que o filho de Frank Sinatra se acumpliciara com os criminosos, para extrair dinheiro do pai, mas as diligências provaram que êle nada tivera que ver com os raptores, a não ser na condição de vítima.

Em alguns casos, os pedidos de resgate são rejeitados, por muito altos, sendo feitas contrapropostas. São dessa natureza os casos que estão ainda sem elucidação. Um dêsses é o de Mary Lou Olson, menina de 10 anos, raptada em 1960 do centro comercial de National City, Califórnia, cujo corpo foi encontrado 9 dias depois numa ravina de Tijuana, no México. O menino Peter David Levine foi raptado quando a caminho da escola, em New Rochelle, no Estado de Nova Iorque. Os raptores pediram 60 mil dólares. A família só pagou 30 mil. Seu corpo foi achado, pouco depois, numa praia, em Long Island, a 29 de maio de 1938. O menino Charles Fletcher Mason, raptado a 27 de fevereiro de 1936, em Tacoma, Washington, teve o seu resgate orçado em 28 mil dólares e foi encontrado, morto, na cidade de Everett, no mesmo estado. É a êsses casos que se junta, agora, o rapto de Kenneth Young, que voltou vivo e são. O FBI nunca se esquece dêsses problemas insolúveis. E os crimes de rapto nunca prescrevem.

Em cima: o exterior do apartamento da Montana Avenue, em Santa Mônica, e, embaixo, a garagem do mesmo. Nesse carro é que o menino Kenneth foi deixado de olhos vendados.

Manchete

APÓS TRÊS ANOS DE EXÍLIO NOS ESTADOS UNIDOS E NA EUROPA

JK VOLTA AO BRASIL

TRAZENDO sua filha Márcia, que se submeteu a uma operação cirúrgica em Houston, Texas, o ex-Presidente Juscelino Kubitschek regressou ao país, após três anos de exílio na Europa e nos Estados Unidos. Veio acompanhado de D. Sara e do genro, Sr. Baldomero Barbará. Sua chegada foi de surprêsa, inclusive para evitar manifestações públicas no aeroporto. Do Galeão, o ex-presidente dirigiu-se à sua residência, recusando-se a fazer quaisquer pronunciamentos de natureza política. Em seu primeiro dia, no Rio, conversou com o ex-Governador Carlos Lacerda, foi à igreja e telefonou para sua mãe, em Belo Horizonte. JK tem recebido a visita de numerosos amigos. A todos quantos perguntam porque regressou, responde: "Porque esta é a minha terra e êste é o meu povo."

Foto de JUVENIL DE SOUZA

Mais quatro candidatas a Miss Guanabara surgiram na última semana, mostrando alguns motivos pelos quais elas esperam a vitória

A FRENTE AMPLA DA BELEZA

Maria da Glória Neves não sabe qual o clube que representará no Maracanãzinho. *Sônia Maria Machado, representante do Piedade Tênis Clube, agora quer ser Miss*

Reportagem de CARLOS MARQUES ● Fotos de EVELINE MUSKAT e TARCISIO RAMOS

Vera Lúcia, Valéria e Sônia aderiram à frente ampla.

Está inaugurada a frente ampla da beleza: começou oficialmente, na última semana, o concurso para a escolha de Miss Guanabara. A vencedora será vista no Maracanãzinho, no dia 21 de junho, ocasião em que receberá a coroa e a faixa de Ana Cristina Ridzi, Miss GB e Miss Brasil de 1966. Além de Maria de Fátima, a professôra que recentemente revelamos e que alcançou grande sucesso (o cineasta Domingos Oliveira quer transformá-la em estrêla), surgiram até agora quatro novas candidatas: Valéria Sureros, Sônia Maria Machado, Vera Lúcia Castro Pelicier e Maria da Glória Meira Neves. Valéria tem 20 anos e representará o Olímpico Clube, de Copacabana. Estuda inglês para a eventualidade de ir parar em Miami. Já Sônia Maria, 19 anos em flor, garôta-propaganda de televisão, subirá à passarela em nome do Piedade Tênis Clube, embora seja tôda, mas todinha Zona Sul. Outra que tem 19 anos e nasceu em Copacabana: Vera Lúcia, candidata da Associação Atlética do Banco Moreira Gomes, fã de Carlos Lacerda, morena e alegre. Finalmente, temos Maria da Glória, amazonense adotada pelo Rio de Janeiro. Esta não sabe se concorre por um clube carioca ou por um estado-território, cujo governador já lhe fêz convite.

Guanabara. *Valéria Sureros tem 20 anos. Representa o Olímpico Clube.*

Vera Lúcia Pelicier, morena de 19 anos, é visivelmente miss. Vai dar trabalho ao júri.

IRA
UM REGIME DRAMÁTICO

A bela princesa e atriz estreante de cinema quase morreu tentando emagrecer.

Ira de Furstenberg vive dias de pânico e angústia. A película em que ela vinha trabalhando na Itália teve a filmagem bruscamente interrompida. E a bela princesa acaba de ser hospitalizada num sanatório de Milão. A ex-espôsa de Baby Pignatari é vítima de um regime de morte. Para triunfar no cinema, em concorrência com mulheres de excepcional beleza e de linhas extraordinàriamente esbeltas, ela resolveu perder os quilos que acreditava excessivos. Mas exagerou, privando-se de alimentos essenciais, supondo que poderia se nutrir apenas de alface e ovos cozidos, pontas de espargos e alcachôfras.

Na sala de paredes brancas, do sanatório de luxo, ela experimenta, agora, as primeiras melhoras. Mas permanece submetida a um regulamento draconiano, em repouso absoluto, sem poder receber ninguém. Tôdas as visitas estão proibidas. Não desapareceu o perigo de morte, provocado tanto pelo brutal regime de emagrecimento como pelo excesso de trabalho. Tão violentas foram as conseqüências das duras exigências impostas no seu organismo que se tornou imperiosa uma pausa imediata, tanto no regime como no trabalho. Os médicos, entretanto, não perderam o otimismo. Ira é jovem e tem vontade de viver. Com os cuidados que está recebendo decerto não demorará a ter alta.

Isso não quer dizer que a crise que a atingiu não tenha sido das mais inquietantes. E todos os amigos de Ira de Furstenberg estão ainda apreensivos. Para êsses amigos, ela jamais devia ter pensado em seguir uma carreira tão exte-

nuante, como essa, em que ingressou pela mão do produtor italiano Dino de Laurentiis, grande entusiasta de sua beleza e o primeiro a acreditar no seu talento. Há dois anos que a princesa não tem tido um único dia de descanso. Está sempre filmando ou estudando os seus papéis. Aos 25 anos, Ira já é uma mulher fatigada. Aos 15 anos, na idade em que a maioria das jovens são ainda simples debutantes, ela já estava casada. Aos 18 anos, era mãe de dois filhos. Aos 22, estava duas vêzes divorciada. E acreditava ter encontrado no cinema a nova razão da sua vida.

Quando Dino de Laurentiis a transformou na estrêla de Matchless, Ira aceitou com entusiasmo. Mas os papéis que o famoso produtor lhe propôs a seguir eram cada vez mais sexy, exigindo exibições plásticas para as quais acreditou que devia se preparar com o maior rigor. Em seu nôvo filme, a princesa devia aparecer quase nua. Além disso, a moda atual, no estilo girafa, tornava compreensível o seu desejo de afinar a silhuêta. Ira, entretanto, foi longe demais no seu regime, o que levou o Dr. Mário Chiarini, de Milão, a declarar: "Os regimes abusivos são piores do que muitas doenças graves. Não há regimes que possam ser prescritos para todos. É preciso levar em conta a resistência de cada um. A de Ira era nenhuma, pois ela é tão bela quanto frágil."

Ira de Furstenberg assim aparece num dos seus recentes filmes italianos. Ao lado, a princesa pouco antes de iniciar o seu drástico regime de emagrecimento, que a levou a um sanatório.

O BRASIL EM MANCHETE

FESTA EM FEIRA DE SANTANA ● Grande solenidade foi realizada em Feira de Santana, na Bahia, recentemente, para a inauguração do Parque Rodoviário e da nova estação rodoviária da cidade. Estiveram presentes ao ato o ex-Gov. Lomanto Júnior, o Sec. Flaviano Guimarães, dos Transportes e Comunicações, e o Eng.º Franz Gedeon, diretor do DER-BA.

CASA DO JORNALISTA EM BELO HORIZONTE ● Os jornalistas mineiros podem se orgulhar, hoje, de possuir uma **Casa** de fazer inveja aos colegas dos demais estados. Moderna e funcional, dotada de serviços médico-dentários, a **Casa do Jornalista** é também um dos principais centros de cultura de Minas. Seu presidente é o Sr. Virgílio Veado, que aqui aparece em companhia dos nossos diretores Senhores Adolpho Bloch, Oscar Bloch Sigelmann, Murilo Melo Filho e Dirceu Nascimento.

JACK WYANT CARIOCA ● A Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara concedeu o título de Cidadão Carioca ao Sr. Jack Wyant, adido de Imprensa da Embaixada dos Estados Unidos. Êle já possuía, por direito próprio, o título de cidadão paulista, pois nasceu em São Paulo e viveu no Brasil até 1944. Depois de se diplomar em Ciências Políticas e Jornalismo, nos Estados Unidos, o Senhor Jack Wyant ingressou, no ano de 1958, na carreira diplomática.

HORÁCIO COIMBRA NO IBC ● Para dirigir a política cafeeira do Brasil, o Presidente Costa e Silva escolheu o Sr. Horácio Coimbra, industrial, cafeicultor e banqueiro. No IBC pretende dedicar o mesmo dinamismo que permitiu, em pouco tempo, construir a maior fábrica de café solúvel do país. O Sr. Horácio Coimbra, à esq., agradece, após receber o cargo das mãos do Sr. Leônidas Bório, ex-pres. da entidade.

GÍLSON AMADO NA TEVÊ EDUCATIVA ● O Ministro Tarso Dutra, da Educação, abraça o jornalista Gílson Amado, após empossá-lo na presidência do Centro Brasileiro de Televisão Educativa. Em seu discurso de posse, Gílson Amado prometeu dinamizar o órgão, que contará, inicialmente, com uma verba de um bilhão de cruzeiros em sua instalação.

ELEGÂNCIA EM
ALTO RELÊVO...
a nova malha "haut-relief" - obra prima da maravilhosa coleção "OUTONO/INVERNO 67" DA
Rendanyl
SÃO 70 MODELOS EXCLUSIVOS "caindo de lindos"... apresentando BLUSAS, CASACOS, SAIAS E VESTIDOS em malha nobre, na mais original tessitura ("haut relief") numa notável gama de côres e matizes luminosos, diferentes...
malhas
Rendanyl
MODELOS DE SEMPRE AMANHÃ
DIB. LIDER 201

CARLOS LACERDA
rosas e pedras do meu caminho /II

Minha mulher se gaba de não entrar em pânico. Letícia tem sangue italiano, pois seu pai era dos Abruzos; mas, na minha opinião, também tem sangue de índio, sofre sem espantos. Conhece melhor do que eu as pessoas, por isso acerta quase sempre, quando acerto, e quando erro, acerta sempre. Ao conhecê-la, em 1937, não tinha a menor intenção de me casar. Disse-lhe que era feia e convencida, ela sorriu. Tocou a campainha, deu sinal de recreio às crianças que ensinava, na escolinha que funcionava na antiga sala de jantar, imensa, da Forquilha. A meninada saiu para o terreiro e ficamos conversando, ela comigo, meu primo com sua prima. Sabia que não era feia. E se era convencida, fàcilmente me convenceu. Eu montava a cavalo em Comércio, disparava até lá — e a garotada ia para o recreio.

Às vêzes telefonam-lhe: O avião que êle ia caiu no mar. Ou: Acabaram de matar seu marido.

Eu agradeço a informação e vou dormir. Pelo menos é o que ela diz. Eu é que sei.

Quando Sérgio era pequenino e morávamos num apartamento que dava para um paredão, na Rua Cardoso Júnior, em 1940, entraram uns rapazes da polícia e começaram a revistar a casa. Espiaram debaixo da cama do menino, remexeram as roupas no armário, que estávamos comprando a prestação no Kogut, anunciante da Revista Acadêmica na Rua do Catete e paciente fornecedor de móveis aos amigos da revista. Demoravam a busca, iam acordar o menino.

Os livros estão no outro quarto, disse Letícia. Disse, como se ordenasse: Saiam daqui, deixem a criança dormir. Eu já sabia o que me esperava. Ela também. Os tiras foram procurar papéis no meio da livralhada. Um sopesou o volume francês de A Origem das Espécies e disse ao outro:

Êste é o tal de Darwin, que inventou aquela história do macaco. Vamos levar.

Confiscaram também uma coleção de músicas populares mexicanas; o México ainda não era modêlo de regime, era considerado subversivo. Levaram também a Médécine Légale des Aliénés, parece que não por causa do título, mas do nome do autor: Kraft Ebing; portanto, nome suspeito. Levaram-me junto com o Darwin, o Kraft Ebing, alguns Lênines, o álbum de músicas mexicanas, para explicações que nunca me foram pedidas nos quinze dias que passei na sala dos detidos, com gente entrando e saindo, e só um ficando, um turco da Turquia chamado Alexandre Hirgué.

Hirgué chegara ao Brasil, tinha relações com altos círculos do govêrno e da sociedade, foi prêso como agente do Comintern. Na sala dos detidos, onde ficou vários meses, entrava para êle, todo dia, uma cesta com almôço encomendado do Copacabana Palace, vinho e foie gras, que repartia com os novos amigos, enquanto um velho prêso era obrigado a ficar sentado numa cadeira de pau, de castigo, na nossa frente, entre a entrada e a privada, sem poder levantar-se para nada, durante três dias. Para absolutamente nada. Sua humilhação, no regime que se chamava "à americana", era completa. Ainda não eram presos judeus por serem judeus e terem, em casa, livros de Stefan Zweig, como, em novembro de 37, aquêle comerciante da Avenida Rio Branco que chegou à sala com uns olhos espantados, preocupado com a loja que ficou aberta, e me perguntava: Porque fui prêso? O senhor sabe? Por nada. Porque o Estado Nôvo era contra os judeus, como de costume. Nem os integralistas de 38, cujas gavetas de fichas apreendidas pela polícia, depois de vazias, Hirgué aproveitou para reorganizar, nas horas vagas de sua longa detenção: um fichário sistemático dos presos entrados e saídos da sala. Era um homem eficiente e metódico. Tôda noite tinha longas conferências com autoridades da polícia. Voltava, dormia tranqüilamente. Barbeado, brunido, polido e risonho. Isto durava há meses. Mandou pintar, por sua conta, as salas da prisão. Era o anfitrião perfeito e espontâneo da sala dos detidos da Rua da Relação. Afinal o escândalo: altas autoridades policiais tentavam extorquir dinheiro de Hirgué para soltá-lo. O ministro da Turquia ameaçou fechar a embaixada, reclamou ao Itamarati. Alexandre Hirgué viera credenciado pelo govêrno turco para propor a troca de navios por café brasileiro; êsses navios transportariam carvão turco ao Brasil. Tentaram extorquir-lhe dinheiro sob a ameaça de retê-lo indefinidamente como comunista. Últimamente foi feita coisa semelhante, no Estado Novíssimo, com a conivência dos Ministros Pio Correia e Carlos Medeiros Silva, contra um banqueiro do Líbano, Joseph Beidas, por motivo ainda mais sórdido, pois o objetivo não era dinheiro, era uma chantagem política.

Em 1938, o estudo da compra dos navios por café veio parar na minha mão, para exame do Observador Econômico. Havia no processo do Conselho Técnico de Economia e Finanças cartas dirigidas ao "caro amigo Sousa Costa", ministro da Fazenda, e a outras autoridades. Naquele clima de terror policial-militar, nenhuma das personalidades que êle conhecera no Brasil teve coragem de evitar a sua prisão.

Agora, o objetivo do Govêrno Castelo, ao prender o banqueiro Beidas, foi — por incrível que pareça — tentar me atingir, certo de que êle era o "financiador do Lacerda" — como disse o ministro da Justiça, Carlos Medeiros, ao advogado do banqueiro. A verificar que eu nada tenho com o assunto, e que apenas temos o Ban-

São Paulo, 1964. Na convenção nacional da UDN, Lacerda tem sua candidatura lançada à Presidência da República. Hoje, êle diz: "Preocupa-me menos saber se vou ou não ser presidente, do que saber se ainda estarei em condições de ser o que um presidente, no meu entendimento, deve ser."

CARLOS LACERDA

"Enquanto eu estava prêso, em 1938, Letícia levava nosso menino para brincar no Cosme Velho. Ela desempenhou sempre a parte silenciosa, contida, simples e mais terrível das nossas provações."

co Intra — que está aberto e funcionando no Brasil — como um dos muitos acionistas da emprêsa que fundamos quando saí do govêrno, não soube como sair do assunto e manteve prêsa a vítima dessa chantagem política, para não ter de confessar a gafe.

Alexandre Hirgué, acusado de agente do Comintern para lhe extorquirem dinheiro foi sôlto, afinal. Dias depois, eu também. Apuraram, por conta própria, que era falsa a acusação de que, com o jornalista Osório Borba e o escritor austríaco Stefan Zweig, que não conheci senão de livro, e pouco depois se suicidava com a mulher em Petrópolis, estaríamos organizando uma associação de ajuda aos refugiados de guerra no Brasil. Livre de tão honrosa acusação, voltei. Letícia continuava a levar nosso menino, todo dia, para brincar no Cosme Velho. Ela desempenhou sempre a parte silenciosa, contida, simples e mais terrível nas nossas provações. Por isso, diz: Fiz o possível para que os meninos tivessem uma vida normal. Não queria que êles imitassem o pai. Queria que cada um fôsse uma pessoa. Acho que consegui.

Neste ponto ela não se gaba.

Em abril de 1948, eu fazia uma campanha cerrada contra a Administração Mendes de Morais, no Rio. Aceitei encontrar-me com êle, em casa de Paulo Bittencourt, diretor do Correio da Manhã, para tratar do problema das favelas. Mas vi que não se tratava de favelas, e sim de amansar a campanha contra a sua administração. Em conseqüência, redobrei de intensidade as críticas. Na noite de 16 daquele mês, fui à Rádio Mayrink Veiga, onde fazia um programa diário. Fechei o Ford verde-garrafa, placa 612, meu primeiro automóvel. Atravessei a rua mal iluminada e quase deserta. De repente, quatro homens me agarraram. Tentaram me arrastar para dentro do outro carro. Agarraram-me pelo pescoço e pelos braços. Encostei-me à parede, empurrei um com um pontapé no peito, procurei bater a cabeça de um na do outro, machuquei e fui machucado, até que me acertaram coronhadas de revólver na fronte, sôbre a arcada do ôlho esquerdo. Estonteado, mergulhei sob os homens amontoados e corri os poucos metros até a porta da estação.

Falei no rádio, com a carinhosa assistência de vários, como Edmar Machado e César Ladeira, e um cidadão de bengala, que depois tenho sempre encontrado em comícios, e me diz afetuosamente: Eu sou o homem da bengala. Fui para a redação do Correio da Manhã, onde escrevia o artigo de cada dia. Naquela noite meu irmão por parte de pai, Maurício Caminha de Lacerda, que também lá trabalhava, veio à minha mesa e me apertou a mão. Olhamo-nos, êle tão parecido com meu pai, eu de ôlho sangrando e uma dor que ia aumentando. Anos de sofrimento e incompreensão foram resgatados naquele apêrto de mão, junto à máquina em que bati, como pude, o que tinha a dizer.

Fui para o apartamento 1.001, na Rua Toneleros, 180. A essa altura, a dor era insuportável. Fiquei como cego do ôlho esquerdo. Letícia conta a sua parte: Estávamos numa recepção na embaixada italiana. Carlos saiu antes, foi para a rádio, para depois me buscar. Fiquei com Murilo e Ieda (a primeira amiga que teve no Rio, quando uma veio de Valença, a outra de Cachoeiro do Itapemirim). A certa altura, a festa na embaixada acabou. Foi o embaixador, eu acho, que afinal me contou. O rádio dera a notícia — mas acrescentou, tudo está bem. Fomos para casa. Médicos, visitas, uma confusão. Encontrei Sebastião, que tinha sete anos, chorando no quarto escuro: Sérgio, que tinha nove, abriu a porta para o pai. Os meninos lhe deram água, o sangue caía no copo.

Entre as visitas, correto como sempre, o Brigadeiro Eduardo Gomes, chefe titular da oposição. Havia na sala, já repleta, grande expectativa. Todos esperavam o que êle tinha para dizer. Com a sua voz calma de herói, êle afinal falou: Muito bom para êsses machucados é pôr em cima um pedaço de carne crua.

Comprovou-se, com a ajuda dos advogados Sobral Pinto e Adauto Cardoso e os meus colegas de jornal, que o carro era oficial, da Prefeitura do Rio, com uma placa "fria" particular, trocada numa garagem municipal. E que eram membros da tropa de choque da Polícia de Vigilância, da confiança do prefeito, hoje Marechal Mendes de Morais. Um dêles, o Canguru, notório participante do atentado, morreu pouco depois. O inquérito acabou quando o govêrno se recusou a mostrar o fichário ou acarear os suspeitos com meu cunhado e primo Odilon Lacerda Paiva, que dias antes fôra seqüestrado por um grupo que se supunha fôsse o mesmo. Tôdas as pistas estavam à mostra.

Passei o meu 34.° aniversário de ôlho vendado, cabeça amarrada, e muita dor, com o traumatismo da íris, "conseqüência das coronhadas que recebeu na fronte, impossibilitado de escrever ou ditar", disse o Correio da Manhã.

Tenho muito cuidado, quando escrevo, em não repetir, como é costume quando alguma coisa é evidente: Só um cego não vê isto, etc. Acho impróprio. Os que não podem ver com os olhos, freqüentemente vêem com as mãos e, sempre, com a alma. Isto não se deve dizer dos que não podem e sim dos que não sabem ver. Já pensaram na maravilha que é o mecanismo dos olhos? Expostos a tôdas as brutalidades, inclusive à agressão do dedo que os esfrega... Já me surpreendi, várias vêzes, treinando mentalmente para o dia em que tivesse de ficar cego. Acontece-me fazer provisão de beleza para revê-la na imaginação, se isso acontecer. São seis músculos acionando a janela, o obturador e a lente. São minúsculos, mas permitem dirigir o olhar com a desenvoltura e precisão de um refletor. O ôlho só não pode ver o seu próprio movimento. Mais delicada ainda do que a mecânica é a química da visão. As imagens formam-se numa tela, menor e mais fina do que um sêlo postal, a retina. São 137 milhões de células, um mosaico sensível à luz, que o torna rosado devido a um pigmento parecido com a vitamina A: a púrpura visual. Quando se olha algum objeto em pouca luz, êle empalidece nos lugares em que a recebe. Das 137, 130 milhões são bastões microscópicos que nos fazem conhecer a forma e a distância dos objetos. São êles que vêem as miragens e têm ilusões, que nos transferem. Isto aprendi quando a íris es-

tava em perigo devido às coronhadas de revólver recebidas na porta da Rádio Mayrink Veiga. Houve outra agressão, depois, de um coronel da Aeronáutica. Êsse quis provar que não era ladrão, agredindo-me no elevador do meu prédio. Não provou nada.

Puseram-me em casa, durante alguns dias, um guarda. Ficava sentado na área. Convidamo-lo a entrar, fazia ponto na cozinha. Tempos depois vimos no jornal que êle matou de pancada o jornalista Nestor Moreira. Era o famoso Coice de Mula. No entêrro de Nestor, os comunistas quiseram aproveitar para provocar desordem. Vi-os, conhecia-os, percebi os preparativos. O povo ia ser exposto às violências da polícia, provocadas pelo grupo incumbido dessa missão. Queriam fazer vítimas. No discurso que fiz, então, consegui acalmar o povo, evitar o que se preparava. Veio daí o apelido de Corvo, que o jornal Última Hora me deu. Muitos repetiram sem saber a origem. Alguns comunistas, não podendo explorar o entêrro como queriam, chamaram-me Corvo alegando que explorei o morto para fazer demagogia.

O apelido se desmoralizou quando, em 1960, desembarquei de Portugal trazendo um corvo minhoto, o Vicente, que ficou cinco anos no Palácio Guanabara. Quando saí do govêrno, levei-o para Petrópolis e logo êle morreu. Era um corvo muito simpático. Mas há pessoas assim: não sabem viver fora do poder.

Quando meu amigo Armando Daudt de Oliveira, que só me aparece para ajudar, me disse em 1964 que o Marechal Morais gostaria de visitar o governador do estado para trazer-nos solidariedade na luta contra o inimigo comum, que então era outro, desci para receber o ex-Prefeito Mendes de Morais no pátio do Palácio Guanabara, e lhe apertei a mão. Cumpri o meu dever, atacando-o quando merecia. Cumpri, também, ao lhe apertar a mão, quando mereceu.

O que me cabe fazer aqui embaixo, faço. Não sou juiz, sou parte ou sou testemunha. Meu juiz sabe de tudo, vê tudo. Lá em cima, é instância superior. Há quem não aprove êsse modo de proceder. Eu aprovo. Por um motivo simples: se a razão que me leva a fazer inimigos é só o interêsse público e nada mais, quando ao interêsse público convém que me entenda com os inimigos, me entendo — pela mesma razão. Do contrário, os inimigos que fazemos não é por interêsse público e sim por vaidade, ódio ou outro sentimento particular. É o que o atual governador da Paraíba, João Agripino, certa vez chamou de o meu "excesso de lógica". Êle não deixa de ter razão. Mas, nos envangelhos, dá-se a isto nome mais bonito, ao qual não tenho direito.

Certa madrugada, era estudante, tomei um pileque com alguns colegas, desci do bonde na disparada, fiz tanto barulho na rua que fui parar na delegacia. De manhã cedo, alertado por um dêsses colegas, meu pai foi me soltar. O comissário disse que me fizera recolher ao xadrez porque, ao chegar, eu havia xingado sua mãe. Meu pai observou-lhe: Autoridade não tem mãe. É evidente que exagerava. Mas, queria significar que não se deve confundir o respeito devido à autoridade — quando esta se respeita — com os sentimentos particulares; a incapacidade de distinguir entre nossos sentimentos particulares e a função pública é parte do mesmo subdesenvolvimento moral e político que faz muita gente confundir suas conveniências particulares com o interêsse público. Três vêzes três homens públicos, ou dois e meio, escreveram-me cartas xingando minha mãe, insultando minha família, etc. Um dêles chegou ao maugôsto de ler a sua literatura na televisão, depois de publicada em O Globo, jornal das famílias, defensor perpétuo da civilização cristã (e ocidental), ùltimamente bastante decepcionado com Paulo VI porque não tem concordado, ao que parece, com o modo pelo qual O Globo defende a civilização ocidental (e cristã). Acho que com a encíclica êle perde O Globo, mas ganha o mundo. Um dos bravos xingadores, o falecido Deputado e ex-Ministro Danton Coelho, dias depois, brigou com o Deputado Leonel Brizola. Foi um tal de se coçar para puxar revólver, junto à primeira fila do plenário da Câmara, onde eu estava, e nos deu trabalho separá-los. O outro veio a ser meu sucessor no govêrno da Guanabara. Atualmente, graças ao modo pelo qual se conduz no govêrno, a sua mãe, que certamente foi uma senhora digna de todo respeito, é muito mais xingada na bôca do povo do que êle conseguiu xingar, por correspondência, a minha. Deus castiga quem invoca o nome de mãe em vão. Ao terceiro chamei de cretino e, para provar que o era, escreveu palavrões; mas, pelo hábito da subserviência, deu-me o tratamento de excelência. Devolvi-lhe a carta com esta nota: Cretino não precisava provar que o é. Eu já sabia.

Sebastião Lacerda, avô de Carlos, entre as mangueiras da sua chácara de Vassouras, em 1924.

Estas noções se aprendem na infância — ou nunca mais. Não é questão de classe ou fortuna. É impressionante como o sistema de educar as crianças no Brasil não só exclui da sua formação essa parte, como prepara precisamente o oposto.

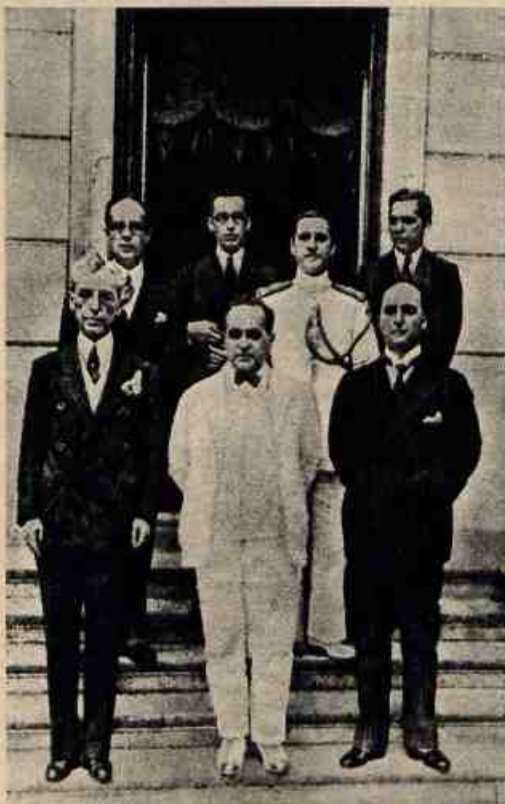
A uma geração que toma tudo isso como favas contadas, é bom contar o mistério, o inquieto deslumbramento e penosas dificuldades com que o rádio chegou à minha infância. Nos últimos tempos de vida do meu avô, foi instalado na sala de visitas da chácara o rádio, com uma antena que vinha lá de cima do morro até o terraço. Era uma caixa maior que uma tevê das grandes e tinha ao lado um alto-falante separado, em forma de trompa. Quem quisesse podia também ouvir com dois auri-fones ligados por uma tira de metal por cima da cabeça. E muitas rodelas e manivelas que, devidamente manipuladas, com a perícia de quem abre um cofre sem saber o segrêdo — "sai, você não sabe", "você quebra isso", "tira daqui êsse menino" — concedia em receber, no fim da paciência, entre roncos e zumbidos, uns acordes do Hino Nacional, uma falação roufenha, um piano de Chopin com acompanhamento de zumbidos intercalados de gargarejos e borborigmas. Aprendi o nome dos barulhos — eram chamados de "estática" — o que me deu a impressão de que êsses roncos e silvos ficavam parados no ar e invadiam a "onda". Todo mundo queria mexer no aparelho, mas cada um tinha mais mêdo de quebrá-lo. De repente o bicho enguiçava, as pessoas olhavam-no com rancor, como um inimigo embuçado, escuro, perigosamente silencioso. De repente êle dava de falar, depois bufava, exausto, e danava a assobiar. Meu avô esbravejava. Acabávamos voltando à Celeste Aída, no disco do Caruso, ou à flauta do Patápio, "gravada para a Casa Édison, Rio de Janeiro", ou àquele disco de um inglês que ri, ri, ri, até que todos riem com êle e o disco acaba. Assim conheci a eletrônica, que hoje prepara uma nova humanidade com os mesmos instintos básicos, mas outras reações. A geração que cresce com os olhos pregados na televisão, ouvindo a voz dos estranhos mais do que a de pai, mãe e professôra, tem o direito de esperar que façamos da eletrônica um instrumento de educação e não de cretinização. A tevê não é, não pode ser apenas um meio de alguns senhores ganharem dinheiro, com intervalos lúcidos. A famosa "civilização cristã" não pode ser defendida o dia inteiro pelo Batman e, de vez em quando, pelo monólogo de um figurão que vende seu peixe, ou um debate que usa muitas palavras para dizer coisa nenhuma, lançando mais confusão do que idéias. A

CARLOS LACERDA

civilização está mais ameaçada pelos que, a querendo defender, a renegam, do que por aquêles que, a querendo destruir, obrigam-na a se aperfeiçoar.

Quando me querem insultar, ou trair ou passar para trás, aludem a messianismo, carisma, ambição ou sentido missionário.

Entendamo-nos. Para mim a inteligência é um dom que importa numa grave responsabilidade. Ainda mais quando teve a possibilidade de se preparar para assumi-la. Na multidão de lembranças que me acodem êstes dias, para escrever êste roteiro de uma consciência, seria pena não ter sinceridade bastante para dizer:

1.º) Nunca tive um plano de vida no futuro. Nunca pensei, a sério, no que vou ser no ano que vem.

Getúlio com a delegação que enviou ao Uruguai, em 1930. Maurício de Lacerda é o 1.º à direita.

2.º) Sempre tive, vivamente, o sentimento de que me preparava para muitas coisas sérias, ou úteis ou belas, ou tudo isso junto.

As circunstâncias que se criam, as oportunidades que surgem, as direções que a Providência propõe ao homem devem ser tomadas por nós, não como simples oferta, mas como uma sugestão, e, às vêzes, uma ordem. Não se confunda, é claro, com o carreirismo dos que pretendem subir na vida a todo custo, pisando nos outros, chamando atenção sôbre si, gritando: Estou aqui, me aproveitem!

O que distingue a grandeza, que não é apenas um dom, de nascença, porque também se pode formar e cultivar, é a capacidade de preparar-se, aceitar responsabilidades e usar com firmeza e sem pressa as oportunidades de fazer o que sabe e o que pode. Há dias um ilustre inglês me recordava que Churchill, a maior figura dêste meio século, por volta dos 60 anos era, aparentemente, um frustrado. Mas — acrescentei — desde os 6 anos, êle sabia que não.

O sentido de que se tem missão a cumprir, seja de criar bons filhos ou de reformar uma nação, de fazer o que se sabe e o que se pode — não importa o vulto da tarefa, e sim a sua significação —, a idéia de que se deve procurar fazer bem feito tudo o que se tem a fazer, por mais simples ou arriscado que seja, faz parte dêsse sentido de missão. Também dêle é estar disponível para cumpri-la. E ser acessível, isto é, não depender de contingências; sejam as incompatibilidades pessoais, de ódio, ressentimento, suscetibilidades, as do dinheiro — excesso ou falta; as de saúde — delicada ou abalada — ou outras, de modo a ser mobilizado, a qualquer momento, para a missão a que se está, por assim dizer, destinado.

Nesta fase da vida me preocupa saber que, no passar do tempo, talvez a minha oportunidade de ser presidente da República — para a qual me preparei, venha quando a saúde já não me ajudar, e às disposições do espírito se recusarem as do corpo. Isto que alguns chamam a minha ambição, para esconder a sua, é apenas a consciência de uma tarefa a executar, de uma séria missão a cumprir — que talvez seja apenas a de ser um bom avô, envelhecendo em paz. Preocupa-me menos saber se vou ou não ser presidente, o que parece improvável a muitos amigos, mas não aos inimigos, do que saber se ainda estarei em condições de ser o que um presidente, no meu entendimento, deve ser.

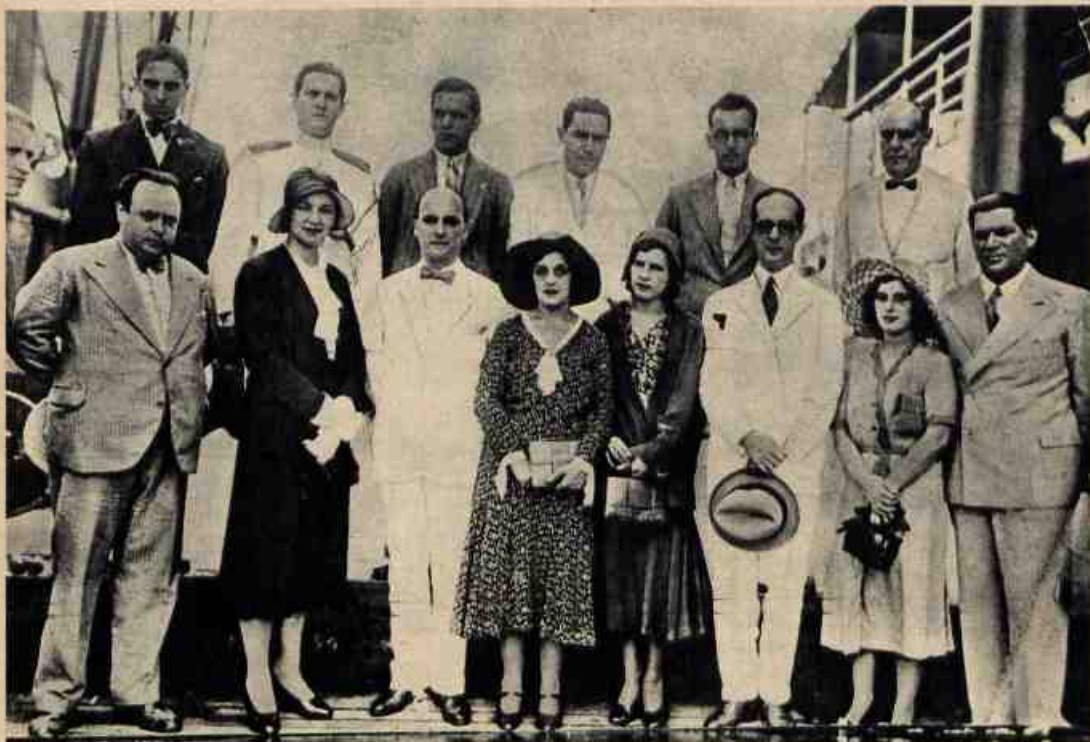
Juntamente com a idéia de missão, que nada tem de carismática no sentido de mistificação própria ou alheia, mas é ligada à Providência na medida em que ela nos dá a fôrça e a oportunidade de resolver e decidir, tenho a idéia da dificuldade. Nada do que fiz ou faço, foi ou é fácil. Em geral, minha vida tem sido uma constante natação contra a corrente, sem saber nadar.

Deve ter algo a ver com isto a estranha reação, que me impede de saber nadar — na água, quero dizer. Aos 14 anos fui à praia da Urca, onde havia um *watershoot*, um escorrega aquático. Desci por êle abaixo, tudo ótimo, a paisagem deslizando aos meus olhos, numa suave vertigem. Ao cair na água — cadê pé? Ia me afogando, só de vergonha de pedir socorro tão perto da praia. Um cidadão veio me ajudar, agarrei-me a êle.

Ponha a mão no meu ombro! êle ordenava. Mas todo êle tornou-se ombro. Afinal, consegui me agarrar num esteio do escorrega. Quem diz que tinha coragem de dar um salto para o lado da praia? O môço garantia que eu encontraria pé. Eu o olhava e temia. Reuni tôdas as fôrças, com vergonha do meu mêdo, e pulei. A ponta dos pés encostou no fundo da areia, e aqui estou. Outra vez fui com a namorada a uma piscina e ela evoluía lindamente, enquanto eu ficava na borda até que não pude mais esconder e confessei minha inferioridade: não sei nadar. Perdi prestígio, mas não perdi o mêdo. Se dá pé, nado. Mal, mas dou umas braçadas. Faltou o pé, não há auto-sugestão ou regra de natação que me faça, ao menos, boiar.

Quando analiso essa reação concluo, não sei se com razão, que ela está ligada à idéia do esfôrço para nadar contra a corrente, tem qualquer relação com a adversidade. Se já tivesse morrido, e estas palavras fôssem póstumas, poderia com maior desembaraço dizer que tenho sido distinguido por uma carga considerável, por vêzes, até inquietante, de inveja. Palavra que não vejo tamanhas razões para ser invejado; olhe que, em muitas situações, até pelo contrário. A inveja, aliás, raramente é sinal de superioridade do invejado e sim de inferioridade do invejoso. Mas isso não impede de discernir essa inveja, às vêzes antes que a sintam, assim claramente, suas próprias vítimas, ou seja, os invejosos. No Brasil, tem-se manifestado de longa data, ùltimamente com caráter epidêmico, três males na ordem moral, todos três aparentados e cada qual pior; vaidade, bajulação e inveja. Antes que me digam atacado do primeiro encerro estas considerações, que tomaram o espaço de fatos e personagens. Mas, afinal, o personagem desta história sou eu, e o dever do autor é tratar com certa consideração o seu personagem. Não fazer como aquêle sujeito que, saindo de um boteco no Beco do Escarro, em São Paulo, trouxe um desconhecido ao escritor Oswald de Andrade, que passava, e lhe disse: Quero lhe apresentar um ótimo personagem para o seu próximo livro.

Não me despeço do tema sem notar que a inveja se deve, em parte, a essa frustração nacional, que só será explicada quando a psicologia fôr uma ciência social. No Brasil, por falta de bem do povo e felicidade geral da nação, difunde-se uma espécie de inveja que se torna pessoal, mas é, antes de tudo, um fenômeno social inquietante, na base de uma série de fenômenos de frustração, como a falsa revolta — há revolucionários que são apenas revoltados, como a môça que declara guerra a uma so-

"Para meu pai, o sentido da vida pública era de uma doação, não uma reivindicação pessoal."

A delegação brasileira ao centenário da independência do Uruguai, em 30, foi chefiada por Maurício de Lacerda, como embaixador especial. Carlos está à esquerda, no alto. Aparece o casal Tasso Fragoso.

ciedade que não a convida para dançar; e uma austeridade superficial, que só existe até o dia que o austero adquire a possibilidade de fazer, para si, o que condenava quando outros faziam para todos.

Tive na minha formação exemplos positivos e negativos de tudo isso. Vi a evolução de espíritos fortes e de fracos. O imenso mundo em que se forma o espírito de uma criança, na sua imaginação, mas nem por isso menos e sim mais empolgante, penetrado pelas influências do pequeno mundo das pessoas grandes, se altera, se encolhe ou se dilata conforme as contingências, a escala de valôres, os atributos naturais e a contribuição que lhe trazem ou lhe negam os adultos.

Meu pai negou-me muito, porque tudo o que teve, o talento, o encanto, a bondade natural, não bastaram para compensar a injustiça com que foi tratado por um país que o aclamou, ao qual serviu, mas que lhe negou a oportunidade de realizar as grandes coisas a que estava naturalmente destinado. Deixou a injusta reputação de homem que só sabia destruir, a mesma em que se pretendeu me aprisionar; mas tive o que lhe foi negado, a oportunidade de mostrar que era capaz de fazer o que exigia dos outros e de não fazer o que nos outros condenava. Mas o pouco que me deu em quantidade, em qualidade foi muitíssimo. Seu sentido da vida pública era de uma doação, não uma reivindicação pessoal.

Minha mãe deu-me a lição do sacrifício, da bravura na luta pela sobrevivência de sua família, pela formação de seus filhos. Ela, que nasceu para ser protegida, teve de se improvisar em protetora. Ela, que nasceu para amar, não teve todo o amor de que carecia. Mas, na sua timidez, se transfigurou; e a criatura amena e doce pôde ser, em certas horas, brava e firme, silenciosa heroína da batalha cotidiana. O que mais me doeu, no govêrno da Guanabara, foi ter de proibi-la de servir de pistolão às pessoas tão cruéis ou tão necessitadas que a ela recorriam porque "mãe só há uma". É muita gente confia na nossa falta de resistência aos apelos do sentimentalismo à custa dos outros, que os fracos confundem com o amor. Tive de lhe falar um dia, sèriamente, do desrespeito em que as pessoas, no Brasil, tangidas não só pela necessidade, muitas pelo vício de pedir empenhos, usam mãe, avó, filho, neta, nora, genro, irmão, cunhado, compadre, amante ou namorada, os empregados, os namorados das datilógrafas ou os tios por afinidade das pessoas consideradas importantes, para obter, untuosamente, como favor, o que é um direito; e como um direito, o que não é.

Certo dia fui visitado pela parenta de um salvador da pátria que pediu uma audiência pelo sobrenome, e me levou uma linda môça cuja pretensão era servir numa escola de Copacabana, quando estava designada para bairro mais distante — segundo o critério impessoal que adotamos. Disse não querer que o parente soubesse, mas ficou claro que êle se alegraria se o acaso o ajudasse a saber que ela fôra atendida. Fiquei bastante envergonhado, imaginando como se sentiria ofendido o figurão se soubesse daquele ato de insensatez da parenta. Enganei-me, pois êle não fêz senão usar o poder que as armas lhe deram para satisfazer o seu ego com favores aos amigos e mesquinharias aos desafetos. Vi virtuosos varões da República pedir-me nomeação de retardados mentais, de picaretas para diretor do Banco do Estado, por exemplo. Quando se chegará ao progresso de preferir julgar a honestidade das pessoas por outros critérios que não, exclusivamente, o de não ligar a dinheiro? Há pessoas que não roubam, apenas, por falta de imaginação. Pois, no mais, são de uma desonestidade austera, de um descaramento escrupuloso. São o que se chama pelo eufemismo de "amigos dos seus amigos". E o povo? Ser amigo do povo é, na sua opinião, ser demagago. Com tal equipamento moral entram, impávidos, na História do Brasil e inauguram as ruas com seu nome, fazem discursos diante de seus próprios bustos em bronze. O que afinal é um sinal de modéstia; pois, desconfiando que a sua glória é passageira, tratam de celebrá-la enquanto ela está fresca.

Em 1963, meu chefe de gabinete foi visitado por um deputado que, depois de muita divagação — pois ainda por cima tomam muito tempo para anestesiar a vítima — afinal escorrupichou:

— Tenho um problema muito sério e preciso da colaboração do govêrno da Guanabara. Estou certo de que vocês não me negarão.

Carregando a fisionomia, na maior preocupação, disse — e eu resumo:

— O marido da empregada lá de casa está desempregado. Se não conseguir emprêgo para êle, o casal terá de voltar para o Norte. Quero que o governador dê um emprêgo no estado ao marido da minha empregada. Não podemos ficar sem empregada, você já imaginou que horror?

José Zobaran Filho, conhecedor da regra da casa, pediu água gelada, serviu café, atendeu o telefone, depois sorriu. Nada mais disse, nem lhe foi perguntado.

Espero que agora, na posição que ocupa, êle possa resolver o problema do marido de sua empregada.

Levaram-me longe estas reflexões. Voltemos para mais perto, ou seja, para a infância, pois tudo isso está bem longe agora.

Se meu pai lia furiosamente, seu irmão Fernando castigava o estilo e punha infinitos cuidados em não cometer nem um galicismo. Era um devoto de Camilo Castelo Branco e um moralista preocupado com as modas escandalosas e as idéias malsãs. Paulo, o mais môço, lia os doutôres da Igreja, os comentaristas de Santo Tomás; Fernando era caseiro, Paulo boêmio. Fernando era apegado à família. Padrinho de batismo, trazia-me da cidade, tôda quarta-feira, o Tico-Tico com as aventuras do menino Chiquinho, do moleque Benjamim e seu cão Jagunço. Paulo me falava dos poetas e da filosofia, num modo particular de ser sonhador, que me intrigava.

Paulo, depois Fernando, sofreram por suas idéias, às quais dedicaram a vida, sacrificando tudo mais. Tornaram-se militantes comunistas, viveram na Rússia, foram sinceros até o fim na perseguição da utopia a que os levou a sua insaciada fome de Absoluto. Enquanto meu pai caminhou para um socialismo-liberal — se é que me entendem; e exatamente porque não é fácil entender, foi tido por perigoso pelos políticos burgueses e pelos ativistas do comunismo. Manteve uma devoção algo supersticiosa mas sincera. Era maçom. Lia a Imitação de Cristo, que tinha na cabeceira. Beijava tôda noite a cruz, por piedade da infância estendida pela vida, à medida que passava tudo quanto fôra a sua tentação.

Era uma personalidade fascinante, capaz de tôdas as generosidades e de umas poucas, mas duras, injustiças até contra si mesmo. Ninguém que o conheceu pôde

CARLOS LACERDA

livrar-se do encanto de sua presença, das gentilezas de que era capaz, das atenções à maneira antiga e das audácias à maneira moderna, com que exerceu sôbre tôda gente, desde que o ouvissem, uma sedução magnética. Vi muita gente em êxtase, a ouvi-lo conversar; se era um discurso, muitos já não seriam capazes de repetir exatamente o que dizia. Cada qual ouvia o que desejava escutar; o sentido do que êle dizia tornava-se, a partir de certo momento, secundário, era como uma música, tinha um significado autônomo, as palavras desligavam-se de qualquer enrêdo, de qualquer vínculo apenas lógico; estabelecia-se uma ligação poética entre as imagens sucessivas e a imaginação das pessoas, que êle passava a comandar, a voz ora doce, ora metálica, a cabeça alta, o perfil dominador, que agigantava a sua estatura, menos que mediana, a bôca, pequena e fina, que fazia das palavras espadas cintilantes. Era mais eloqüente do que expositor, comunicava mais pela emoção do que pela razão, manejava a sátira com a agilidade de um pelotiqueiro e a verdade com a unção de um religioso, o tórax atlético sôbre pernas curtas, a pele clara, as mãos pequenas mas expressivas como as de um condutor de orquestra, o olhar de olheiras que acentuavam o prestígio das pupilas cintilantes, e a prodigiosa capacidade de comunicação, faziam de sua presença um acontecimento; onde estivesse, êle era o centro. E sabia disso.

Uma pessoa o enfrentava, com a insistência um pouco desabusada dos humildes que vêem pelo avêsso os grandes dêste mundo. Chamava-se Clara Freitas. Desde um ano até os treze, era a minha babá.

Tinha ela o gôsto exagerado da autoridade e sua vocação materna concentrou-se em mim. Era ríspida, como um treinador de boxe com o seu pupilo. Apanhei muito, a propósito de muitas coisas, como desafinar o solfejo, não falar com uma visita convencional — tomei horror de visita convencional, dessas que depois que chegam é que procuram assunto para conversar (Então, como vamos? Ih, outro dia me contaram uma! Você tem ido muito ao cinema, ùltimamente!) — ou roubar jabuticabas do quarto do avô doente; mas não tomei horror de jabuticaba. Uma vez a água da banheira tingiu-se de côr-de-rosa, do sangue que me corria quando me sacudiu pelas orelhas. Não me lembro o motivo, lembro-me do mêdo que tive de vê-las descoladas; e que ardiam, e a côr-de-rosa da água na banheira; e o meu olhar sêco silencioso para ela; e a sua encabulação. Da babá recebi, confidente inesperado, de chôfre, num desabafo, notícia precoce sôbre os acontecimentos mais íntimos da família, à qual ela se incorporou. Envelhecendo, dissolveu-se a antiga severidade. Ficou-lhe apenas a doçura e certa melancolia.

Eu era coisa sua. Criada no Colégio da Divina Providência, na Rua Pereira da Silva, para onde veio de Vitória do Espírito Santo, onde nasceu, conservou uma devoção pela Senhora da Conceição, da qual levava sempre uma medalha de prata pendurada no pescoço. Na manhã do golpe do General Lott, em 1955, anos depois de sua morte, saí do apartamento 403 da Rua Toneleros, 180, para ir juntar-me ao Presidente Carlos Luz, no Palácio do Catete. Avisado, no saguão, pelo meu vizinho, o Senador Vitorino Freire, que chegava vitorioso, de que tudo estava consumado e o presidente se dirigira para o Ministério da Marinha, safei o carro da garagem, passei na casa de Afonso Arinos, então líder da oposição na Câmara; e com o Comandante Baltasar da Silveira, de revólver na mão, fui até o cais, onde embarquei no Tamandaré para estar ao lado do presidente deposto pelos legalistas. Na confusão da despedida, entreguei Letícia e as crianças à família vizinha, de Marcelo Garcia — que tem a rara vocação de ser o amigo. Ao abrir a minha porta, na hora em que saía para a vida ou morte, na esperança de participar de qualquer resistência, vi alguma coisa brilhando no capacho de fibra de côco que havia do lado de fora. Abaixei-me para ver. Era uma medalha da Senhora da Conceição, exatamente igual àquela que a babá levou, a vida tôda, pendurada numa corrente ao pescoço.

"Na manhã do golpe de Lott, em 1955, fui juntar-me ao Pres. Carlos Luz, no Catete. Êle rumara para o Ministério da Marinha. Segui para o cais e embarquei no Tamandaré, ao lado do presidente deposto."

Quando nos mudamos para São Paulo e ela cuidava dos meus primos, Laura e Paulo, no Rio, deu de escrever, a lápis, memórias, das quais deixou apenas uns episódios. A versão da epidemia da gripe espanhola que, em 1918, matou gente a granel, é como o quadro de um grande pintor ingênuo:

"Seu Maurício chegou da Europa, tinha moléstia contagiosa em Comércio, estavam pintando a casa da Rua do Leão, a casa de Yayá na Rua Alice estava cheia, então Dr. Sebastião me mandou com o Carlos para Petrópolis, casa do Dr. Edmundo, e aí ficamos muito bem instalados em um bom quarto que tinha na varanda depois na cozinha completamente isolada do resto da casa durante o dia nós tínhamos direito a tudo mas de noite é que era isolação! E naquele canto da casa foi que a espanhola apanhou o Carlos, e agora lá era a casa do Tio mas os parentes mais chegados estavam no Rio e não se tinha notícias parecia que todos tinham morrido as poucas pessoas que estavam de pé tinham cara de defunto eu fui uma pois lutava na casa tôda porque todos estavam doentes e principalmente o meu Carlos êste era o doente mais caro, mais cuidadoso, de mais responsabilidade todos podiam morrer naquela casa mas eu não queria ver aquêle menino que eu tomava conta morrer e assim passei um mês firme vigilante de dia com todos lá dentro ajudando dona Elvira e Luiza que esta última não teve e de noite sòzinha de olhos fitos na cara de Carlos. (...) pulso e febre de 40 graus e remédio? quando ouvia o relógio da igreja bater porque no meu quarto não tinha que noites nunca mais passava o dia custava a chegar eu dava graças a Deus quando ouvia um galo cantar depois a espanhola deu nêles também que nem isto eu tinha mais! e assim fiquei com êle mal durante

8 dias e graças a Deus êle ficou bom e muito depressa se restabeleceu com 6 vidros de juglandina biscoitos leite e manteiga sem sal que eu lhe dava de 3 em 3 horas porque graças a Deus eu tinha tudo isto no quarto onde dormíamos."

"Depois os criados da casa ficaram mal sendo que o jardineiro morreu a cozinheira foi para o hospital e a copeira para a casa dos pais. Daqui do Rio não se tinha notícias parecia que todos tinham morrido fiquei na cozinha também, o quarto onde eu dormia ficava como já disse isolado do resto da casa uma noite eu senti passo junto da janela e ir direto ao quintal fiquei firme eu nada podia fazer me levantei da cama e me sentei junto de Carlos e comecei a rezar agarrada com a minha medalha milagrosa que trago sempre em uma corrente de prata no pescoço. Realmente era gatuno sim foi no galinheiro roubou tôdas as galinhas de raça que tinha só ficou um galo velho e uma galinha choca isto se viu no dia seguinte quando se foi dar comida o galinheiro estava arrombado pois era fechado a chave no meio de tudo isto estou a espera de notícias do Rio nada e a espanhola continuava em novembro recebi um cartão de seu Fernando para Carlos dizendo que estavam todos vivos com saudades. Em dezembro recebi um de D. Olga dizia que ia lá eu então preparei a roupa de Carlos e minha arrumei a mala e fiquei esperando no dia 10 D. Olga chegou de manhã e descemos neste mesmo dia no último trem dei graças a Deus!"

Em 1944, no apartamento da Rua Copacabana, 787, começou a tossir, de noite, no quarto, ao lado do nosso, onde dormia com Sérgio e Sebastião, pequeninos. Fêz as fantasias dêles, junto com Letícia, de palhaço, no carnaval. Continuou a tossir, foi ao médico, que recomendou radiografia dos pulmões. Chegou o resultado às mãos de Letícia, na véspera do dia dos anos da babá, 12 de agôsto. Os dois pulmões atacados. Combinamos esperar que passasse o seu aniversário. Naquela noite, cada vez que ela tossia, no quarto ao lado, nós acordávamos — se é que dormíamos. Olhamos um para o outro, Letícia e eu, nossos filhos estavam no quarto com ela. E ela ia nos deixar. Letícia procurava me animar mas nem sempre as mulheres sabem mentir com os olhos. No dia seguinte celebramos o aniversário com velas, bôlo, beijos. No dia seguinte levei-a até a janela no 2.º andar, que dava para o pátio da garage do prédio, e lhe falei da moléstia. Meu irmão arranjou com um colega um quarto particular, com desconto, num sanatório em Correias. Íamos visitá-la de ônibus, levando o refôrço da sua alimentação.

No fim, a babá foi diminuindo, ficou do tamanho de uma criança. Não tive mais coragem de ver suas últimas horas. Minha irmã Vera e Letícia iam vê-la, como eu fizera até então. Falava nos meninos, contava histórias, disfarçava, mas nunca falou em ficar boa. De vez em quando, quando começa a escurecer e cai um silêncio sôbre as coisas, penso nas suas últimas tardes, na varandinha do seu pequeno quarto branco.

A 18 de janeiro de 45, morreu. Pouco depois vulgarizavam-se os antibióticos. Quando, em 1948, nos casamos no Mosteiro de São Bento, tive a impressão de que ela estava vitoriosa; pois visivelmente nunca acreditou na nossa descrença.

A casa da Rua Alice, 41, vendida e derrubada, foi feita por meu bisavô. Já disse que ali nasci. Mas não disse que meu avô Lacerda fazia questão de registrar seus netos no cartório de Vassouras. Por isso, carioca de nascimento e batizado na igreja de N. S.ª da Glória do Largo do Machado, sou fluminense perante a lei. Joaquim Monteiro Caminhoá, o bisavô, que fêz a casa, médico da Marinha, fêz também a guerra do Paraguai lutando contra a epidemia de cholera morbus, em Corrientes — e a mulher a seu lado. Escreveu uma obra capital, os Elementos de Botânica Geral e Médica, editada em 1877, com 1.500 estampas precedidas desta orgulhosa declaração de naturalidade do autor: Pelo Dr. Joaquim Monteiro Caminhoá (Da Bahia). Essa obra tem vários méritos, como o de investigar e sistematizar especialmente plantas brasileiras, muitas das quais êle classificou. Entre outras inovações, êle anteviu a aplicação medicinal da penicilina. No volume I, página 1.718, escreveu: Além da utilidade geral que mencionamos acima, convém mencionar em particular, pelo menos, mais algumas que não merecem pouco ser conhecidas da ciência. O bolor (Penicillium infestans, Penicillium glaucum, fig. 1.680. Ascophora e tantos outros), é útil, porque nutre-se decompondo e destruindo as matérias orgânicas em putrefação, e de modo que o cheiro infecto não se produz, em via de regra, ou produz-se em proporções infinitamente pequenas.

Só em 1929 Sir Alexandre Fleming descobria as qualidades antibióticas da penicilina, isto é, do bolor, dêsses organismos vivos que atuam sôbre certos microorganismos.

Em 1877, no mesmo ano da publicação dos Elementos de Botânica, 6 volumes e 16 anos de trabalho, Louis Pasteur e Jules François Joubert descobriam, na França, que um micróbio pode evitar o desenvolvimento de outros; e mostraram que pode existir antagonismo entre bactérias, isto é, que um mal pode servir para destruir outro. Compare-se com êste trecho de Caminhoá:

As Mudedíneas e Mucoríneas, em geral, são úteis pelo mesmo motivo (do bolor); elas preferem sobretudo as matérias animais, pelo que são denominadas os pequenos corvos vegetais. Erradamente se acredita que elas atacam os corpos sãos. (Vol. I, pág. 1.718.)

Êta mulato bom! Como deve ser formidável saber tanto que se consegue saber antes de saber, como que advinhar o que a observação autoriza a deduzir. Esta é a minha perpétua fonte de deslumbramento no mundo das plantas, que me atrai como se no fundo de cada corola o bisavô baiano estivesse disfarçado em abelha ou besouro, para me contar o segrêdo das formas e das côres, a insolente e impudica exibição dos pistilos e dos esporos, as delirantes aventuras das plantas na primavera, o pólen que voa em busca da fecundação, a semente alada, a planta que come môsca e a que dá água aos viajantes; a luta silenciosa da transformação do sol amarelo em fôlha verde, a grandeza e decadência do botão que desabrocha e murcha, a escura semente "que primeiro morre na terra escura para renascer", o fluxo que conduz do fundo da terra, na direção do céu, os minerais em seiva transformados, até a ponta da fôlha, cuja nervura é, de todos, o desenho mais puro e mais difícil.

A história do mundo pode ser lida na beira dos barrancos, nas camadas da terra, nos seus veios. A erosão deixa-me sempre uma impressão de comêço de decrepitude do mundo. Mas também se pode conhecê-la nas árvores, que são terra e luz transformados em lenho. Desconfio sempre que os homens não são senão imitadores das coisas sem alma, e se têm alma, é precisamente para não serem confundidos com a planta, a pedra ou a minhoca — êsse verme inteligentíssimo que se contorce todo até encontrar a terra que lavra como um arado geodinâmico. Quando um amigo meu, em 1961, foi multado na Guanabara por ter derrubado em vão umas árvores, sem ao menos plantar alguma, botou empenho para relevação da multa. O governador despachou: "Indeferido. Entre as árvores e o amigo prefiro as árvores." O amigo zangou-se. Mas Joaquim Monteira Caminhoá (da Bahia), que sequer conheci pessoalmente, ficou satisfeitíssimo. Foi êle que chamou a Lota Macedo Soares, para fazer o parque do Flamengo. Foi êle que desapropriou o terreno para plantar, na Penha, o Parque Ari Barroso, o único da Leopoldina. Foi êle que pediu à Central do Brasil os seus terrenos no Engenho de Dentro para fazer o primeiro grande jardim que o subúrbio da Central teria.

E ainda há quem não acredite em alma do outro mundo!

A babá, com o pequeno Sebastião, no carnaval de 1941, em Copacabana. Seu diário é ingênuo.

No próximo n.º, 3.º capítulo: "A vitória me faz tanto bem como a derrota."

Às vésperas de embarcar para suas apresentações ao lado de Margot Fonteyn, no Brasil, o melhor e mais famoso bailarino do mundo anuncia o propósito de dedicar-se, em breve, sòmente à criação de coreografias

O SELVAGEM NUREIEV

'SOU UM HOMEM IMPULSIONADO PELA MÚSICA'

No princípio do verão de 1961, o Balé Kirov, de Leningrado, exibia-se em Paris. Os olhares de todos os franceses, que amam a dança clássica, estavam fixos em Rudolf Nureiev, que fazia incríveis evoluções no palco da Ópera. Quando terminava o espetáculo, já era o olhar de um agente soviético disfarçado que se fixava, com idêntica concentração, nas loucuras que êle praticava, em suas andanças noturnas pela cidade.

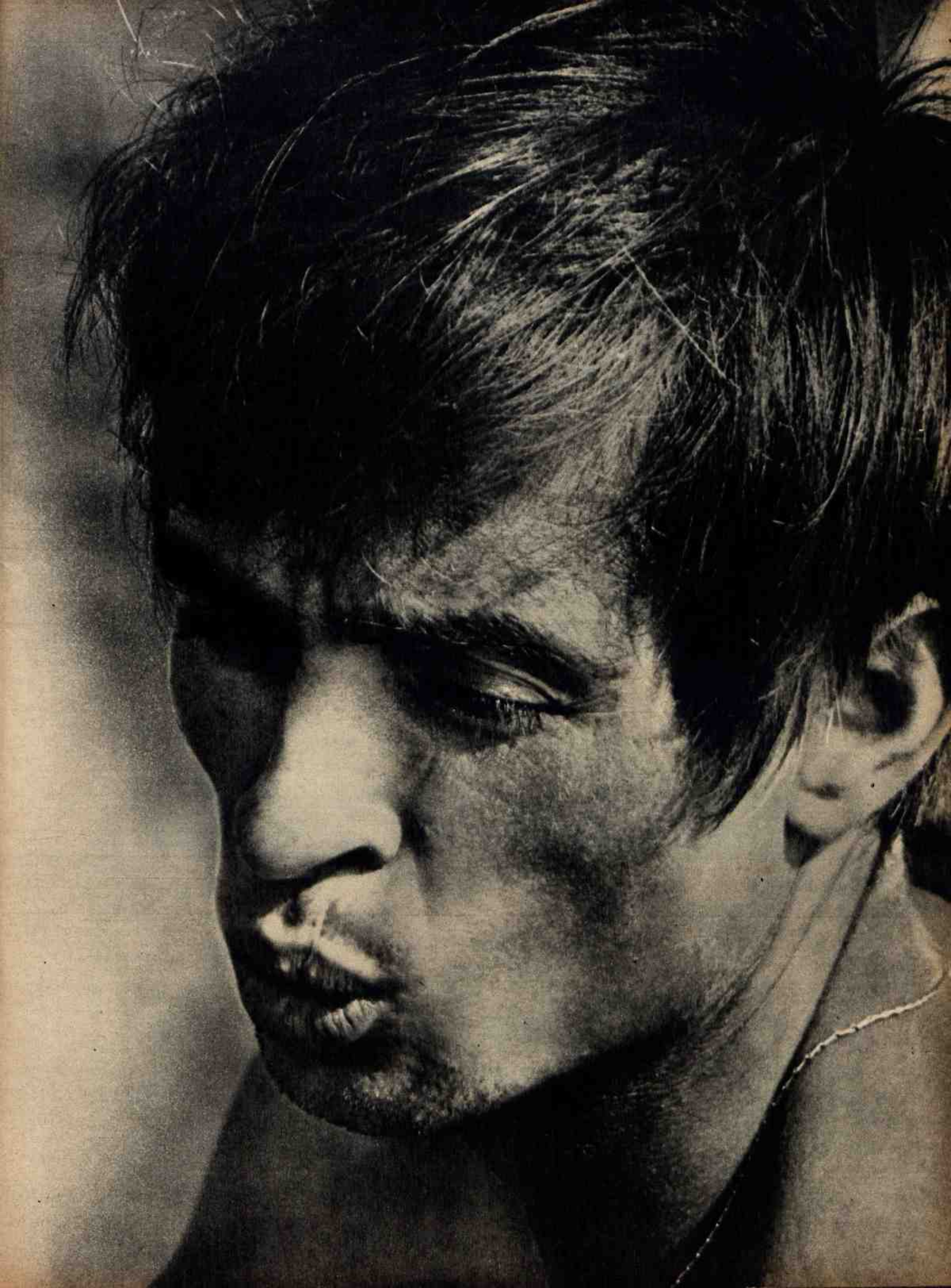
Essa sombra anônima é digna de um lugar na História. Foi ela que deu Nureiev ao mundo ocidental. Seus relatórios, precisos até nos mínimos detalhes, advertiam aos seus superiores, também anônimos, sôbre a conveniência de que Nureiev fôsse chamado de volta. Em compensação, êle levava ao conhecimento do bailarino que se tornara imperativa sua deserção. Logo vieram as intimações. Nureiev deveria retornar à Rússia, "a fim de dançar no Kremlin", depois do que, então, voltaria a integrar o balé. "Dançar no Kremlin!" — escarneceu o bailarino.

No dia 17 de junho de 1961, Rudolf Nureiev, no Aeroporto Le Bourget, executou um salto — o mais espetacular salto de tôda a sua carreira — atirando-se nos braços de dois aturdidos policiais franceses. E gritou, para que todos ouvissem: "Não quero voltar."

No dia 17 de março de 1938, um trem rodava, ao longo das margens geladas do lago Baikal, na direção de Vladivostok. Na cauda da composição, animais e aves, em plena promiscuidade, baliam, berravam e cacarejavam sua grotesca sinfonia. Num dos carros, pouco adiante, e no interior de uma cabina superlotada de gente, Rudolf Nureiev fazia a sua entrada no mundo. Um homem, que é o movimento em pessoa, nascia num trem em movimento! Igualmente, foi essa a única vez, em sua vida, que não teve uma platéia, para aplaudi-lo. "Tudo muito romântico" — diz Rudolf. "Não sou russo, sou tártaro." E se é necessário provar que as qualidades humanas são distribuídas pela natureza, sem levar em conta qualquer **pedigree**, seus pais — segundo informa orgulhosamente — descendem dos poderosos guerreiros Bashkir, de origem camponesa. "Nenhum de nós suportava morar com outro no mesmo quarto. Havia momentos em que já não podia vencer a claustrofobia. Fugia do quarto e ia procurar um lugar à beira da estrada, onde pudesse sentar e sonhar. Sonhava sempre a mesma coisa — haveria de vir alguém que me levasse embora, para sempre."

Hoje, distante da Rússia, ainda desejam que êle volte à sua terra. Mas as emoções dessa criatura extremamente sensível estão em permanente luta com seus sentimentos em relação à família. "Às vêzes já estou pronto para entrar no palco e logo recebo um telefonema da Rússia, de minha mãe ou de minha irmã. Insistem em que eu peça aos soviéticos que me perdoem e que me permitam voltar. Sei que elas não dispõem de recursos para êsses telefonemas tão caros. Mas é o govêrno, você compreende, que arca com tôdas as despesas." Na realidade, os laços de família de Nureiev estão irremediàvelmente rompidos. "O trabalho do meu pai — era um **politruk** — consistia em ensinar os soldados a serem bons comunistas. No meu caso, fracassou redondamente. Sempre desejou que eu melhorasse... Que tivesse um futuro brilhante, como intelectual. No entanto, sou impulsionado pela música e só pela música sei me movimentar." Aqui está a chave dessa complexa personalidade — cada estado de alma tem seu correspondente na composição musical.

O pai de Rudolf recusou-se a lhe proporcionar uma educação clássica. Êle aderiu a uma **troupe** local de dança popular e fugia, à noite, para se exibir em palcos improvisados. Certo dia, uma companhia de balé, em excursão pelo país, foi a Ufa — sua cidade natal. Rudolf não dispunha de ingresso e deixou-se ficar à entrada, no meio da multidão, esforçando-se por ouvir a orquestra, durante a afinação dos instrumentos. Um rápido salto para frente, uma fenda na madeira e um arranco final — e eis o intruso no interior da casa de espetáculos. Esta foi sua primeira e ilegal visão de um mundo que, hoje, se mostra satisfeito de lhe pagar um **cachê** de mil libras por apresentação. Nessa noite foi que Nureiev tomou a decisão de ser bailarino. "Custou-me anos para obter uma passagem de ida para Leningrado. Aos 17 anos, sentia-me tão mais velho em relação aos outros! Nunca me dei bem com meus professôres, pois êles me aterrorizavam." Fora de horas, porém, era senhor do seu próprio nariz. Desrespeitava a ordem de recolher. Tomava aulas particulares de

Texto de PATRIC WALKER

O que vai acontecer agora que a Volkswagen e a Vemag trabalham em conjunto?

Mais pessoas vão comprar VW.

Mais pessoas vão comprar DKW.

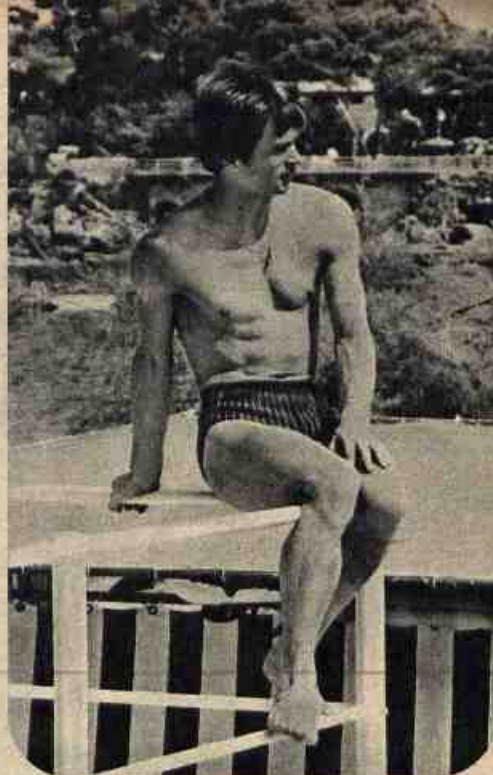
V. esperava coisa diferente?

É claro que quem vai comprar VW deve estar pensando: a Volkswagen acredita que a sua concepção técnica (motor traseiro, refrigeração a ar, tração nas rodas traseiras) é a melhor que existe. E agora está colaborando justamente com a Vemag, que acredita numa concepção técnica completamente diferente (motor dianteiro, refrigeração a água, tração nas rodas dianteiras).

Isto não significa apenas que a Volkswagen quis criar uma concorrência dentro de casa. Significa também que vai ajudar a Vemag a fabricar o DKW ainda melhor.

Da mesma forma, quem vai comprar DKW deve estar pensando: agora a Vemag poderá unir tôda sua experiência à experiência da Volkswagen.

Bom exemplo é o Contrôle de Qualidade: quando é feito por duas grandes emprêsas, os resultados são melhores. Tudo isso vai fazer mais pessoas comprarem VW. E mais pessoas comprarem DKW. Pois, se duas firmas trabalham em conjunto, não é para uma ficar mais fraca. Mas as duas ainda mais fortes.

"É claro que mudei nesses cinco anos de Ocidente. Mas no meu íntimo continuo o mesmo"

Ao lado, em Nice, com Margot Fonteyn. Em cima: um verão esportivo em Monte-Carlo.

Em 1963, Rudi com Margot, recebidos por Onassis e Callas, em Atenas.

inglês. Recusara-se a integrar o grupo de treinamento dos comunistas locais. A mesma mentalidade, em embrião, que, muitos anos depois, impeliria Balanchine, o grande coreógrafo americano, a rejeitar Rudolf até "que êle se mostrasse cansado de se fazer passar por príncipe". "No princípio, o professor da minha nova classe me ignorou. E com tôda razão. Trabalhei, porém, com afinco, e conquistei sua consideração."

Foi êsse homem que mudou o futuro de Nureiev. Estimulou-o. Disciplinou-o. Transformou o rebelde num membro conformado de um balé. "Foi a primeira pessoa a quem realmente respeitei. Seu nome era Pushkin, e se, por acaso, ainda hoje telefono para alguém na Rússia, é justamente para êle."

Depois de cinco anos de liberdade, Rudolf Nureiev permanece um homem sem lar. Nas colinas em tôrno de Monte-Carlo, possui um ninho privado, no valor de 30 mil libras, mas raramente voa até lá. Com um sorriso perverso, admite: "Se dou um pulo até lá para descansar uma semana, sempre coincide com a época das férias anuais dos empregados." Em Londres, tem residido numa sucessão de apartamentos mobiliados, cercado de sua coleção de quatro mil discos, de Peggy Lee a Bach. Nunca se esquece de dizer: "Um dia, terei, também, a minha casa e a mobília será grande, pesada e protetora." Nestes cinco anos de liberdade, Nureiev presenteou, com sua dança, as cidades principais da Europa e da América do Norte e saboreou o envolvimento da adulação ocidental. Suas chamadas de volta ao palco tornaram-se um espetáculo extra em qualquer das suas exibições. Duram quase o mesmo tempo do espetáculo.

Nureiev é um notívago e seus lugares de preferência variam de acôrdo com seu estado de espírito. Uma noite, poderá ser encontrado no Danny La Rue's, divertindo-se com suas brincadeiras extravagantes, e na outra, estará no Kensington Palace. Dirigindo seu Mercedes, bege, por longas horas e sem destino, ou simplesmente caminhando pelas ruas, anônimo no meio da multidão, sente-se momentâneamente livre de suas atordoantes variações de estados de alma e de reações — um complexo de inconsistências, gerado pela insatisfação interior. Mais maduro na arte do que emocionalmente, seu espírito é, ao mesmo tempo, plástico e receptivo. Aceita os pensamentos de poetas e de escritores de peças como se fôssem seus. Refere-se com freqüência, a "atmosferas". Em público, e às vêzes na intimidade, diz coisas que são deliberadamente desconcertantes ou sem significação. Com freqüência, repete: "É necessário que outros sejam crucificados, para que a gente sobreviva."

As cruzes que povoam suas vigílias são os encargos, prazerosamente assumidos por poucas pessoas. Nos seus cinco anos de liberdade, o círculo sempre renovado de suas amizades está quase sempre vazio, sendo ocupado, na Inglaterra, apenas por três ou talvez quatro pessoas. Uma delas é Joan Thring, amiga, secretária, dançarina de serviço e descobridora de apartamentos. Às vêzes, ela se esquece de mandar trocar o número do telefone de Rudolf e fica desorientada com o volume dos telefonemas. Outro, é Frederic Ashton, diretor do Balé Real — figura paternal, confidente, que coreografou a primeira exibição de Nureiev, na Inglaterra. A terceira é Margot Fonteyn, sua **partner** no palco, inspiradora e inspirada. E, por fim, Madame Peryaslavic — é claro —, professôra, ensaiadora, figura típica do mundo do balé.

É dos exaustivos ensaios, dirigidos por Madame Peryaslavic, no Covent Garden, que Nureiev chega, arrasado e sombrio, para seus almoços, horas mais tarde. Metido num pesado sobretudo e usando um imenso cachecol azul, saúda os que o aguardam, com sua tradicional brincadeira. "Acho que peguei uma gripe." E deixa-se cair numa poltrona, parecendo aniquilado. Chegara com uma hora de antecedência ao ensaio, numa tentativa desesperada para se mostrar pontual.

Após o almôço, caminha pelo Battersea Park, o rosto iluminado por um súbito sorriso. "É ridículo dizer que, após cinco anos no Ocidente, eu não tenha mudado. Julgo, porém, que a parte mais íntima do meu ser permanece a mesma. Não me preocupo com mudanças. Apenas procuro aprender, compreender e entrar em acôrdo com meu complexo temperamento." O Nureiev, mais profundo, permanece, na verdade, sendo um exibicionista. Estuda cada fotografia tirada, e raramente se mostra satisfeito com o que vê. Os fotógrafos, às vêzes, ficam desanimados. "Dou-lhe três minutos, fotógrafo, para bater a chapa" — é o que costuma dizer-lhes, em advertência — "e vou começar a contá-los agora." "Talvez se o senhor se afastasse um pouco. . ." — sugere o fotógrafo. "Não. Um minuto já passou!" — responde, implacável. Êle mesmo parece um negativo fotográfico — desconcertante reverso de qualquer luz ou sombra.

Neste momento, Rudolf Nureiev encontra-se numa encruzilhada. Aos 28 anos de idade, é um astro e só se vê através dêsse prisma. — "Sou um bailarino e só assim desejo ser julgado — nem mais, nem menos" — declara êle. O volúvel tártaro, entretanto, logo se contradiz, confirmando a profundidade do seu iminente dilema: "Eu me projetei na maioria dos papéis clássicos disponíveis. Julgo que chegou a hora de romper outras barreiras. Será inútil esperar que outras pessoas criem novas oportunidades para mim." Para provar seu ponto de vista, cita o caso do balé **Tancredo**, criado por êle, e que presentemente está sendo dançado em Viena. Na verdade, Nureiev não é um amador em coreografia. Recriou o **Raymonda**, do Balé Kirov, no ano passado, para o Balé Australiano e fêz sua estréia, como produtor, do balé popular russo **La Bayadère**, no Covent Garden. Ambos constituíram os pontos altos da temporada. Não foi acidentalmente, porém, que Viena se tornou o terreno de sua nova investida, no rumo de um balé diferente. Com franqueza, explica: "O Balé Real não me toma muito tempo." Mesmo quando ainda se encontrava na Rússia, tinha aspirações de criar não apenas seus solos, mas coreografias inteiras. "Minha fuga da Rússia não foi por motivos políticos, todos sabem. É que minha arte seria prejudicada se permanecesse num país onde é tabu tudo aquilo que foge ao coletivismo."

Tancredo representa a nova era do "balé psicológico", já que a ação tem lugar no interior do cérebro humano. No cérebro do seu criador, porém, estão, ainda, em desenvolvimento processos de outras atividades intelectuais, de mais largo alcance e muito além dos domínios da dança, da coreografia ou da direção. Rudolf planeja, agora, sua carreira no cinema. Afirma que deseja representar, e não dançar. Parece que, finalmente, se converteu em realidade o que vinha sendo dito, em alguns países europeus, desde que êle entrou em contato com Zeffirelli, o famoso diretor italiano. Foi um produtor norte-americano, entretanto, Cy Endfield, quem conseguiu laçar Nureiev e metê-lo na iniciativa que Zeffirelli tinha em mente. O filme, **A Gaivota — The Seagull**, em inglês — (não confundir com a peça de Tchecov do mesmo nome), começará a ser filmado, em setembro, na Costa Brava, na Espanha. "Não, não acho que Rudolf sentirá necessidade de qualquer experiência de representação para fazer seu papel" — esclarece Endfield, confiante, se não com ingenuidade. "Pretendo usá-lo como um selvagem."

PÁGINA DUPLA

Mini-autocrítica de RAQUEL WELCH

Raquel Welch depõe. Numa rápida mini-autocrítica ela diz de suas preferências e fobias, fala de coisas eternas e efêmeras, do primeiro e do segundo maridos, do cinema, da vida e de muita coisa mais.

QUALIDADES — Minhas principais qualidades são: capacidade de ser feliz e uma irremovível obstinação.

PUBLICIDADE — Sei que devo muito da minha fama a uma excelente campanha de publicidade. Mas também a um trabalho constante e duro.

Pat — A coisa mais importante que aconteceu em minha vida foi meu encontro com Pat Curtis, hoje meu marido (o segundo), na piscina do Beverly Hills Hotel, em maio de 1964. Na época, eu era ainda totalmente desconhecida. Acabava apenas de assinar meu primeiro contrato em Hollywood.

Estrêla — Ser uma estrêla é coisa que não se improvisa. É preciso aprender a ser estrêla.

Homens (I) — O melhor homem é aquêle que nos pertence. E ao qual pertencemos.

Confiança — Sempre ponho tôda confiança em tôdas as minhas tarefas. Confiança e fé cega no que se faz são atributos essenciais para se conseguir êxito.

Homens (II) — Nenhuma mulher deve entregar-se inteiramente a um homem, como uma escrava a seu sultão.

"Pouca roupa, sim; nua não."

Nua, não — Uma estrêla nunca deve aparecer inteiramente nua diante do seu público, ou de qualquer público. Pouco vestida, sim; nua, não. E nada de strip tease.

Beleza — Sei que sou bela. Mas sei também que minha beleza não é eterna.

Playboy — Posar para o **Playboy**? Nunca! Por dinheiro nenhum!

Papéis — Uma estrêla não deve aceitar qualquer papel, mas escolhê-los com cuidado, escrupulosamente.

Atriz — Não sou uma amadora, mas uma verdadeira atriz. Aos 15 anos já seguia o curso de arte dramática do San Diego State College.

Amor — Quando me casei, aos 16 anos, nada sabia sôbre o amor.

A mais — Qual a mais bela mulher do mundo? Eu, claro!

A MAIS JOVEM VEREADORA DO BRASIL

A Bahia tem a vereadora mais môça do Brasil — Ida Rêgo, de vinte anos, eleita pelo MDB (879 votos) pelo Município de Ilhéus, depois de uma campanha eleitoral de 20 dias, na qual tomaram parte, além de seu pai, Dr. Antônio Viana, seu marido, o jornalista José Rêgo, seis amigas íntimas e Zèzinho, o filho da vereadora, de apenas 11 meses de idade.

Ida fêz curso de secretariado no Instituto Mackenzie, em São Paulo, onde morou por quatro anos, e o curso de Administração de Emprêsas, na Fundação Getúlio Vargas, no Rio, durante dois anos. Em seu plano de trabalho em benefício de Ilhéus incluem-se a industrialização do cacau em Sambaituba e o aproveitamento das jazidas de cimento calcáreo, existentes na região. Para êste último empreendimento pretende contar com a colaboração das prefeituras do Sul da Bahia.

A mais jovem vereadora do Brasil, que é a segunda eleita em seu Município (a primeira, Sra. Conceição Lopes, hoje afastada da política, ajudou-a muito, comparecendo a seus comícios), já colocou em execução um plano de aproveitamento da mão-de-obra do distrito de Maria Jape, criando uma cooperativa através da qual funcionarão um setor de horticultura, de avicultura e de criação de pequenos animais. A cooperativa deverá abastecer não só Ilhéus, mas também Itabuna. Há ainda planos de incentivar a lavoura e a industrialização do dendê e seus inúmeros subprodutos, o que poderá libertar definitivamente a região do fantasma da monocultura, já que o Sul da Bahia e, principalmente, o município de Ilhéus, como conta Jorge Amado em seus romances, viviam, até bem pouco tempo, dos recursos vindos apenas do cacau.

Política para sempre.

"Se tudo der certo" — diz Ida — "pretendo fazer política o resto da vida, ocupando sempre cargos que não me afastem da minha terra, para melhor servi-la. Sei que vai ser difícil conciliar minha vida doméstica e a educação de meu filho com a atividade política, tão absorvente. Mas minha mãe é médica e nos criou muito bem, a mim e a meus dois irmãos, sem que jamais tivesse de se afastar de sua clínica. De uma coisa tenho certeza: nunca mais ficarei satisfeita ou realizada em ser só a secretária que fui."

Luzia Peltier

★ **Eu sou a mulher mais bonita do mundo**

★ **Como ganhar uma eleição em vinte dias**

★ **Quem ri com êle, quase sempre ri melhor**

★ **Costa e Silva é assunto para o mundo**

★ **Quando um goleiro vale por dois**

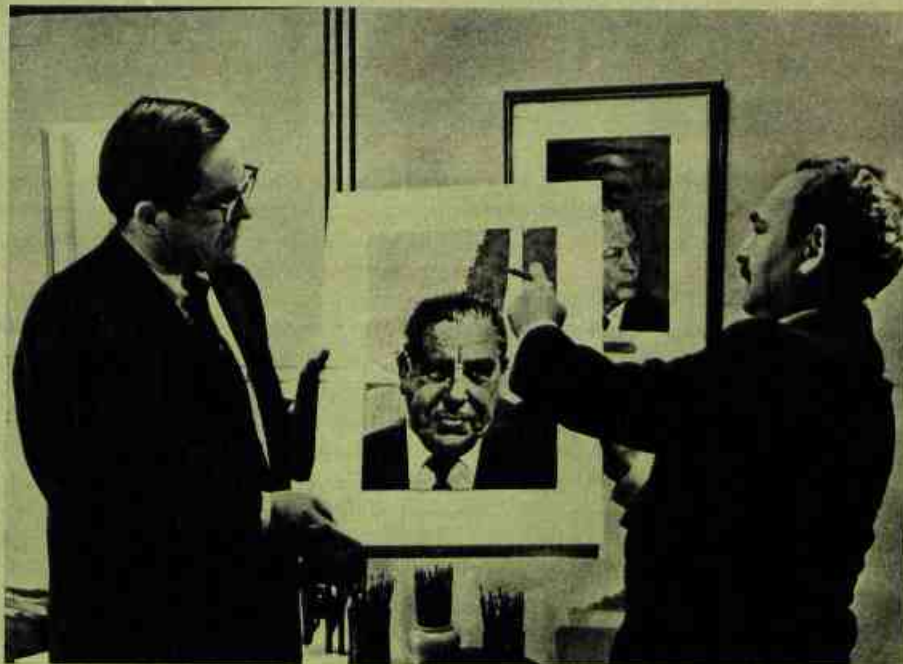
Um certo SR. ROUSSIN

"Eu brigo pelo teatro."

Quando Bráulio Pedroso recebeu o troféu Molière, pela comédia **O Fardão**, em São Paulo, quem lhe entregou o prêmio foi um francês pequenino, lépido e sorridente. Como Molière, êle escreve peças de teatro e, às vêzes, as representa. No momento, raras são as grandes cidades do mundo em que não é representado. Exemplo: em São Paulo, **Uma Certa Cabana,** no Teatro Boa Vista. Em Paris, **La Locomotive,** no Teatro Marigny. Não é preciso dizer que se trata de André Roussin. Êle pode não ser o mais importante autor francês mas é dos mais representados. Pertence à família numerosa dos autores do chamado teatro **boulevardier,** linhagem que é a de Georges Feydeau, de Tristan Bernard, de Marcel Achard. Mas costuma resolver as situações de suas peças com extraordinária economia de personagens. Um exemplo disso é **Uma Certa Cabana,** que tem apenas quatro intérpretes. Essa peça chegou ao Brasil em 1948, através de uma tradução de Brício de Abreu. Foi apresentada no Teatro Jardel, por Odilon, com o título de **A Mulher de Nós Dois.** Passou, em seguida, para o Rival, com Aimée, como **A Lógica da Poligamia** e foi transportada para o TBC, de São Paulo, com Tônia Carrero e Paulo Autran sob o título de **Uma Certa Cabana,** pouco antes de filmada, em Hollywood, com Ava Gardner e David Niven. Agora, foi novamente traduzida, pela atriz Nídia Lícia, que também a interpreta. Outras peças de Roussin dadas no Brasil: em tradução de Elsie Lessa, **A Cegonha Se Diverte** (criação de Henriette Morineau); em tradução de Henrique Pongetti, **La Mamma** criação de Derci Gonçalves); em tradução de R. Magalhães Júnior, **Helena ou a Alegria de Viver** (criação de Dulcina e Odilon), **O Marido, a Mulher e a Morte** (criação de Eva), **Os Ovos do Avestruz** e **Nina** (ambas criadas por Henriette Morineau). A última foi também representada por Procópio, com o título de **O Marido de Nina.** O chefe do elenco não quis deixar como título apenas um nome de mulher.

— Um pouco cabotino, o Sr. Procópio — comentou André Roussin com os críticos cariocas. — Mas podia ter sido pior. Em Nova Iorque, essa peça foi estraçalhada, com os papéis masculinos reduzidos ao mínimo, para que a atriz, Glória Swanson, pudesse brilhar. Contudo, deram-lhe o título de... **Adolphe!**

Suas comédias, sempre leves e risonhas, são às vêzes carregadas de problemas e de certa filosofia. Êle acha que cada teatrólogo tem a sua forma de expressão pessoal. E considera necessário trazer à cena não só o absurdo, como Ionesco, ou o desespêro, como Beckett, mas o lado humorístico da vida, mesmo quando, no fundo da comédia, há alguma coisa de drama. Algumas de suas peças continuam inéditas para nós: **Am-Stram-Gram** (a primeira, escrita em 1934), **Bobosse, Une Grande Fille Toute Simple, Un Amour Fou, La Voyante** e, finalmente, **La Locomotive.** Nesta, há um traço de romantismo: uma russa apaixonada vive um sonho de 40 anos, à espera de um amor que se perdeu na fumaça de uma locomotiva e nunca mais voltou... Autor popular de grande êxito, André Roussin rende homenagem aos jovens que fazem teatro de vanguarda: "Admiro a fôrça, a liberdade fantástica que êsses moços vêm conquistando. Êles são importantes, mesmo não tendo ainda encontrado uma forma definida de expressão." Quanto ao teatro de **boulevard,** acha que deve existir enquanto tiver o favor público: "Eu pago impostos e não recebo subvenções. É assim como o homem briga pela mulher que ama, eu brigo pelo teatro, que é a minha vida."

Betty Scheier

Glanzman desenha o presidente.

COSTA E SILVA NA CAPA DO TIME

(Nova Iorque) — Na próxima semana o Presidente Costa e Silva deverá estar presente em milhares de bancas de jornais em quase todo o mundo. Essa onipresença será possível porque o **Time** escolheu o nosso marechal para ser a capa de um de seus números dêste mês. O desenho do Presidente Costa e Silva, conforme aparecerá na capa da importante revista norte-americana, é da autoria de Louis Glanzman, artista de Nova Iorque, e substituiu um anterior, encomendado a um pintor e desenhista brasileiro. Brilha o Presidente Costa e Silva na capa do famoso semanário e brilha o Brasil no texto da revista, como assunto de uma grande reportagem que **Time** ultima sôbre o nosso país — um minucioso balanço da vida brasileira em todos os setores.

Sérgio Alberto

Qual dos dois é MARCO AURÉLIO?

É bom quando o Fla ganha.

Êles vão juntos ao Le Bateau, e se é noite de domingo, depois de uma vitória do Flamengo, as jovens indóceis não sabem se beijam o simpático goleiro Marco Aurélio ou seu irmão gêmeo, Marco Antônio. Usam camisas esporte iguais, falam com o mesmo sotaque sulino (vieram do Paraná), e cursam o terceiro ano da Faculdade de Direito do Catete. A confusão não acontece sòmente entre os admiradores de Marco Aurélio. Uma noite, em São Paulo, Marco Antônio foi visitar o irmão, no hotel onde o Flamengo estava concentrado. À meia-noite, desceu as escadas, com alguma pressa, e de repente foi cercado pelo técnico Flávio Costa: "Môço, para onde você pensa que vai? Irresponsável! Volte imediatamente." Marco Antônio fingiu não ouvir e saiu, manso. Flávio correu para avisar o chefe da delegação, mas na outra sala encontrou Marco Aurélio conversando calmamente com os colegas. Assim é, também, nas ruas: dia que Flamengo perde jôgo é um martírio para Marco Antônio, obrigado a escapar da fúria dos torcedores. Dia de vitória é um pouco melhor, mas também incômodo: êle tem de agradecer os carinhos prolongados dos rubro-negros doentes, e geralmente faz de conta que é mesmo Marco Aurélio. O goleiro, êste, não se perturba: "É bom dividir a fama com um irmão bacana, que antigamente me substituía nas provas do colégio, quando eu adoecia ou não tinha estudado na véspera."

Informação final: Marco Aurélio, o goleiro, é o da esquerda.

Carlos Marques

HENRIQUE PONGETTI

Alô, Suicidas!

CERTAS atrizes môças em pleno sucesso gostam muito de empregar uma frase, diremos assim, desapropriadora: "Eu não me pertenço: pertenço ao meu público." Mentira: pertencem a um homem e, geralmente, ao homem errado em sua vida. Vão errando de homens, errando, até que um dia descobrem que entraram em decadência física. Não, a revelação não foi do espelho: foi do mocinho que, de madrugada, se levantou do seu leito como uma sombra, no hotel de luxo, e sumiu com tôdas as suas jóias como se se indenizasse legalmente de um terrível sacrifício físico.

Algumas se matam. Arbitràriamente, vamos dizendo logo. Se elas pertencem mesmo ao público, deveriam proceder a um plebiscito nacional ou internacional: "Meus caros fãs, ponham a mão na consciência e digam com tôda a sinceridade: devo ou não devo livrá-los da minha presença neste desgraçado mundo?" Aí talvez aparecesse o homem certo, certíssimo de sua vida:

— Não, minha adorada Martine Carol, pelo amor de Deus, dê à sua **femme de chambre** êsse maravilhoso vestido que você mandou fazer especialmente para suicidar-se, para morrer **en beauté**, e venha viver comigo. Eu adoro uma bela mulher no começo do crepúsculo, quando ela se dá em cada beijo **como se fuera la última vez;** quando paga em ardência o que não nos pode dar em frescor. Balzac me alertou sôbre a sabedoria amorosa e o altruísmo sentimental das trintonas a caminho das apavorantes casas dos **enta,** as dezenas do declínio. Estou pronto a envelhecer ao seu lado e a colhêr com você todos os doces frutos de **l'âge philosophique.** Pode-se encontrar duas jovens e sedutoras almas em dois corpos que perderam sua beleza e seus apelos materiais. Venha, Martine, alguns cabelos brancos não pedem punição como se fôssem uma culpa: pedem um reajustamento da nossa concepção do amor e da vida. O êrro de vocês, atrizes de sucesso carnal com certos homens, é imaginar que no amor a vida acaba aos trinta e o inferno começa aos trinta e um.

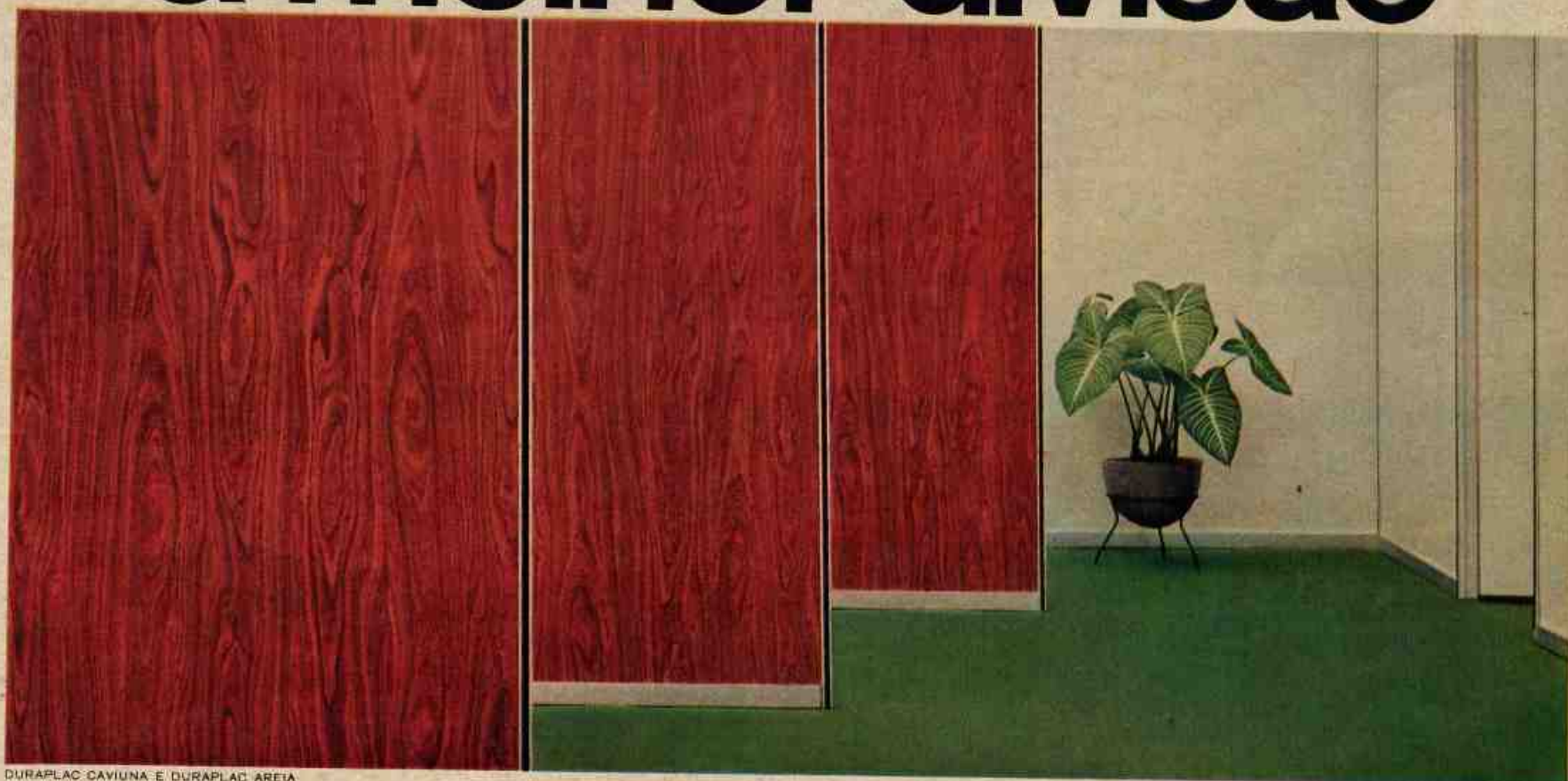
Martine Carol não fêz o plebiscito e matou-se. No comêço disseram que foi "um ataque de coração". Não! Quem atacou seu coração tolo foi ela. Alguém roubou do seu túmulo as jóias valiosas com que foi enterrada. Um garôto, talvez, se cobrando pòstumamente do tempo perdido com a "coroa", enquanto no **dancing** ao lado sua Josette se desmanchava num iê-iê frenético com os **copains** e lhe perdoava a ausência como uma boa espôsa perdoa a um fiel marido uma proveitosa viagem de negócios...

Mas Greta Garbo não se matou: escondeu o rosto desmitizado atrás de enormes óculos negros, da aba de um chapéu intemporal, nem na moda nem fora da moda, criado para ninguém reconhecer a que foi a mulher ideal numa década riquíssima de sensacionais protótipos femininos.

Outro dia Dalida tentou matar-se. Eu gosto muito da voz de Dalida, daquele temperamento explosivo oriundo da mistura de um violinista calabrês com uma egípcia. Cantando, ela me faz esquecer seu queixo másculo que os olhos doces também ajudam um pouco a feminilizar. Tinha cantado a canção **Ciao, Amore Ciao,** de Luigi Tenco, no Festival de San Remo. A canção foi eliminada nas audições preliminares, Luigi Tenco matou-se. Foi ela a primeira a entrar no quarto do jovem morto e seu vestido manchou-se de sangue. Imagino que se atirou sôbre o corpo descabelada e ululante, como num final de melodrama. Amavam-se? Talvez não. Dalida estava na idade apavorante, vizinha da dezena dos enta, e errara sempre de homens.

Mêdo de envelhecer, mêdo de não fazer mais sucesso, mêdo de ver seu coração novamente enganado e escarnecido. O sucesso moderno é abrupto, fugaz, feito de terrôres contínuos. **Quem vendeu mais discos esta semana?** Foi justamente a suicida, tirada da morte para continuar a ter mêdo da vida, que disse da sua mais jovem e feliz rival: "Pobre Mireille Mathieu, fizeram-na ficar famosa em poucos meses como uma nova marca de sabão! Desejo que dure, mas, se as coisas forem mal, a coitadinha será chutada como uma coisa inútil por Johnny Stark, que a lançou, e recomeçará o mesmo jôgo com alguma outra, sem escrúpulo nem piedade." Não palpitou se a garôta Mireille iria ter na sua vida tantos malentendidos amorosos como ela teve. Era ser Cassandra e pessimista demais, e seus quase quarenta anos dariam ao vaticínio uma amargura de despedida e de inveja.

Dalida... Martine Carol... Por homens que sabem algo das mulheres maduras de Balzac, e das delícias de **l'âge philosophique,** seriam consideradas **au point** e intimadas a viver sem saudade do passado e sem terror do futuro. Eu sei, é mais fácil fazer uma cirurgia plástica do rosto aos pés do que encontrar na vida o homem certo... O homem para a velhice.

a melhor divisão

DURAPLAC CAVIUNA E DURAPLAC AREIA

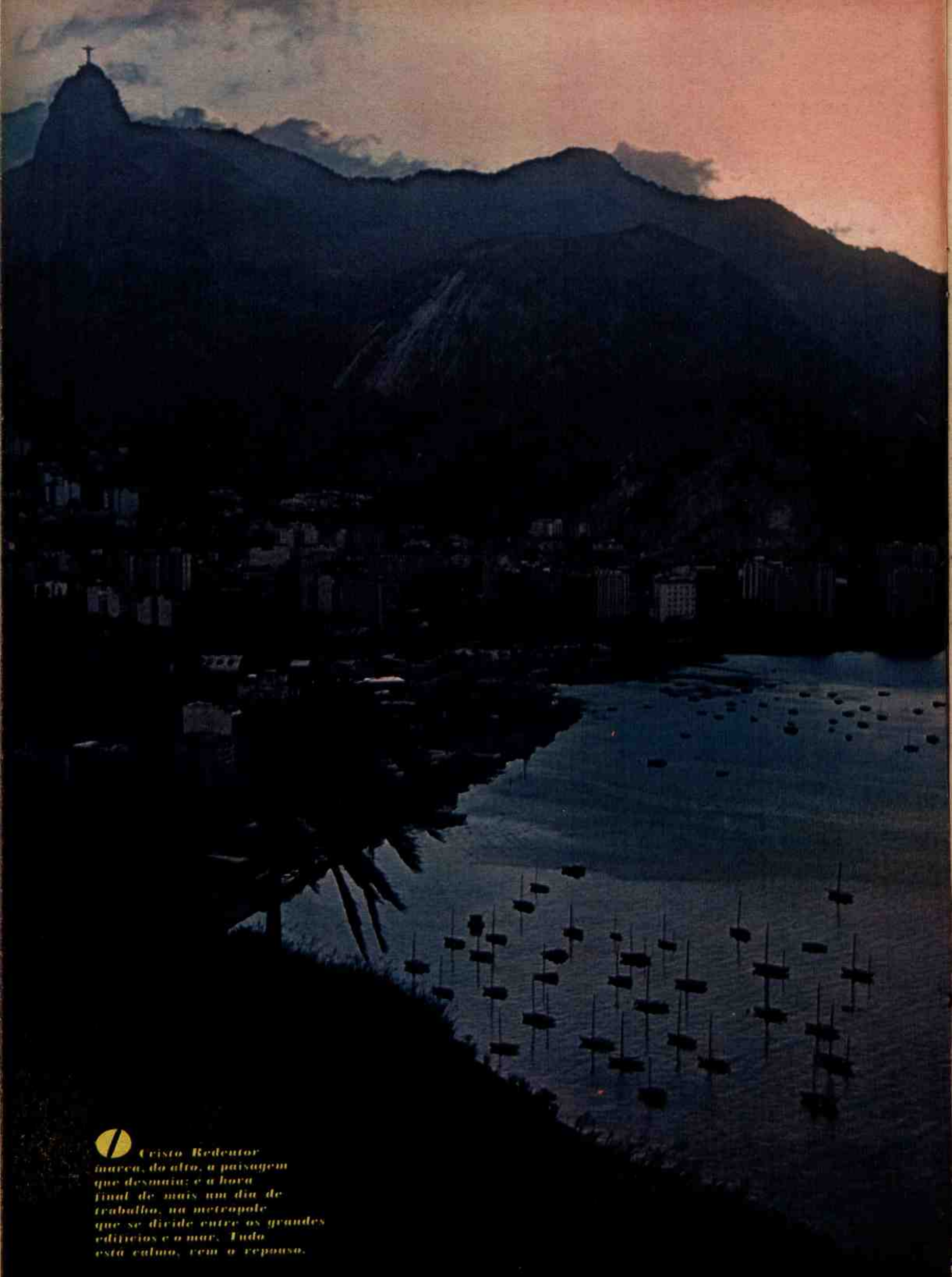
o melhor lambris

DURAPLAC JACARANDA DA BAHIA

DURAPLAC

orgulho e produto da **DURATEX** S.A.

O RIO É SEMPRE UM ESPETÁCULO

PARA DAVID DREW ZINGG, famoso fotógrafo norte-americano encantado com as surprêsas do Brasil, o Rio de Janeiro é sempre um espetáculo. Vivendo há mais de um ano nesta cidade, êle tem fixado com sua câmara os acontecimentos eternos que escapam ao olhar apressado do carioca e mesmo dos turistas. Nesta seleção de flagrantes maravilhosos, êle começa por nos mostrar o que nunca vemos, ou seja, o cair do sol sôbre as montanhas, recortando em silhuêta a imagem santa do Redentor.

O Cristo Redentor inarca, do alto, a paisagem que desmaia: é a hora final de mais um dia de trabalho, na metrópole que se divide entre os grandes edifícios e o mar. Tudo está calmo, vem o repouso.

UM ângulo de beleza, como os milhares que cercam o Rio: sempre árvores e a linha dos arranha-céus. Natureza e concreto somam pontos. Nenhum é vencedor. Na coexistência, um sinal de paz.

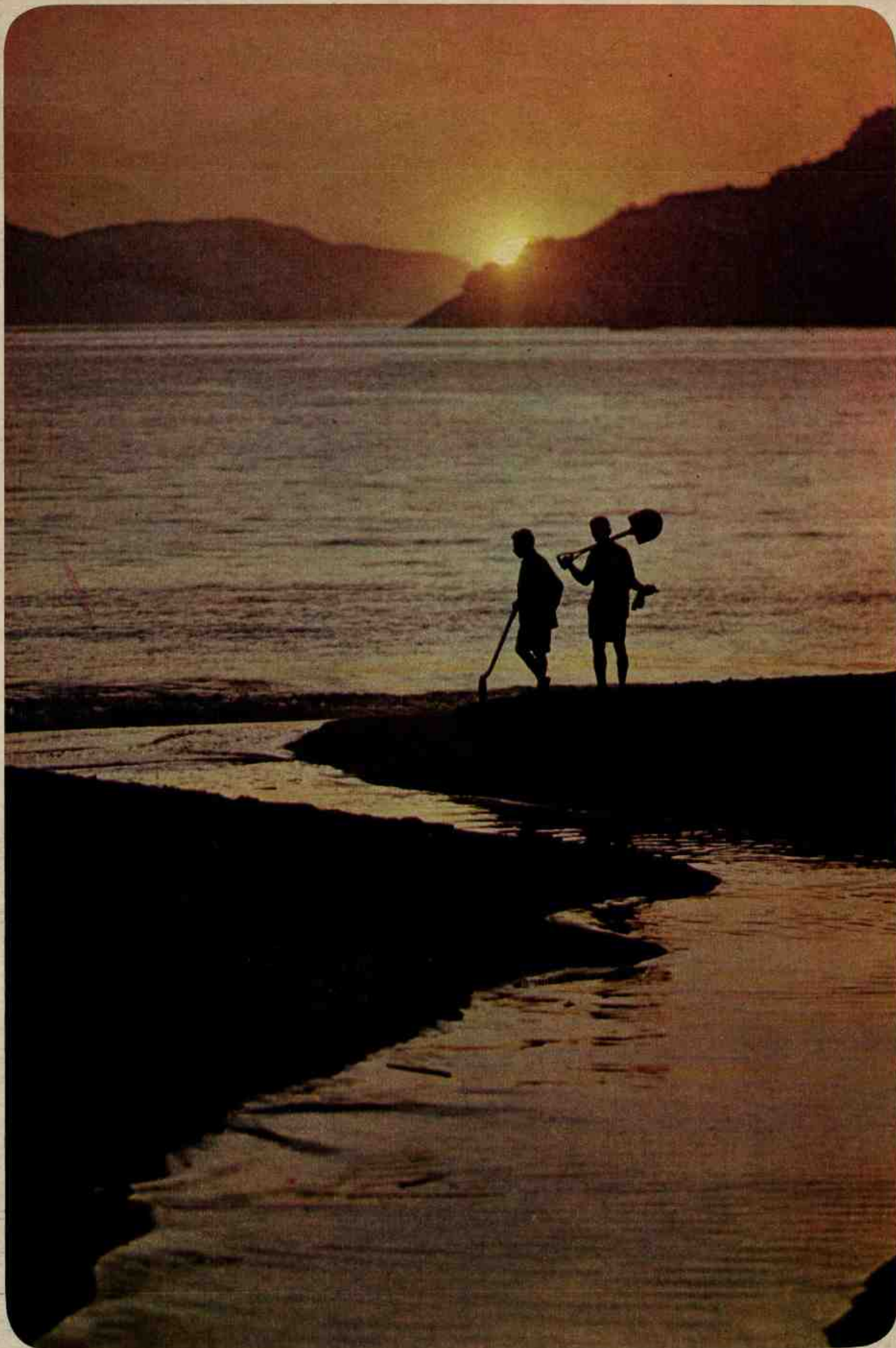
MINUTO por minuto, um espetáculo se renova, tôdas as manhãs. Sôbre o Atlântico, uma aurora limpa, horizontal, de côres fortes, um poema franco compondo uma das imagens do infinito.

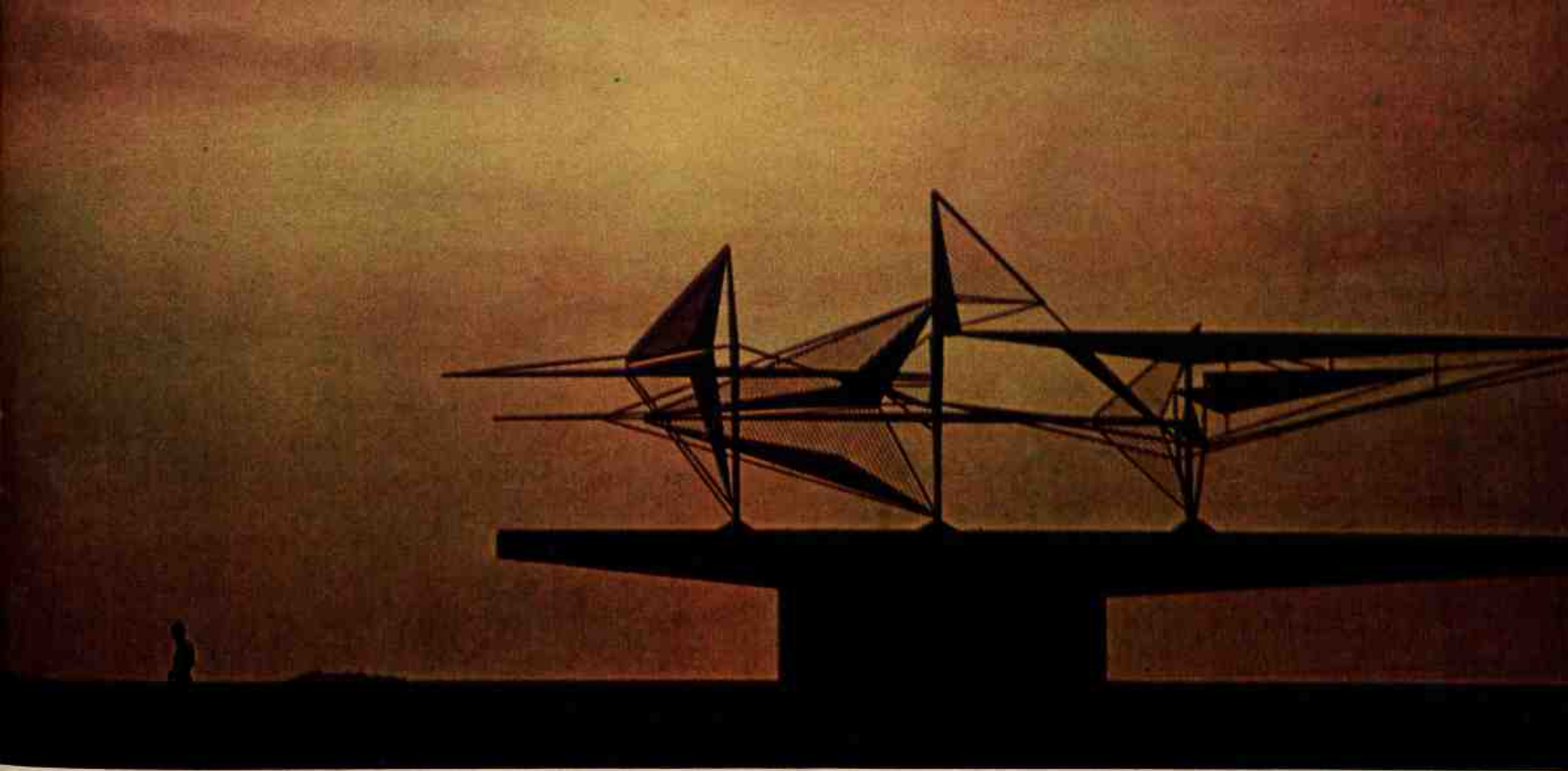
DA muralha em que se transformou Copacabana, um resto de sol, enquanto o nôvo edifício não cresce. E sempre há quem saiba usar o pequeno espaço que fica.

GRANDES rochas por testemunha; ondas maiores e menores, movimento que não pára, alegria, saúde, coragem, ainda o sol, muito cuidado: lá vem o surf.

NÃO há, na grande cidade, hora e lugar marcados para a diversão. *É um programa, comer e beber, ao ar livre, lá no Alto da Boa Vista.*

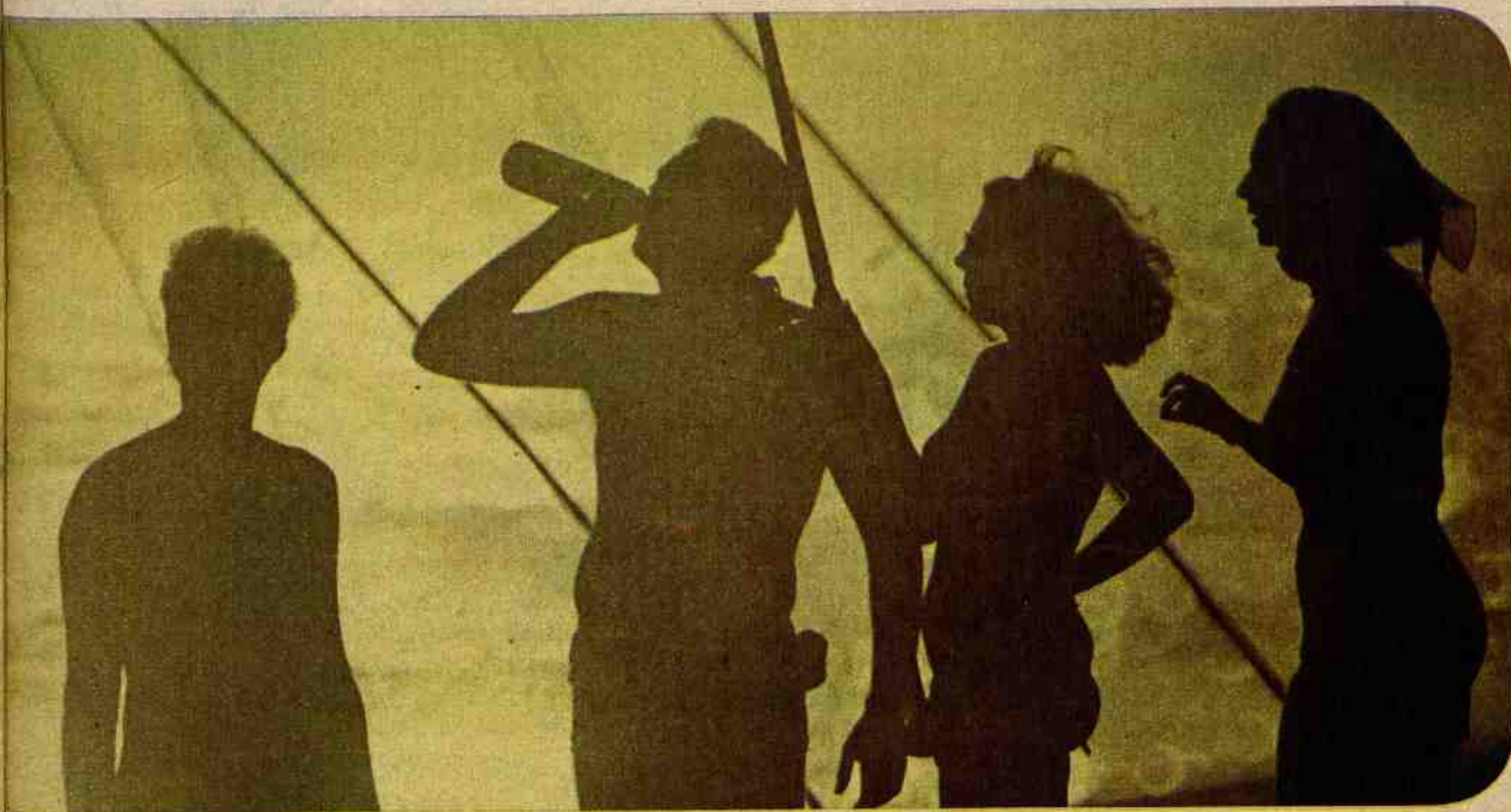
ACONTECE também que a natureza carioca, às vêzes, se excede. Nesta antiga mansão, as árvores invadem o espaço que já foi do homem.

UM pouco índia, um pouco mulata, muito brasileira. Tôdas as virtudes se unem, nos olhos quentes e na pele sensual da morena carioca.

PARA *começar bem o dia, o mar se confunde com o trabalho. De pá e enxada, êles primeiro esperam que o espetáculo se complete, e serão melhores na faina que virá pela frente.* Pois *a beleza é de todos.*

AINDA *não é a noite, é o crepúsculo. Mas as esperanças não morrem, porque amanhã, novamente, haverá uma luminosa aurora.*

QUASE um quadro abstrato, linhas puras, um contraluz que transforma o Monumento aos Pracinhas numa visão avançada do Rio. E o homem sempre ali.

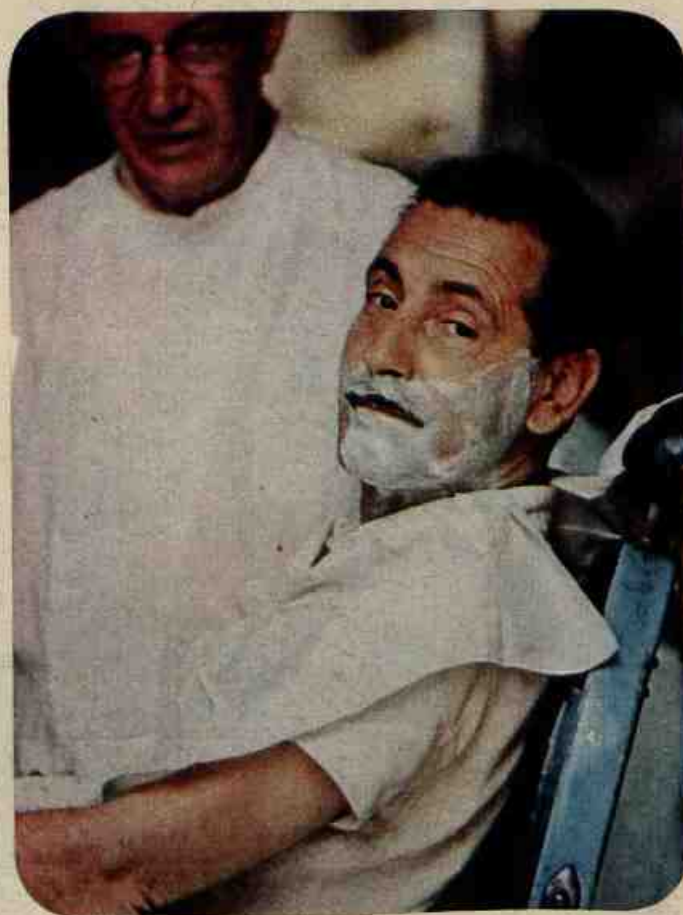
CÔRES, luz, montanhas, praia, edifícios, rochas, um espectador solitário, bastante mar: o Rio sempre dorme (ou acorda) num convívio com o sonho.

AQUI o fotógrafo chega ao ponto em que não podia faltar. O Rio se forma e se completa nas fontes da existência.

ATÉ nos momentos de descanso, a cidade marca sua presença nos reflexos de uma especial grandeza. Copacabana. 1967.

O grupo alegre percorre a manhã. Canção: é sol, é sal, é sul. E a bebida embala o ritmo certo.

DOIS cariocas se abraçam: é cena comum. O que estarão conversando com tanta ternura e identidade? De mulheres, ou do último palpite para o jôgo do bicho.

A poesia do cotidiano oferece imagens surpreendentes. O homem, sua companheira bicicleta, e as flôres. Como um pavão, êle segue em paz com a vida.

UM *carioca*: paquera. *Arte de acompanhar a mulher vista e logo amada. Mais alguns minutos, e a operação se completa ou vira fracasso. Êle insistirá.*

BARBEIRO, *onde se faz, em último lugar, a barba. Primeiro, as emoções do jôgo de futebol, a política, os negócios, a frágil vida alheia. À direita, surprêsa final com bom-humor e um pouco de surrealismo.*

Estrelinha americana sobe rápido e alto, conquistando o mundo

A CÂNDIDA CANDICE

Dois jantares, em Paris, com Robert Kennedy; um mês de filmagem com Claude Lelouch, o diretor de **Um Homem, uma Mulher**; um papel apaixonante em **O Grupo**, filme norte-americano em exibição no Rio; um olhar doce, cabelos dourados, inteligência universitária, talento e juventude fizeram Candice Bergen surgir, em poucas semanas, como a mais explosiva atriz de cinema da temporada. Ela recusou trabalhar em Hollywood, adora Paris, esnoba a glória ("quero vencer como pessoa humana, não como vedete") e tem como grande objetivo de sua vida uma viagem pelo mundo. Candy é encantadora: aos 20 anos, conquista os europeus de tôdas as idades, e do severo crítico do **New York Times**, Bosley Crowther, mereceu elogios: "Uma bomba atômica sôbre a América, um dilúvio de charme, uma sensual inteligência."

De onde surgiu Candice Bergen? Primeiro, seu pai: veterano entre os veteranos, Edgar Bergen, nos bons tempos de Hollywood, foi companheiro inseparável do famoso cômico W. C. Fields, e também palhaço de circo, ventríloquo, trapezista e, finalmente, produtor cinematográfico. Candy cresceu entre projetores, telas luminosas, espetáculos ao ar livre e risos de comédia. Aos três anos, segundo Edgar, era um "caráter selvagem". Queria saber tudo e fazer tudo. Gostava de brincar com máquinas fotográficas e pensou, sèriamente, na adolescência, em se tornar fotógrafa profissional. Logo depois, preferiu a carreira de **cover-girl**. Mas acabou mesmo numa sólida universidade da Pensilvânia, onde finalmente aprendeu a disciplinar sua vocação, encaminhada após o término do curso na direção do cinema.

Quando o diretor norte-americano Sidney Lumet resolveu filmar **O Grupo**, célebre livro de Mary McCarthy, lançou um concurso para encontrar "a mais bela jovem do mundo". Lumet exigia, porém, que ela saísse do completo anonimato, "sem nome próprio, virgem de qualquer experiência diante da câmara". Oitocentas môças, entre 18 e 22 anos, foram ouvidas pela equipe do filme, da Flórida à Califórnia, de Idaho a Nova Jérsei. A deusa desconhecida de Lumet, porém, só foi encontrada em Nova Iorque: lá morava Candice Bergen.

O sucesso de Candy em **O Grupo** foi enorme, mas de repente ela virava as costas a **Hollywood** e seguia, tranqüila, para a França: "Quero aparecer em filmes livres e inteligentes; adoro a **nouvelle vague**, e de repente surgiu a oportunidade de interpretar um personagem de Claude Lelouch. Foi um trabalho de sonho! Em dois minutos, fiquei apaixonada por Claude. Trabalhar com êle é como passar férias em companhia de um jovem munido de duas câmaras: uma sôbre o ombro, outra no coração. Claude nunca me pediu para fazer drama ou comédia, mas apenas reagir aos acontecimentos, ser uma criatura sensível, pois sua câmara registra tôdas as ações. Lelouch não filma atôres, mas sêres humanos que "imprimem" a película. O cinema não é mais uma arte mecânica; êle se tornou um reflexo do espírito, de um corpo e de uma alma. No plural, bem entendido!"

Sofisticada ou esportiva, de rosto sereno ou atormentado, Candice Bergen consegue dar aos seus papéis uma grande fôrça de beleza e juventude. Ela é considerada, na Europa, um fenômeno tão importante como o de Marilyn Monroe.

Candice, que é atriz de Lelouch no seu próximo sucesso, **Vivre pour Vivre**, não coloca freios na sua inteligência. Talvez por isso tenha recebido — o que é raridade nos meios cinematográficos — um convinte de Robert Kennedy para jantar no apartamento de Hervé Alphand, ex-embaixador da França nos Estados Unidos. O jantar se repetiu, na noite seguinte: mas já então Candy e Bob estavam sòzinhos. Segundo muitos, a noite terminou na rue St.-Bénoit, onde Candice dança muito bem o iê-iê. E a imprensa francesa teve assunto para muitos dias.

Sôbre ela mesma, diz Candy: "Não suporto a publicidade. O drama de ser famosa é tornar-se conhecida de todo mundo; saber que o seu rosto, a sua vida, passam ao domínio público, viram propriedade dos outros. Ultrapassado um certo estágio, não há mais nada a ganhar com o sucesso. Não tenho grande respeito pelos atôres: a maioria reagem mal diante da glória. Do cinema, só espero a liberdade (de ser eu mesma) e o dinheiro necessário para que eu possa viajar pelo mundo. Pois as viagens são meu vício..."

Texto de **JEAN-PAUL LAGARRIDE**

A fantástica aventura de MICHÈLE

Recuperada da cegueira, que durou dois dias, e posta em liberdade pelos vietcongues, a jornalista Michèle Ray, extremamente debilitada, foi reconduzida de avião para Saigon.

Na primeira parte do seu relato, a jornalista francesa Michèle Ray contou de que maneira foi prêsa pelos vietcongues e a primeira noite que passou no meio dêles, sob bombardeio, numa espécie de catacumba. Seus captores, em seguida, passaram a conduzi-la floresta adentro, sem que ela soubesse para onde estava sendo levada. Neste ponto, Michèle prossegue sua narrativa.

EU FUI PRISIONEIRA DOS VIETCONGUES (II)

OS HELICÓPTEROS DA MORTE

Sexta-feira, 20 de janeiro. Sinto-me melhor esta manhã. Cessaram os vômitos e pude conservar no estômago a minha refeição de arroz e peixe em salmoura. O "professor" comunista insiste comigo para que escreva os versos da **Marselhesa** e de **La Claire Fontaine**, para ensiná-los a seus alunos. Um costureiro aparece, para tirar as minhas medidas. O dia se passa, sem que eu faça coisa alguma. "Bom-dia, madame", ouço dizer. É um nôvo professor. Comunista e professor de comunismo. Nas zonas ditas "libertadas", a Frente Nacional de Libertação se encarrega da educação das crianças e dos adultos, Principalmente sob o aspecto político. Êle ficará comigo nas montanhas durante seis dias. Pequeno, nem gordo nem magro, usa óculos. É originário desta mesma província e fêz seus estudos no colégio francês de Qui Nhon. Foi professor na Universidade de Hanói de 1955 a 1962. Êle era um **vietminh** durante a ocupação dos franceses, que por algum tempo o mantiveram prêso em Huê. Sua irmã é professôra de russo na Escola Politécnica de Hanói. As cartas que êsses irmãos escrevem um ao outro levam meses para chegar ao seu destino. No momento, êle faz o papel de meu intérprete junto ao chefe do distrito da frente de combate. No seu francês impecável, me diz:

— A senhora vai partir esta noite para a montanha. É preciso que compreenda que devemos guardá-la conosco por algum tempo. Precisamos saber quem a senhora é realmente. Nossas comunicações, no momento, são difíceis. Por outro lado, devemos tomar uma decisão sôbre o seu desejo de ir para Hanói a pé. Achamos que isso revela uma grande coragem de sua parte.

Meu Deus! Estarei ficando maluca? Não, não estou. Compreendo, num lampejo de lucidez, que deve ter havido um mal-entendido com o primeiro "professor", que falava tão mal o francês. Quero dizer qualquer coisa, fazer com que êles compreendam o engano. Mas não há tempo. Êle recomenda:

— Escreva à sua família e aos seus amigos, dizendo que está em boa saúde e, talvez, a caminho de Hanói.

É uma ordem, e trato de cumpri-la. Que é feito de tais cartas? Até agora não sei.

Mudança de roupa: visto um pijama negro, feito de acôrdo com as minhas medidas. Mas continuo a usar as minhas botas norte-americanas.

Quando anoitece, partimos. **Ôlho de Lince** vem substituir **Caninos Brancos**. Êle conhece tôdas as trilhas e veredas. Agora, é a floresta, a montanha. Silenciosa? Não. **Ôlho de Lince** abre todo o volume do transistor que traz a tiracolo. Eu sorrio, e me lembro dos comentários de certa imprensa veementemente anti-americana: "Os soldados dos Estados Unidos vão para a guerra com um fuzil M-16 de um lado e um transistor do outro. "Mas, neste lado, acontece exatamente o mesmo. Apenas, aqui, a propaganda política toma o lugar de Nancy Sinatra...

Seis horas da manhã. Depois de marcharmos tôda a noite no meio do mato, começamos a descer. Chegamos a um platô. É a primeira vez que vejo uma plantação de arroz na montanha. Casas de paredes de barro, cobertas de palha. Chegamos extenuados. Desde a véspera da minha libertação, permanecemos na mesma zona. O menor ruído dos helicópteros ou dos aviões nos faz fugir para o mato, onde ficamos escondidos, ora à margem de um rio, ora entre rochedos, em cavernas dignas de um tigre. Sinto que me é impossível descrever encadeadamente o que me aconteceu, fato a fato.

Depois de vários dias, o "professor" e eu jogamos cartas. Êle tem horror de perder. E eu também. Há, nisso, como que um ponto de honra nacional, para nós ambos. Na **batalha naval**, a marinha vietnamita bate invariàvelmente a marinha real.

Há movimentos de tropas. Dois ou três soldados, por vêzes, abandonam a coluna e param numa casa. Um dêsses jovens soldados se feriu com uma faca. Está muito cheio de dengues. Eu zombo dêle.

— Sim, é verdade. Tenho mêdo de ferimentos. Tenho também mêdo de ser prisioneiro. E de qualquer espécie de sofrimento físico — diz êle.

— E da morte?

Depois de ter permanecido duas semanas como prisioneira dos guerrilheiros comunistas, nas selvas do Vietnã, Michèle Ray foi devolvida aos americanos

— É belo morrer como herói.

Talvez êle sonhe correr como Truong Thidao, êsse jovem guerrilheiro de vinte anos que, com a ajuda de três amigas, conseguiu "deter uma coluna das fôrças norte-americanos de dois mil soldados". É o que está na literatura do jornal da frente de combate, que abrange as províncias de Quang Ngai e Binh Dinh. Isso me parece uma enormidade. Mas o "professor" esclarece:

— Êles gostam de sonhar. E sabe porque os soldados "fantoches" se batem tão mal? Porque êles não sonham...

Um problema me preocupa: os norte-americanos são 400 mil. A Rádio de Hanói diz que 108 mil dêles foram mortos.

— Ou êles são agora 292 mil, ou cada um dos mortos foi imediatamente substituído — explica com a maior seriedade o "professor".

Êle me fala também do Teatro dos Exércitos. A vida dos elementos dessa companhia teatral, vinda de Hanói é difícil. Êles são uma dezena de homens e de mulheres.

— Um dêles é meu amigo — acrescenta o "professor". — É um bom artista de teatro. E é também excelente pintor. Alguns dêles foram aprisionados em Phu Cat, mas — informou êle com uma ponta de orgulho —, com a ajuda da população, conseguiram se evadir.

Eu não tive ânimo de lhe dizer que os vira, a todos, em Pleiku, num campo de prisioneiros.

Minha viagem de automóvel, de Camau a Bong-Son, é motivo de espanto. Tanto quanto os norte-americanos, êles se surpreendem com o fato de que eu tenha sido aprisionada apenas uma vez. Imaginavam que a estrada estava interrompida em muitos lugares. O "professor" confessa:

— Temos perdido terreno, mas continuamos a manter a iniciativa estratégica e tática.

— Mas vocês não se sentem derrotados?

Êle reage violentamente.

— Não. E, de qualquer modo, estamos decididos a continuar até o fim. Não podemos mais parar. Temos vinte anos de mortandade por trás de nós. Não podemos trair os nossos mortos.

— Quando fala em "nós", refere-se ao Exército Regular do Vitnã do Norte e à Frente de Libertação Nacional? Há quem fale sôbre choques entre um e outra...

— Se existem problemas, êles serão resolvidos depois. No momento, os bombardeios fizeram com que uma perfeita união se estabelecesse entre nós.

Quarta-feira, 25 de janeiro. — Hoje estou muito triste. Já faz nove dias. Sou uma prisioneira? Não. Uma convidada? Também não. Sinto, antes, que estou sob liberdade vigiada. O fato de jamais poder me isolar, de jamais poder estar só, me é penoso. **Caninos Brancos** voltou com uma môça comunista. Ela é brusca, muito brusca. O transistor de **Ôlho de Lince** me fatiga e o papelório burocrático me irrita. Fazem a triagem dos meus objetos. Procuro intervir o mínimo possível. As coisas são feitas em regra. Com recibos assinados e contra-assinados. Tudo isso me parece uma cena de **grand-guignol**. Quando os bombardeios se aproximam, ou se helicópteros chegam, corremos para o nosso esconderijo, no mato.

Sexta-feira, 26 de janeiro. — O "professor" partiu. Êle me deixou medicamentos: B-12, coagulantes, quinina, atropina, morfina, ataduras, tudo de fabricação francesa, americana ou chinesa. Eu me sinto perdida, apesar de ter aprendido umas poucas palavras da língua vitnamita, que êle me ensinou. Mas me resta uma grande amiga, uma velhinha desdentada, que me diz:

— Pensei que tôdas as francesas eram gordas e tristes...

Ela teve três filhos mortos pelas fôrças coloniais francesas.

Sábado, 28 de janeiro. — Estão bombardeando o outro lado da montanha. Devo ficar na casa. Há muitos aviões de observação. O melhor momento, para mim, é à tarde. Dois leitos de tábua, rêdes suspensas por tôda parte. Ficamos em grupos de três e quatro, sentados nos leitos, de pernas cruzadas. Jogam-se cartas, à luz de um lampião a querosene. É uma boa distração. O chefe da família distribui bananas e um dente de alho, que serve de vitamina. Mas do outro lado a batalha continua. Pela janela vemos a passagem dos projéteis iluminadores dos **drogon ships** norte-americanos.

Domingo, 29 de janeiro. — O bombardeio durou até 1 hora da madrugada. As 2 horas, todo mundo se levantou. Um matou um frango, outro foi esconder minhas coisas. Perto das 4 horas da madrugada, partimos. Caçarolas de arroz penduradas ao pescoço (eu com uma, e a comunista trazida por **Caninos Brancos**, com outra). Direção ao esconderijo.

30 de janeiro. — Um dos **beatles** asiáticos, mexendo nas minhas coisas, descobriu uma peruca. Li nos seus olhos: "Essa mulher escalpelou alguém." Penso em meu filho, Patrick, e em minha família. E no fato de que irei para Hanói a pé. Todos êsses problemas me preocupam. Encontrei em **L'Ile**, de Robert Merle — o único livro que tenho comigo —, um parágrafo que desejo enquadrar no meu diário: "Estamos vivos, e isso me devia bastar. Essa imaginação do futuro, que os alimenta, me perturba. Não mais pensar, aceitando o presente, me libertaria da angústia." Não mais pensar: eis o mais difícil. Preciso contentar-me em viver o dia-a-dia.

31 de janeiro. — Hoje, faço o papel de citadina no campo. Apesar das reticências dos meus amigos-guardas, insisto em ir ajudar a colhêr o arroz, enfiando-me na lama até os joelhos. Ainda uma vez, a alegria, os constantes sorrisos de todos êles me surpreendem. E me deixo levar. Não penso mais.

1.º de fevereiro. — Fugimos da casa às carreiras. Não tive tempo de calçar as botas. Corri de pés descalços uns dois quilômetros, mais ou menos. **Caninos Brancos** me deu suas sandálias estilo Ho Chi-Minh. Elas vieram de Hanói. Jogo fora as minhas botas americanas. Vivam as sandálias de borracha!

Sexta-feira, 3 de fevereiro. — A môça comunista partiu. Ela me disse **au revoir** bruscamente, como de hábito, mas essa é a sua maneira de ser com todo mundo. Há dois dias, temos novos pensionistas na casa. São três jovens soldados de Hanói. Um dêles está tremendo de febre. Eu lhe dou os dois únicos comprimidos de aspirina e quinina que me restam, apesar dos protestos de **Caninos Brancos**. É que o rapaz tem mais necessidade do que eu.

Faz sempre muito frio durante a noite, e por momentos, quando a artilharia cessa, tenho a impressão de ouvir o barulho das vagas, na praia distante. Creio que eu também devo sonhar. O canhão ribomba durante tôda a noite. E isso não é um sonho. Outra môça comunista, a número dois, e eu, agarradas uma à outra, sob o cobertor, batemos o queixo, de tanto frio. Os dois soldadinhos não se mexem. Com as cabeças cobertas, êles têm sempre as costas expostas ao ar frio.

Não há tempo para comer. É preciso partir: a môça comunista, **Caninos Brancos** e nossos três pensionistas. Não vamos mais na direção do rio, nem do nosso esconderijo nos rochedos, mas para o alto da montanha.

Arrozais, lama, florestas, elevações, lajedos... E, de repente, uma passagem mais ampla, pequenas clareiras, um número incalculável de esconderijos, de túneis — e no meio de todos êsses soldados, revejo os meus amigos agricultores, os habitantes bem tranqüilos de tôdas as casas em que havíamos encontrado abrigo e que, diante do perigo, se tinham transportado para lá, conduzindo arroz ou ajudando a escavar os buracos. Todos davam a impressão de que me conheciam. Uma sirene começou

A ex-prisioneira voltou às delícias da vida ocidental

O reencontro, em Paris, com o filho, foi emocionante

a soar. Era o aviso do bombardeio. Todo mundo desapareceu nos esconderijos, nos buracos, nos túneis. As moitas mudaram de lugar. Fui empurrada para um ninho de metralhadoras antiaéreas. Bruscamente, senti dores terríveis no ventre. Tive a impressão de que ia desfalecer. Precisava reagir. E o momento não podia ser pior. Depois, as árvores se tornaram escuras. Um véu negro baixou, obscurecendo tudo ao meu redor.

— Camarada Ahn! Estou cega!

Expliquei-lhe, agitando as mãos diante dos olhos abertos, que estava envolvida pela escuridão e não via nada. Ela apanhou o seu frasco de medicamento chinês e me fêz respirar. Era só o que tinha: cânfora contra a cegueira!

Para mim, a situação nada tinha de engraçada. Sentia-me mal, com a impressão de que ia morrer naquele fim de mundo, tão longe de minha família... Não pude deixar de pensar em Bion, o amável cônsul francês, morto no cativeiro e cujo corpo eu tinha ido procurar, trinta dias antes. Então eu dizia, gracejando: "Sou capaz de enfrentar qualquer situação perigosa e pode acontecer comigo o que aconteceu a Bion. Mas eu não gostaria que o meu corpo fôsse enterrado **num lugar qualquer!**" Agora, parecia-me que tivera uma premonição. Estava **certa** de que ia morrer.

As primeiras bombas foram lançadas. Meus ouvidos eram a minha única comunicação com o mundo exterior. O tempo que o bombardeio durou me pareceu uma eternidade. Depois, de súbito, do mesmo modo que perdera a vista, eu a recuperei. As imagens da môça comunista e de **Caninos Brancos** aos poucos foram se tornando definidas e, por fim, ficaram nítidas. Eu via! O pesadelo terminara! Mas ainda me sentia muito fraca. Contudo, era imperioso prosseguir, agora descendo rumo ao vale. A segunda onda de aviões norte-americanos apareceu. A descida era difícil. Mesmo assim, alcançamos o vale e paramos na primeira casa, entre arrozais. Gostaria tanto de me estender no chão, em pleno sol! Entretanto, só me era permitido ficar dentro de um quarto de dois metros por dois, sem luz, sem janelas, com a porta fechada.

Deitei-me numa rêde. Não compreendia mais nada. Prisioneira? Gostaria de protestar, de sair. Mas a fadiga me impedia, e acabei por adormecer. No meio da escuridão, a môça comunista me trouxe a comida. **Ôlho de Lince** reapareceu. Êle vinha, de hora em hora, colocar a mão sôbre minha fronte, para verificar se eu estava febril. Várias mulheres e crianças me trouxeram bananas, cada uma por sua vez. Eu não podia compreender aquilo. De uma parte, grande solicitude e extrema gentileza. Mas, por outro lado, não me deixavam ultrapassar aquelas quatro paredes. Porquê?

Domingo, 5 de fevereiro. — Não estou mais reclusa, mas ao sol. Tôda a manhã, uma fila quase ininterrupta de soldados passou a uma centena de metros. Êles descem da montanha e se dirigem ao outro lado do vale. O bombardeio de ontem provàvelmente atingiu o objetivo e êles mudam o seu quartel-general. Quem agora aparece é meu amigo, o "professor" comunista. Atiro-me a seus braços! Vou, enfim, falar francês outra vez e me fazer entender. Mas recebo uma notícia que me desnorteia. Agora, eu estava acreditando que era uma convidada, ao contrário de ontem, quando me considerava uma prisioneira. Êle diz:

— Você é uma mulherzinha terrível! Mas tenho uma boa surprêsa para você. Nós vamos **levá-la esta** noite para Tam-Quan, e amanhã a libertaremos. Você não pode prosseguir rumo a Hanói. Isso não é possível sem uma decisão vinda do alto...

Libertada? Ainda não compreendo como tive tal fortuna. Minha sorte foi ainda maior: os soldados do outro lado tinham encontrado o meu carro.

Com o "professor" havia chegado o chefe da Frente Nacional de Libertação na Província de Binh-Dinh, homem de uns 35 a 40 anos, que passara sete ou oito anos em Hanói. Vestia a tradicional roupa amarela e tinha um Colt na cintura. Tive a impressão de que êsse revólver, fabricado nos Estados Unidos, era um símbolo de sua autoridade. Era como se êle proclamasse: "Eu já mandei um norte-americano para o outro mundo!" Em matéria de cordialidade, o chefe não foi exceção. Como os outros vietcongues, dez minutos depois tirava a carteira e começava a mostrar retratos de família: instantâneos da mulher, dos filhos e, também, a foto de Ho Chin-Minh... Do outro lado, aliás, é a mesma coisa. Só que nenhum soldado norte-americano carrega a fotografia de Lyndon Johnson...

O dia é lindo. Caminhamos através do amplo vale, sob o céu azul, entre arrozais que a brisa faz ondular e entre coqueirais que parecem não ter fim. Mulheres com cêstos enormes às costas colhem arroz, enquanto passamos apressadamente. As crianças correm atrás de nós. Dois cesteiros que trabalhavam à porta de uma casa gritaram para mim: "Bom-dia, **monsieur!**" Nenhum ruído, nenhum canhão despejando obuses. Parece reinar a paz outra vez. Mas, no flanco da montanha, há casas calcinadas. Foi onde caíram as bombas incendiárias de **napalm**. É a guerra, sim. Mas, hoje, essa guerra parece ter sido esquecida.

Numa casa clara, de paredes recém-caiadas, uma excelente refeição nos espera. Há mesa e bancos. Já havia perdido o hábito de comer tão bem. Umas vinte tigelas apresentam iguarias diversas. Bebe-se água de côco, em côcos verdes. Dezenas de olhos risonhos, curiosos e enternecidos, me observam. Eu me sinto não apenas objeto de curiosidade: compreendo, mesmo, que estou sendo adotada.

Não paro de falar. O "professor" me serve de intérprete. Há uma grande excitação, que certamente dissimula alguma tristeza. Dão-me presentes: livros comunistas com dedicatórias, uma vasilha para arroz, feita com um **container** de **napalm**, e uma bandeira da Frente Nacional de Libertação, datando de 1960. Êles me dizem:

— Os soldados **do outro lado** decerto **tentarão lhe tomar isso. Mas** procure conservar. É um presente que exprime a nossa amizade por você. Não é um presente político...

O chefe provincial, de pé, fala cerimoniosamente:

— Pensamos em libertá-la antes. Mas a senhora ficou doente e nós tivemos mêdo...

Depois de uma tirada política, sôbre as aspirações da Frente Popular de Libertação, prosseguiu:

Será deixada no mesmo lugar em que foi aprisionada. Se quiser voltar a ver-nos, venha na quinta-feira, o dia da festa de confraternização. Nesse dia, os soldados vietnamitas **do outro lado** não pegam em armas. Nós também não. Teremos alguém vigiando a estrada. Mas, fora dêsse dia, não volte nunca mais. Há um provérbio vietnamita que diz: "Se sairmos muitas vêzes à noite, um dia veremos um fantasma." A senhora teve muita sorte. Não deve abusar dela...

Nossa pequena reunião durou de duas a três horas. Depois, nova refeição. Em pleno festim, a artilharia começou a troar, cada vez mais perto. Fui para o **bunker**, pela última vez. Quando o bombardeio terminou, a comida estava fria e era preciso partir, iniciando a última marcha. **Ôlho de Lince** se levantou:

— Sentimo-nos felizes por saber que vai retomar a sua vida, encontrar-se com seu filho e com sua família, ao passo que nós não temos a mais leve esperança de voltar a revê-la um dia, embora já tão habituados à sua companhia...

Deixei-o lá. E lá deixei também o "professor". Parto sòmente com **Caninos Brancos** e o chefe provincial. Impossível acender um lampião. Noite negra, sem lua. Em fila indiana, seguimos por um caminho estreito, que bordeja uma série de fossos-armadilhas, cheios de farpas envenenadas. Mal posso distinguir o pequeno reflexo de um chapéu cônico que me antecede. Nas passagens mais difíceis, dão-me a mão. Tenho todos os meus sentidos extremamente aguçados enquanto atravesso a escuridão noturna. O mêdo de cair num daqueles buracos, cheios de farpas envenenadas, me dá um equilíbrio instável. Não posso pensar noutra coisa.

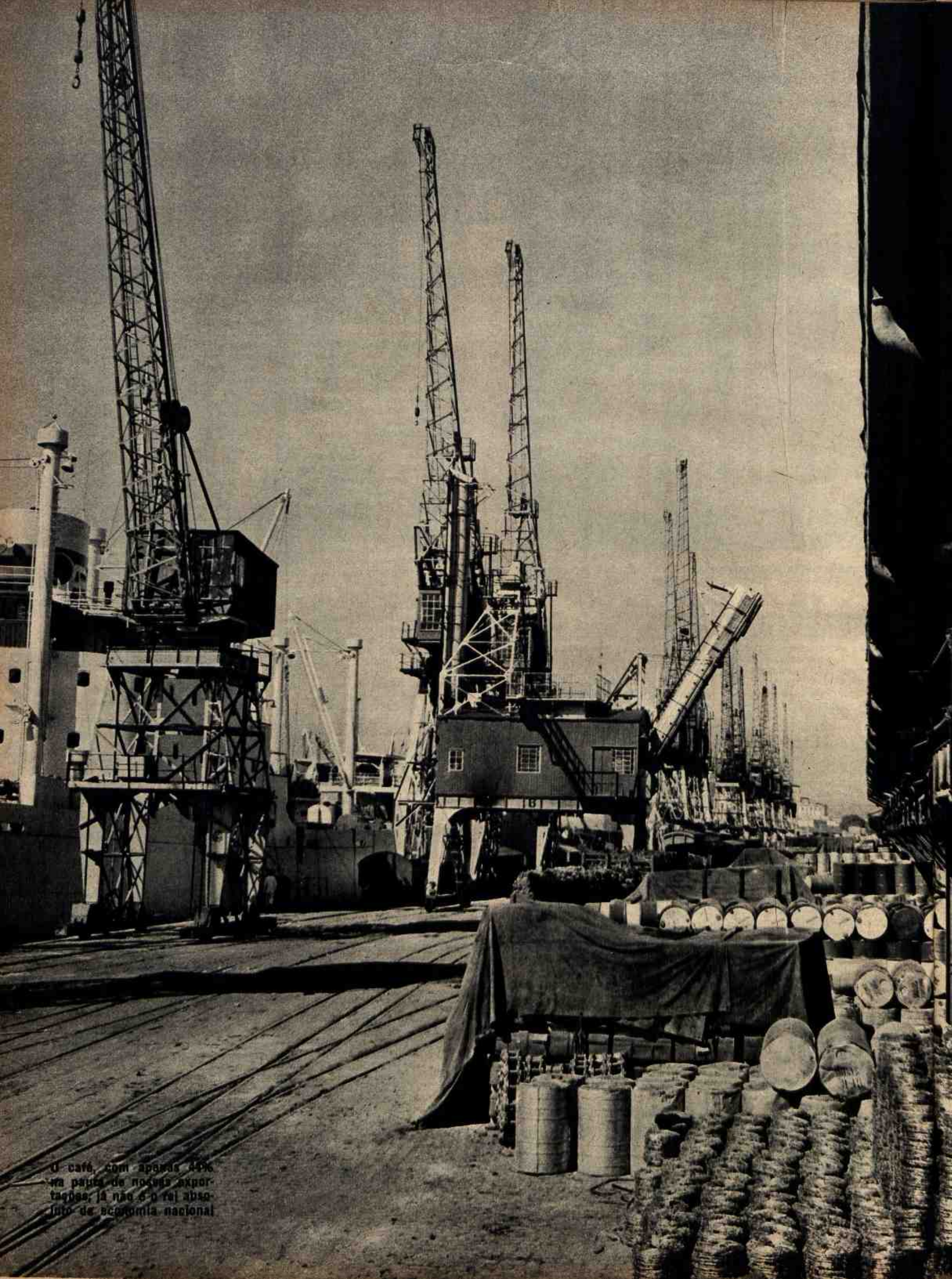
Sete horas da manhã. Entrego a **Caninos Brancos** o seu recibo. Êle assina um papel e devolve tôdas as minhas coisas. Nada falta. Caminho mais trezentos metros a pé, e encontro a estrada número 1. Só há um meio de transporte: o triciclo-motor. Tomo lugar no vão destinado às bagagens de um dêles. É sempre difícil dizer adeus. Jamais tive jeito para isso. Com as dificuldades de idioma, ainda menos. E, afinal, para que despedidas? Que dizer a êles? Obrigada por me terem aprisionado? Obrigada por me terem libertado? Obrigada pela hospitalidade?

Atravessamos um curso de água numa pequena balsa, pagando o pedágio ao vietcongue de serviço. Um quilômetro mais longe, estão os soldados do **outro lado**, os de Cao Ky, os governamentais, a praça do Mercado, onde o meu motorista me abandona.

Um helicóptero especial veio me buscar. E só então comecei a compreender que eu também era **do outro lado**. O helicóptero não representa para mim nenhum perigo: é um meio de transporte regular. O dia é bonito, embora um pouco nevoento. No vale, do alto, percebo as crateras das bombas. E começo a derramar lágrimas. Não poderei estar na festa da confraternização. Voltei ao meu mundo e devo aceitar as suas exigências. Como dizia **Ôlho de Lince**: "O rompimento total é como a morte." Talvez seja porque eu me sinta fatigada, mas a verdade é que, na transição da volta, o choque é bem mais violento do que o outro, que experimentei ao ser aprisionada.

Duas horas mais tarde, um médico me pergunta:

— A senhora foi violentada?

Não há dúvida: eu sou, realmente, **do outro lado**. Os vietcongues voltaram a ser, para mim, uma massa escura e impessoal... FIM

O café, com apenas 44% na pauta de nossas exportações, já não é o rei absoluto da economia nacional

Está o sapo cururu cantando na beira do rio quando o agarram, transformando-o em artigo de exportação. O mesmo acontece com a borboleta que ilumina a floresta, o macaco, a capivara, o quati. Um jardineiro de Minas Gerais colhia sempre-vivas e, sigilosamente, as convertia em dólares, exportando-as para os Estados Unidos. Seu vizinho soube da história, o vizinho do vizinho também, e hoje pelo menos cinco mineiros as exportam, a 2 dólares e meio o quilo. Para o equilíbrio de nossa balança de pagamentos, essas exportações insólitas estão contribuindo cada vez mais. Na pauta da CACEX, a diversificação não se limita mais ao envio de batom para o Líbano ou vassouras e escôvas de dentes para o Paraguai. De vez em quando, a Alemanha suplica aos exportadores brasileiros que lhe mandem, pelo amor de Deus, alguns urubus. Paga 25 dólares o casal. Destinada aos jardins zoológicos e a experiências científicas, esta é, aliás, uma exportação polêmica. Há alguns anos, quando se processou a primeira remessa dessas aves estercorárias (e que, exiladas em limpos horizontes, devem sentir uma grande saudade dos lixos e detritos do seu país natal), houve alguns protestos. Nacionalistas exaltados chegaram a protestar: "O urubu é nosso!" E talvez se tenham consolado ao saber que o Brasil é também um grande exportador de veneno de cobra para os Estados Unidos.

O BRASIL EXPORTA COBRAS E LAGARTOS

Texto de LÊDO IVO

O Brasil exportou **o ano passado 1 bilhão 741 milhões de dólares e importou 1 bilhão 484 milhões. Isto significa que, nestes últimos anos, deixamos de apresentar deficits na balança comercial, passando a exibir superavit.** O principal motivo dessa mudança de panorama foi aquilo que, a partir de 1954, e particularmente no rápido Govêrno Jânio Quadros, adotou o nome de "realidade cambial". Antes, sem um dólar atualizado, os produtores brasileiros não podiam concorrer no mercado internacional. Quase todos os nossos produtos, com exceção do café e poucos outros, eram gravosos. A par dessa atualização cambial, adotou-se entre nós uma nova filosofia de comércio. Sendo o Brasil um país em processo de desenvolvimento econômico, tinha, como continua tendo, **verdadeira fome de divisas** para poder adquirir, no exterior, máquinas e equipamentos indispensáveis à sua crescente industrialização e melhoria tecnológica. Até 1963, a aquisição dessas máquinas equivalia ao aumento da nossa dívida externa, pois a nossa balança de pagamentos era sempre deficitária. A partir de 1964, o govêrno resolveu arcar com tôdas as conseqüências decorrentes da atualização da taxa de câmbio. Para quê? Para que os produtos brasileiros pudessem ser realmente vendidos no exterior a preços competitivos, trazendo assim saldos de divisas sempre crescentes, e destinados a proporcionar facilidades para o reequipamento da indústria e da agricultura e atraindo novos investimentos. Para isto, aliás, criou os instrumentos necessários, representados pelos diversos fundos (FINAME, FUNDECE, FINAGRE, etc.) subordinados ao Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico. A reversão da posição brasileira no exterior, materializada no saldo de 700 milhões de dólares, ora proporcionado pelo aumento das exportações, criou condições internas que possibilitam **a imediata retomada do desenvolvimento.**

E o que tem exportado o Brasil, para manter os seus compromissos internacionais em dia e ainda dispor de um respeitável saldo em bancos internacionais? Não apenas café, que, tendo representado, anos atrás, até 70% das nossas exportações, em 1966 significou apenas 44%, embora as suas exportações se tenham mantido no nível médio do último decênio. O Brasil não só aumentou como diversificou o volume de suas remessas para os balcões do mundo. Além de produtos como algodão, soja (27 milhões de dólares exportados o ano passado), minérios, açúcar, cacau, couros e peles, madeiras, cereais, sementes oleaginosas e subprodutos, típicos da imagem internacional do Brasil como fornecedor de matérias-primas e gêneros alimentícios, outros bem diferentes são consumidos, no exterior, em quantidades cada vez maiores.

Das asas de borboletas aos urubus, passando pelas flôres silvestres e pelos animais empalhados, o Brasil vende de tudo ao mundo inteiro. Resultado: já estamos exportando anualmente quase 2 bilhões de dólares.

Estamos fazendo um grande esfôrço para que os balcões internacionais formem outra imagem do Brasil: **a de um país que começa a impor no mercado os seus produtos manufaturados**, tais como as chapas de aço de nossas indústrias siderúrgicas (que já estão sendo vendidas até para os Estados Unidos), máquinas e equipamentos diversos, tecidos, manufaturas de borracha, calçados, produtos químicos. A Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC), de que o Brasil é um dos membros, veio, a partir de 1962, proporcionar um nôvo mercado de amplas dimensões para a venda de nossos produtos manufaturados. Em 1966, êsse mercado absorveu calculadamente mais da metade de nossas mercadorias dêsse tipo. Bolívia, Costa Rica, Guatemala, Honduras, Paraguai, El Salvador, Venezuela, Peru compram os nossos ônibus, automóveis e caminhões. E peças e acessórios automobilísticos aqui fabricados já começaram a ser adquiridos por países altamente industrializados, como a Alemanha e os Estados Unidos.

MAS, de vez em quando, afloram nas listas da CACEX certos produtos surpreendentes. Animais silvestres, como capivaras, macacos, sagüis, jacarés, cobras e sapos são exportados regularmente para os mais diversos países, desde a Alemanha e os Estados Unidos até o Ceilão. Só em 1966 exportamos 4 milhões de peixinhos de luxo, como o vermelho acará-bandeira, que dá ao dono de um aquário a ilusão de possuir um oceano Atlântico dentro de casa. Os principais compradores dêsses peixinhos são os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

Flôres e fôlhas, vivas ou sêcas — principalmente orquídeas, antúrios e sempre-vivas — são compradas principalmente pelos norte-americanos e alemães e utilizadas em ornamentação. Borboletas e manufaturas de asas de borboletas também contribuem delicadamente para o equilíbrio de nossa balança de pagamentos. E a imagem do **país equatorial cheio de florestas e tesouros** fulge nas pedras preciosas, brutas ou semilapidadas, de que o Brasil continua sendo um dos grandes exportadores. Diamantes, esmeraldas, opalas, ágatas, águas-marinhas, ametistas, citrinos, granadas, olhos-de-gato, topázios, turmalinas, turquesas e quartzos — eis o deslumbrante desfile.

O Rio Grande do Sul não comparece ao mercado externo apenas com produtos agropecuários, mas também com peças industriais de alta qualidade, como armas de fogo. **Em 1966, exportamos para os Estados Unidos cêrca de 200 mil dólares em revólveres, espingardas e pistolas de fabricação gaúcha.** E procedem também dos pampas as cutelarias (facas, talheres, tesouras, alicates, limas) bastante apreciadas no estrangeiro. O ano passado, o Brasil vendeu mais de 500 mil dólares dêsses produtos para a Alemanha, a África do Sul, Canadá, Estados Unidos, Grécia, México e Venezuela. A Zâmbia, desconhecido país africano, comprou-nos 200 dólares em lâminas para facas e artigos para manicures. E o explosivo Vietnã do Sul nos adquiriu mil dólares em talheres.

Fonte de aumento progressivo de divisas é a pimenta-do-reino, que o Brasil importava até alguns anos atrás, e de que se tornou agora um dos maiores **exportadores mundiais. Para isso** contribui uma cultura pioneira desenvolvida por uma colônia japonêsa na Amazônia. Nada menos de 5 milhões e 500 mil dólares dessa especiaria foram adquiridos o ano passado pela Alemanha, Pérsia e Suíça.

Animais empalhados, dissecados, mumificados, conservados em álcool ou por outros processos são também vendidos pelo Brasil nos balcões internacionais, e têm como compradores habituais escolas, laboratórios e museus do mundo inteiro. Em 1966, vendemos mais de 100 mil dólares, e o Japão foi um dos maiores compradores.

País da boa cachaça, o Brasil a exporta para a Alemanha, Baamas, França e Itália. Mais de 150 mil dólares foram obtidos, o ano passado, com a nossa aguardente de cana.

Só de papel higiênico o Brasil vendeu, em 1966, 12 mil dólares, consumido pelo povo paraguaio, que também nos transformou em país exportador de uísque, comprando-nos 98 mil dólares. **Nossas bolas de futebol, compradas por norte-americanos, libaneses, paraguaios, canadenses, portuguêses e venezuelanos, renderam cinco mil dólares.** E 9.212 dólares foram ganhos por nós vendendo a impressionante quantidade de.... 221.532 dentes artificiais de matéria plástica para os Estados Unidos, México, El Salvador e Uruguai. País da música e do carnaval, exportamos nossos cavaquinhos para a África do Sul, violinos para a Argentina, acordeons para o Chile e o México. E quanto aos nossos violões, os seus principais compradores são inglêses e norte-americanos.

Muitos bolivianos protegem as cabeças do frio com as nossas carapuças de fêltro: 700 quilos delas custam 6 mil dólares. Com os nossos isqueiros, centenas de argentinos acendem os seus cigarros. E nossos confetis e serpentinas, convertidos em dólares, ajudam os uruguaios a festejar os seus momentos felizes. Além disso, vendemos imagens de santos para o Líbano, rosários para os Estados Unidos e esqueletos de animais para a Alemanha e Portugal.

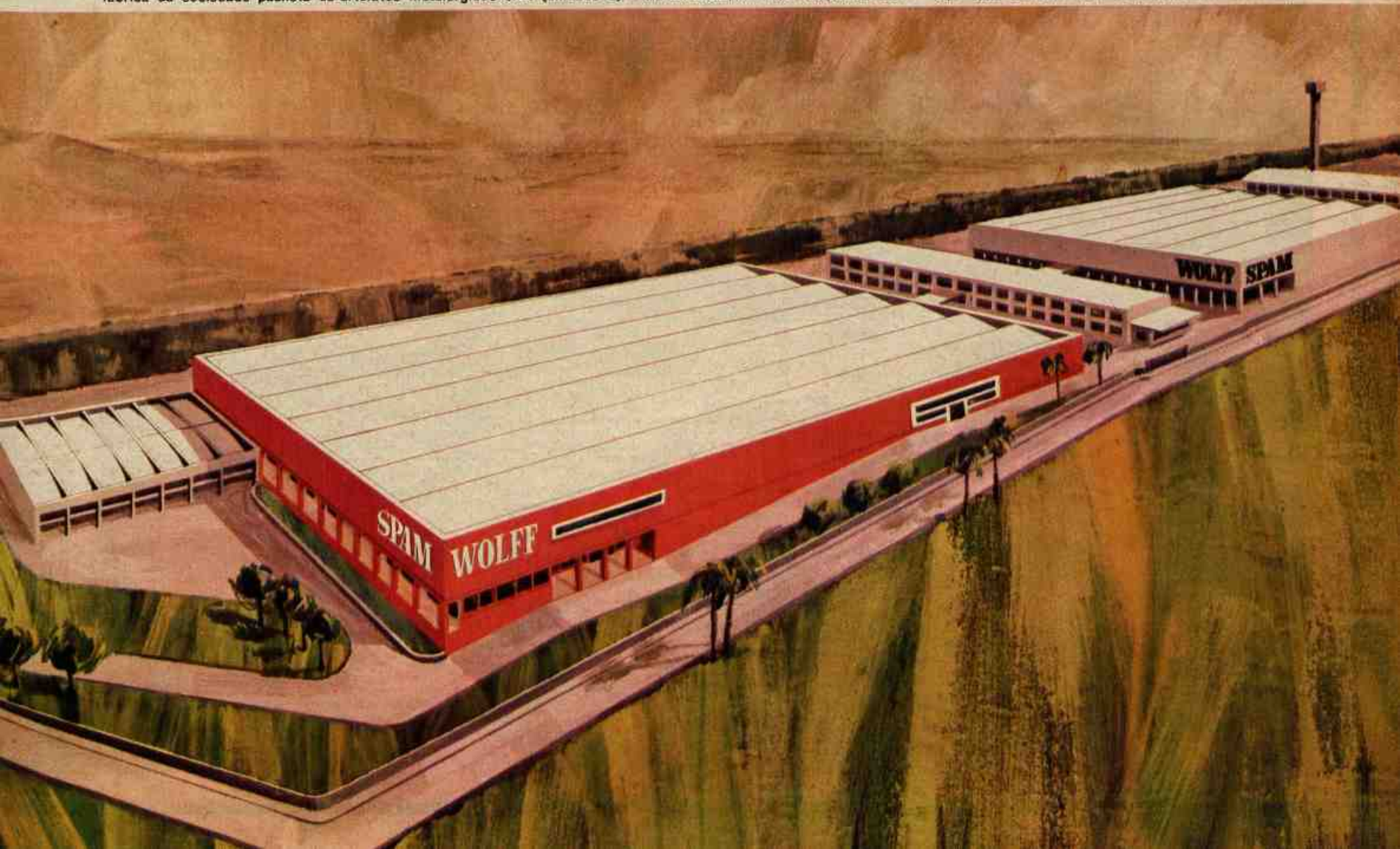
POR áreas de destino, a nossa exportação assim se distribuiu, percentualmente, no ano passado: Estados Unidos, 33,5%, com....... US$ 485.867.000; Mercado Comum Europeu (MCE), 24,4%, com US$ 353.763.000; Associação Européia de Livre Comércio (AELC), 11,7%, com......... US$ 170.170.000; Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC), 10,4%, com US$ 150.561.000; outros países da América, 1,9%, com....... US$ 28.654.000; Conselho de Assistência Econômica Mútua (COMECON), compreendendo a União Soviética e outros países da **cortina de ferro,** 7,6%, com US$ 110.852.000; Oriente Médio, 1,3%, com US$ 18.826.000; Ásia (excluindo o Oriente Médio), 4,5%, com US$ 65.602.000; África (excluindo o Oriente Médio), 1,1%, com............ 16.770.000; demais países, 3,4%, com US$ 49.658.000.

Apesar do surgimento de tantas novas repúblicas africanas, o país com o qual o Brasil mantém maior comércio, naquele continente, é ainda a África do Sul, que nos compra tecidos, algodão, peles e couros, madeiras, cêra de carnaúba, café em grão, cacau, motores de explosão e acessórios para automóveis, e nos assegurou a metade dos 23 milhões de dólares que em 1966 angariamos em tôda a África. Os outros principais mercados brasileiros no continente negro são a Argélia, Costa do Marfim, Senegal, Sudão, Tunísia e Marrocos, sendo que êste último nos adquiriu, recentemente, máquinas para fins estatísticos.

Mas como exportar? Um comerciante brasileiro deseja vender no exterior perucas, liquidificadores (que já começaram a ser exportados para a União Soviética e ingressar na economia doméstica do povo russo) ou rãs. Êle tem várias opções. Pode procurar o Balcão do Exportador, na CACEX, e ali obter tôda a orientação necessária, inclusive uma relação dos possíveis compradores no exterior. Também poderá ir à Divisão de Promoção Comercial do Itamarati (DIPROC), com a mesma finalidade. De posse dessas primeiras informações, êle oferece epistolarmente o seu produto a possíveis clientes. Estabelecido o contato e feita a encomenda, o exportador recebe um crédito bancário. Com essa carta de crédito e assinado o contrato de câmbio, o vendedor de perucas, liquidificadores ou rãs dirige-se à Fiscalização Cambial do Banco Central e emite uma guia de embarque. Autorizado o embarque, o produto é remetido para o exterior. Munido dos conhecimentos de embarque fornecidos pela emprêsa transportadora, o exportador volta ao banco onde está aberto o crédito e recebe, em cruzeiros, o valor de sua venda feita em dólares. **Os dólares da transação passam, assim, a ser divisas do Brasil,** provenham de um dique flutuante (como o que o Brasil vendeu recentemente a uma firma inglêsa, que o destinou às Antilhas Britânicas), ou de um malcheiroso mas patriótico urubu.

Para facilitar a sua vida, a Spam fabrica uma grande linha de produtos:

E para fabricar êsses produtos, a Spam é uma grande e moderna indústria

fábrica da sociedade paulista de artefatos metalúrgicos s. a. (unidade 2) - via anchieta, km 12,5 - c. postal 5947 - s p - esta indústria está democratizando o seu capital

UMA ADMIRÁVEL SOLUÇÃO URBANA

Na Rua Jardim Botânico encontra-se uma das mais sóbrias criações de Burle Marx: o jardim do Hospital dos Bancários, imaginado como um recanto para o descanso num dos bairros mais agradáveis da cidade. As linhas são calmas, as côres se alternam suavemente. As divisões do jardim procuram atender às exigências de um lugar que acolhe, diàriamente, um grande número de pessoas. Burle Marx volta-se, assim, para uma aliança entre a natureza e o movimento urbano: os automóveis circulam entre grandes árvores, os caminhos se fazem ao lado de flôres delicadas e alegres. As proporções são exatas, mas Burle Marx consegue retirar de uma criação essencialmente funcional vários toques de poesia, afirmando mais uma vez sua nobre e consagrada arte.

Reportagem e fotos de MÁRIO CLARK BACELLAR

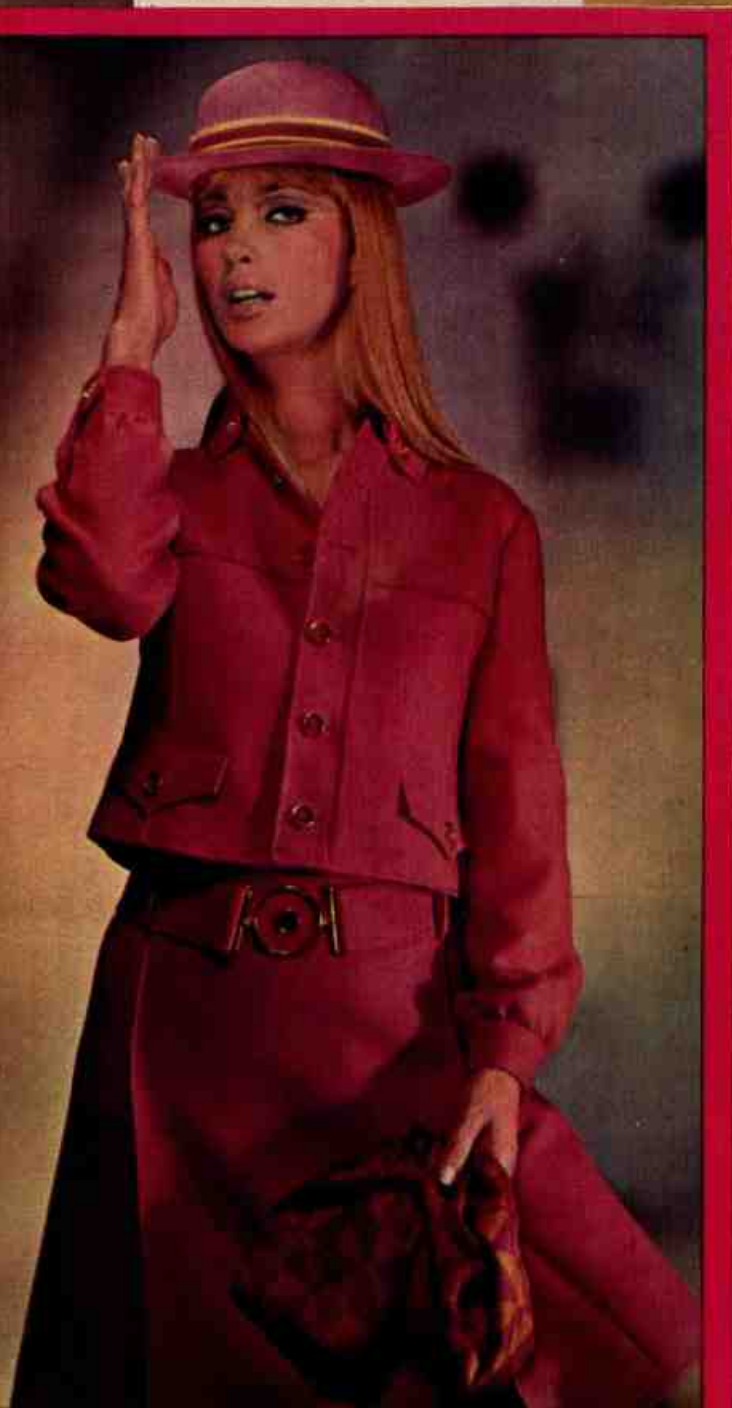
Nesta equilibrada concepção, um jardim de hospital admite o estacionamento interno de automóveis. A vida moderna, assim, entra em plena harmonia com a natureza.

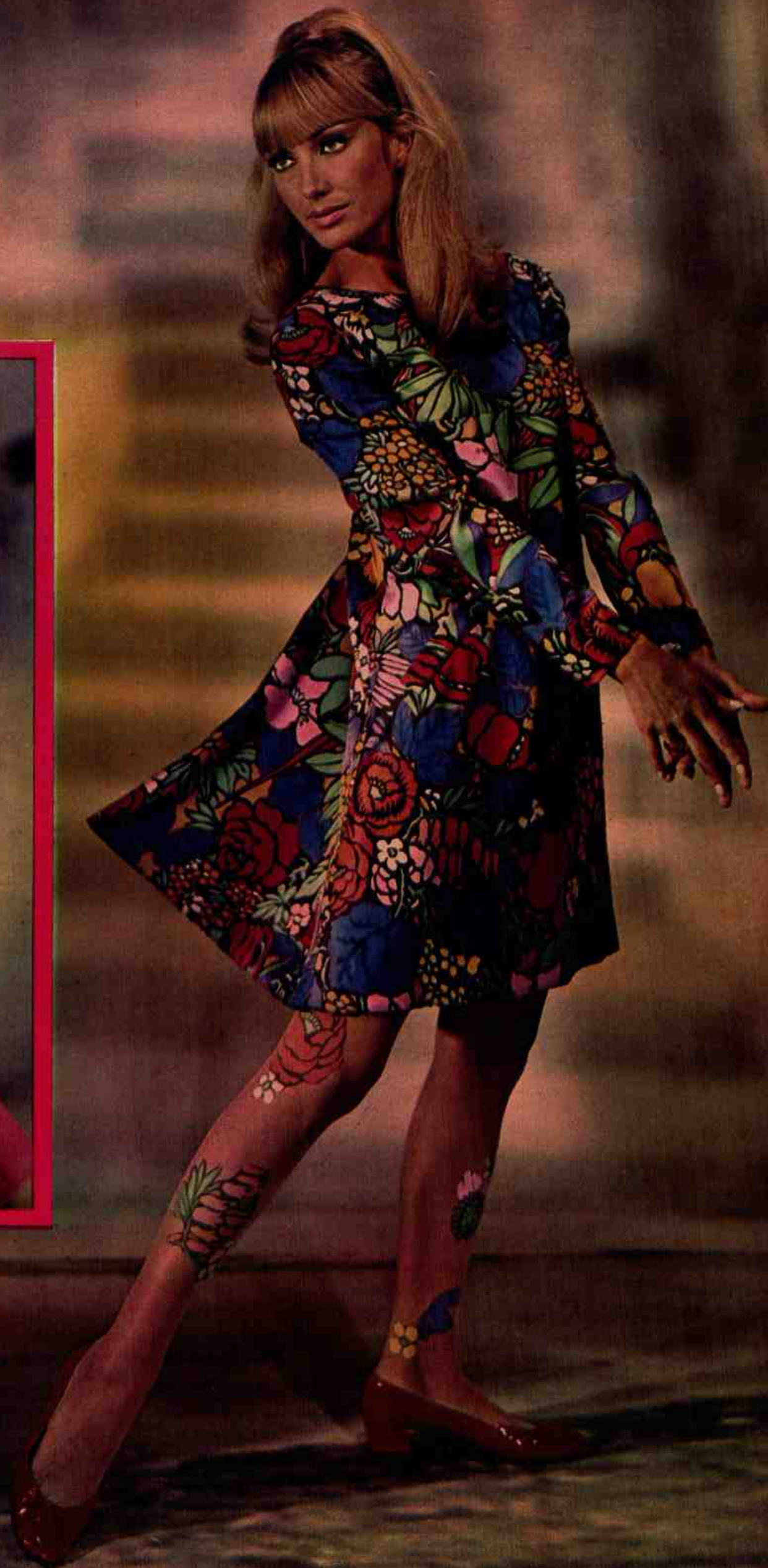
Tudo foi concebido para dar uma imagem de descanso e limpeza aos que utilizam os serviços do hospital. E os visitantes têm a oportunidade de percorrer um caminho de côres sempre alegres.

AS 5 ALTERNATIVAS DO OUTONO

ESPECIAL para o outono elegante da mulher brasileira: cinco sugestões em côres vivas, para os dias tépidos ou frios, nascidas da imaginação de três astros da alta costura mundial e do *atelier* requintado de Chloè. Todos êsses modelos apresentam uma vantagem sensacional, pois após os três meses de outono êles continuarão apropriados por mais três meses, ao longo do inverno.

Fotos de SHEIBE

1 Com quantas peças se faz a elegância no outono? Nina Ricci responde: três. E oferece como exemplo êste magnífico modêlo. Chapéu, botas e cinto em verniz.

2 As linhas militares dêste conjunto são atenuadas pela feliz insistência no rosa-shocking. O todo lembra os lugares em que há flôres, poesia e amor. Modêlo fino.

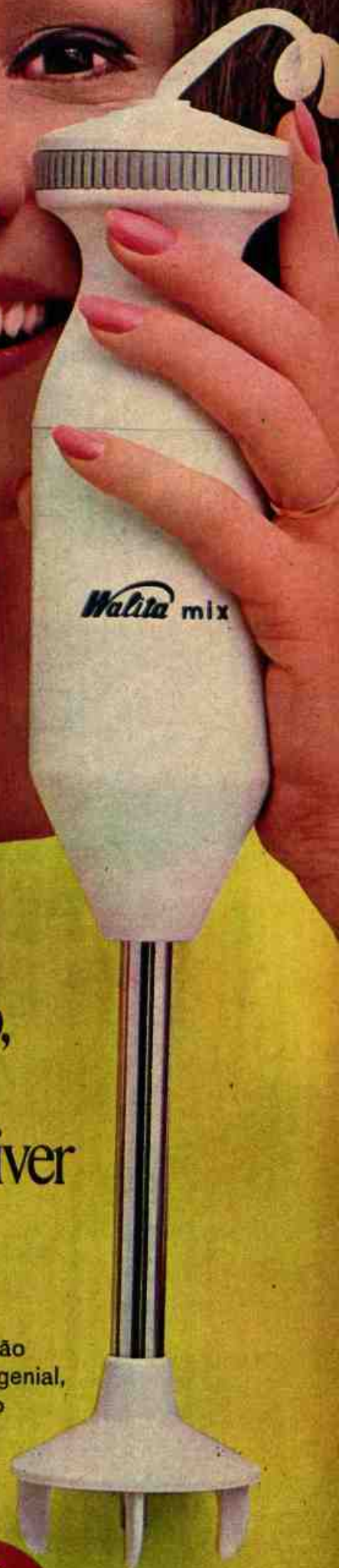
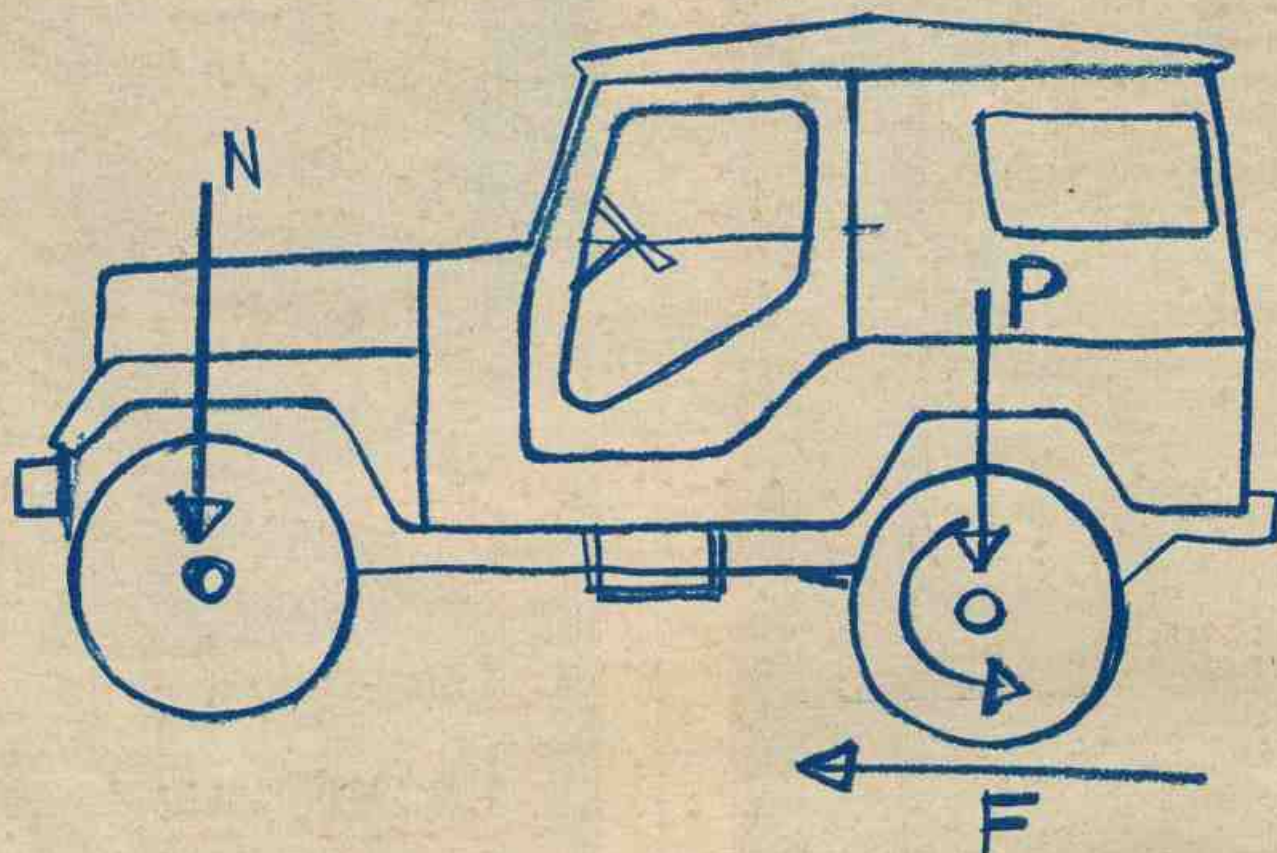
3 **Chuva de Flôres** é o lírico nome dêste vestido todo **évasé.** Mangas compridas. A idéia de chuva é completada pelas flôres que caem ao longo das meias.

Demos 216 pares de Meianyl para 216 senhoras e senhoritas experimentarem. Estávamos certos de que elas achariam que Meianyl faz sucesso porque é a meia mais suave, a mais flexível, a de medidas rigorosamente exatas, a de côres mais atuais, etc. e tal. Mas sabe o que quase tôdas responderam? Isto: "Meianyl é a mais bonita".

essas mulheres são mesmo imprevisíveis!

MEIANYL
M R

Lince 21 968

4 Castillo se inspirou nos pajens do tempo de Shakespeare para criar êste conjunto. Mini-saia envelope, casaco com botões dourados, meias, chapéu. Tudo azul.

5 Para o outono, quando êste já estiver virando inverno, Yves Saint-Laurent sugere êste vestido de malha de lã listrado em três tons. O cinto de corrente dourada é indispensável.

Que é tração

Tração nas duas rodas

$F_{t_2} = m \times P = 0{,}45 \times 628 = 283\ kg$

A tração nas quatro rodas dá ao veiculo fôrça propulsora 115% maior do que êle teria se a tração fôsse em apenas duas rodas.
Veja as ilustrações acima: "F_t" é fôrça de tração, fôrça propulsora; "m", coeficiente de atrito, aderência dos pneus ao solo; "N", pêso sôbre o eixo dianteiro; e "P", pêso sôbre o eixo traseiro.
Como você pode notar pela figura 1, no sistema de tração em duas rodas tôda a fôrça de tração do veiculo corresponde a 283 kg.
Já no sistema de tração nas quatro rodas (figura 2), tôdas as rodas exercem fôrça propulsora, isto é, impulsionam o veículo, dando-lhe a capacidade de tração de 605 kg. Isto é, 115% a mais, pois:

$\frac{F_{t_4}}{F_{t_2}} = \frac{605}{283} = 2{,}15$; e ainda: $(2{,}15 - 1{,}00)\ 100 = 115\%$.

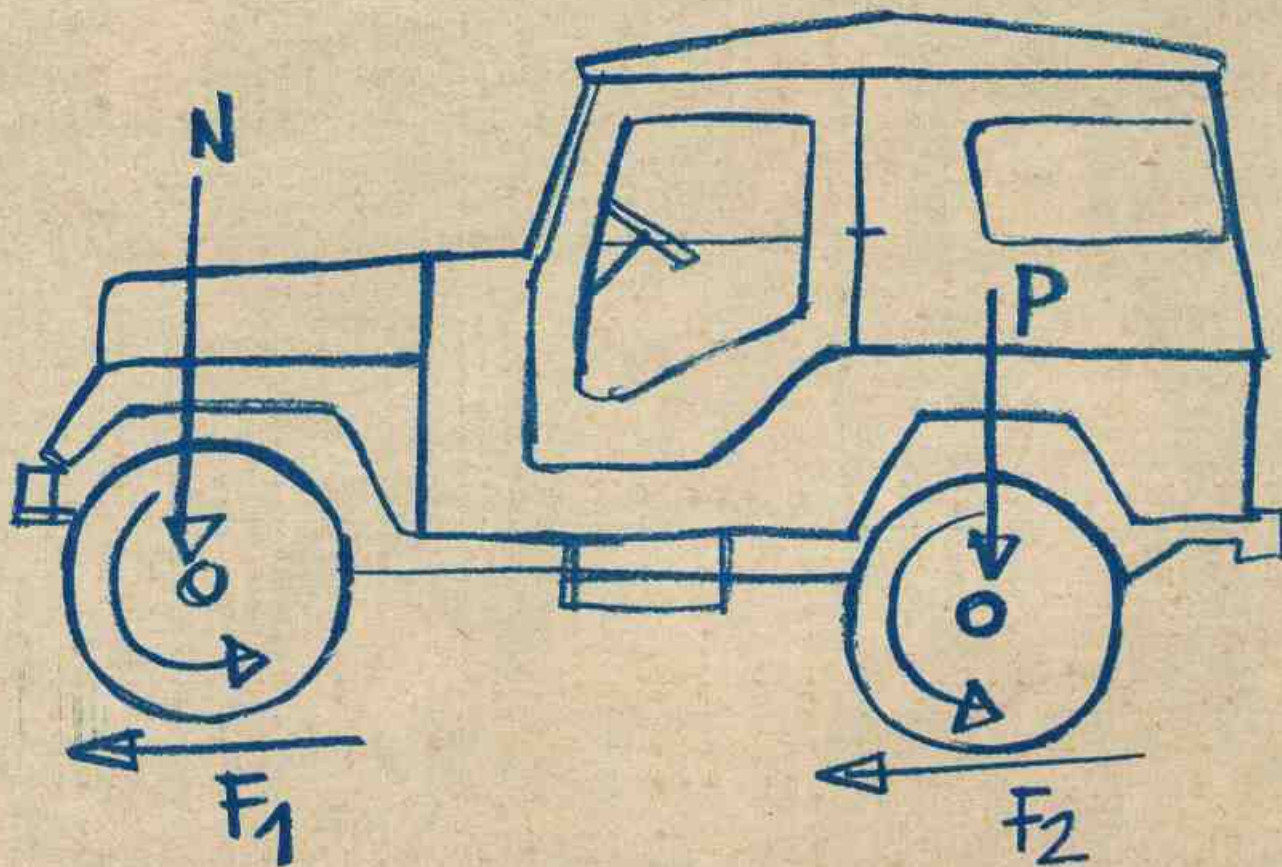
"Jeep", Pick-up "Jeep" e Rural têm tração nas quatro rodas. E reduzida nas quatro marchas, para aumentar ainda mais sua capacidade de tração. São, como você sabe, fabricados pela Willys, que se especializou, durante mais de 25 anos, em pesquisas, projetos e produção de veículos com tração nas quatro rodas e reduzida. Por isso, não têm apenas o dôbro de tração. Têm também o dôbro de eficiência, o dôbro de desempenho, o

nas 4 rodas?

N

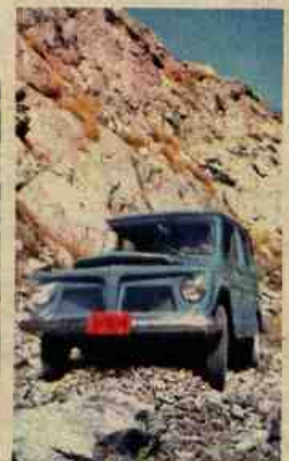
P

F_1

F_2

Tração nas quatro rodas

$F_{t_4} = m(P+N) = 0{,}45(628+716) = 605\ kg$

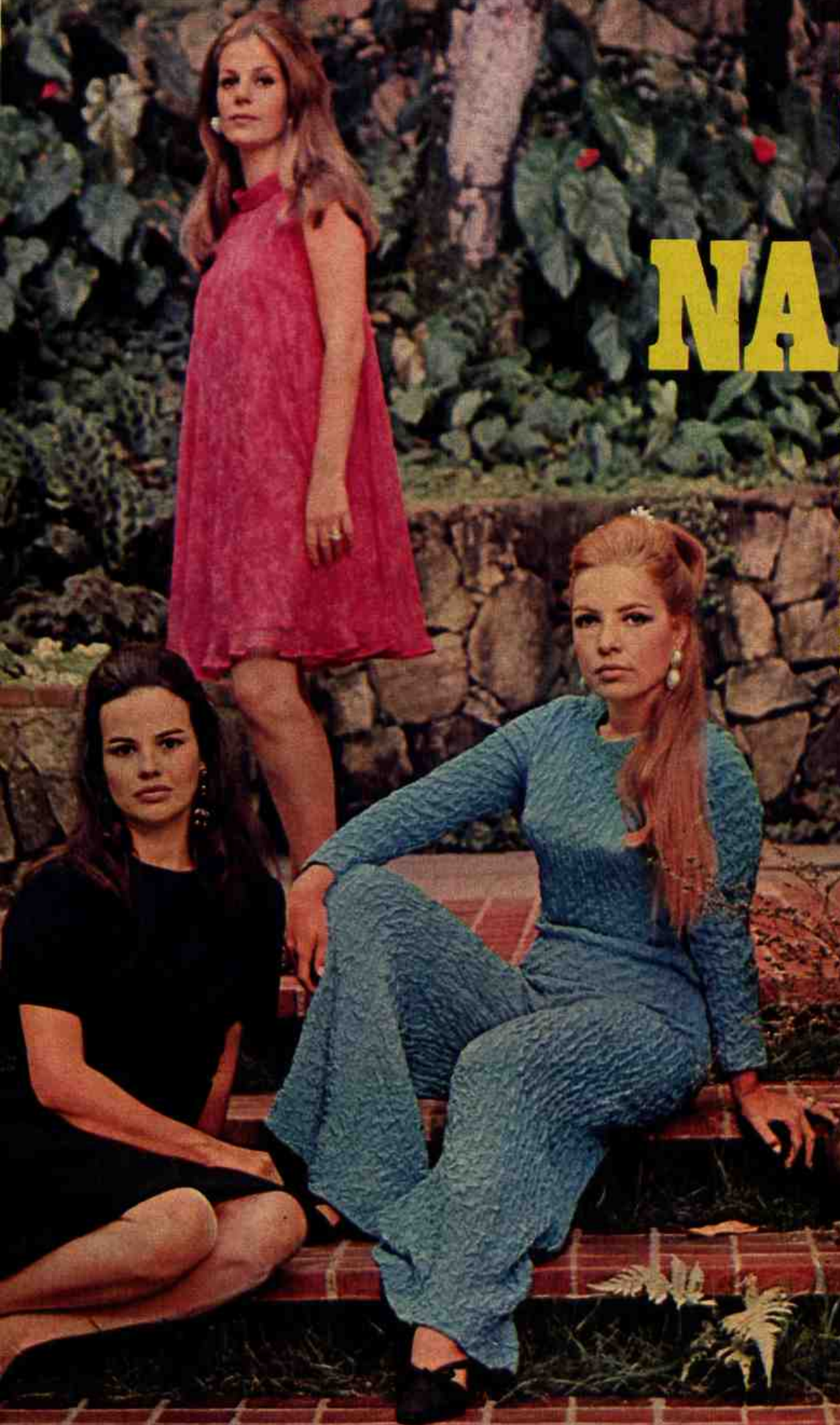
115% maior que F_{t_2}

dôbro de segurança — o dôbro de confiança. "Jeep", Pick-up "Jeep" e Rural não escolhem condições de trabalho. Trafegam sempre com absoluta segurança com bom tempo, mau tempo, qualquer tempo. Seguem por qualquer caminho. Podem até abrir seu próprio caminho. Sobem rampas muito íngremes, mesmo com o terreno escorregadio. E descem com segurança, sem deslizamentos.

Unidas. Elegantes e inteligentes, elas mantêm a tradição da família Nabuco. Em pé: Vivi de Almeida Braga, Maria Lúcia Nabuco, Nininha Magalhães Lins, Regina Beatriz Nabuco. Sentadas: Sílvia Amélia Marcondes Ferraz, Luísa Carolina Nabuco, Maria da Glória Autici.

Uma das famílias mais bonitas do Brasil

ELAS SÃO TÔDAS NABUCO

Tudo começou quando, em 1889, o Deputado Joaquim Nabuco encontrou, na saída da missa, a jovem Evelina Tôrres Ribeiro. Ela usava um broche de fôlha de hera. Ele fêz um elogio: "A hera é o símbolo da fidelidade; onde prende, não larga mais." Casaram-se. Hoje, sob aquêle mesmo princípio da fidelidade, do amor e da religião, sete jovens senhoras destacam-se na sociedade do Rio. Elas pertencem à família Nabuco, que se orgulha de ter algumas das mais belas mulheres do Brasil.

Reportagem de IVY FERNANDES • Fotos de GERVASIO BATISTA

Êles também usam ENERI

...e os olhares se voltam para você

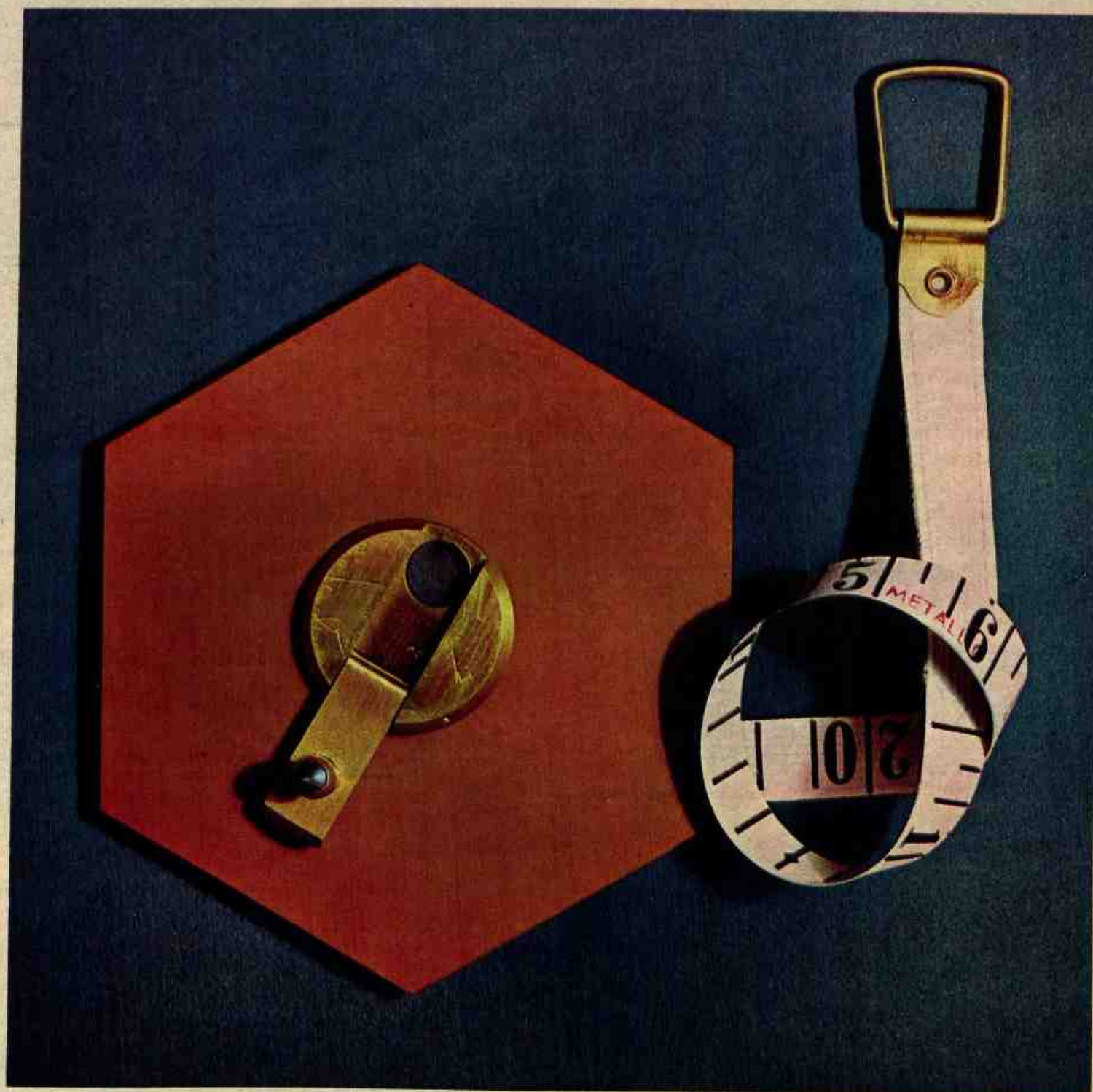
malhas

— a mais nobre qualidade

A elegante Sílvia Amélia é ótima pintora

APESAR de muito jovens, elas têm dois ou três filhos, e fazem questão de se ocupar diretamente da educação das crianças. Alegres, simpáticas, comunicativas, gostam de viajar, têm cursos no exterior, apreciam as artes, são um estímulo freqüente para a vida profissional dos seus maridos.

Os cabelos longos predominam entre as jovens Nabuco, simples e muito unidas

ELAS conseguem ser, ao mesmo tempo, elegantes, ótimas *hostesses* e excelentes espôsas. *Vivi,* casada com Antônio Carlos de Almeida Braga, adora a pintura expressionista e poesia inglêsa; *Nininha,* espôsa de José Luís Magalhães Lins, recebe e incentiva pintores, gente de teatro e de cinema; *Maria Lúcia* e Joaquim Aurélio gostam da vida caseira; *Luísa Carolina* é gentil e tranqüila; *Regina Beatriz* tem filhos gêmeos; *Sílvia Amélia* faz intensa vida social e *Maria da Glória* é advogada.

nas côres
vermelho, prêto, amarelo e pérola

na hora do metro quadrado

2.000 e não sei quantos
metros quadrados de piso
para revestir ! É para
estourar qualquer
orçamento. Mas o construtor
já tem a solução
econômica, tantas vêzes
empregada e com inteira
satisfação: ladrilhos CMG.

vide
verso

Pioneiro no mundo numa nova arte pictórica, a dos aparelhos cinecromáticos, Abraham Palatinik ganhou renome com diversas criações.

PALATINIK
a arte de inventar

Quando Abraham Palatinik expôs seus aparelhos cinecromáticos na I Bienal de São Paulo, em 1951, o júri não soube como classificar aquelas caixas que, em telas semelhantes às de televisão, reproduziam luzes-formas em movimento. Considerou-os, porém, "importante manifestação da arte moderna". Na verdade, era obra pioneira. Só dez anos depois, aparelhos dêsses surgiriam na França. Mas o artista não parou nas pesquisas e continua a inventar. Agora, são seus quadros modulados em madeira, onde os veios substituem a matéria pictórica, que despertam admiração. Suas criações já lhe deram fama nas Américas e na Europa, e dois cinecromáticos do brasileiro Palatinik integram hoje a coleção do Museu de Arte Moderna de Tel-Aviv.

As invenções ultrapassam as classificações por critérios usuais. As mais recentes são quadros em madeira, onde veios fazem vez da matière.

Sol e sal. Brisa marinha.
Aventura. Ritmo impetuoso.
Alegre. Jovial.
O ritmo da vida moderna.
E um cigarro moderno.

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

Vamos festejar! O que?
Um hotel, um homem, uma
condecoração, nos mesmos.
O hotel é o São Paulo Hilton.
Êle se integra na lista dos
grandes Hilton, que são 124
até agora. É um hotel
com uma grandiosidade que o
Brasil nunca viu. E vai marcar
o início de uma cadeia
Hilton em nosso país.
O homem é Conrad Hilton,
presidente da Hilton
Internacional.
Um homem que criou um

sssssssssssssssssssssssssssssssssss

conceito de grandeza sem precedentes na hotelaria mundial. Um bandeirante do turismo internacional. A condecoração é a Comenda da Ordem de Rio Branco, outorgada a Hilton pelo Govêrno Brasileiro por seu incentivo ao turismo nacional. Nos mesmos. Porque somos nós, brasileiros, os que mais vão lucrar com êsse hotel. O São Paulo Hilton representa turismo para nós. Turistas do mundo inteiro

descobrirão o Brasil. Serão mais dolares que irão entrar, serão mais dólares que irão ficar. Este primeiro hotel Hilton será muito importante para todos nós. Por isso, nós, do Consórcio Scuracchio, nos congratulamos com o Govêrno Brasileiro. Nos congratulamos com a organização Hilton. Nos congratulamos com os milhares de brasileiros que estão realizando êste empreendimento.

canta o galo português anunciando uma nova éra

O galo sempre simbolizou, desde a antiguidade, a aurora de um nôvo dia ou a aurora de novos tempos. Seu canto tinha o poder de afugentar os demônios e despertar a fôrça dos homens para uma existência alegre e sadia. Em Portugal, o lendário galo de Barcelos (que você lá encontrará representado em todos os tamanhos e nas mais variadas formas folclóricas) provocou, ao cantar na mesa do juíz, um episódio famoso em que triunfou a justiça e a liberdade.

RIO-LISBOA sem escalas

Ao voar nos novos **BOEING 707-320C** da Varig, numa esplêndida viagem (podendo prosseguir para Paris, Londres ou Frankfurt), você gozará o confôrto de um lauto jantar e daquela atenção pessoal das comissárias a bordo dos mais modernos jatos da atualidade. O galo português saudará a sua viagem no "320 C" como o início de uma nova éra na união entre Brasil e Portugal.

RUBEM BRAGA

A novela brasileira

"— Que século, meu Deus! diziam os ratos.
E começavam a roer o edifício."

Os versos acima são de um poema de Carlos Drummond de Andrade referente ao Edifício Esplendor. Depois daquele serviço os ratos em questão retiraram-se para o interior e começaram a roer a serra de Caparaó e os respectivos guerrilheiros. Êstes foram presos pela Polícia Militar de Minas Gerais e em seguida acusados, em nota oficial do Ministério do Exército, de visarem "perturbar a tranqüilidade pública, a fim de justificar o gasto de dinheiro externo recebido, e candidatar-se a novos financiamentos".

A nota oficial não diz de onde vem o dinheiro, mas é lícito levantar as seguintes hipóteses: a) da Rússia, o chamado ouro de Moscou; b) de Havana; c) de Pequim, talvez aquelas notas de mil dólares que o Coronel Borges tomou da missão comercial chinesa e nunca devolveu; d) dos Estados Unidos, através da CIA (pronuncie-se *ci-ái-êi)* famosa por financiar Deus e o mundo.

Esta última hipótese (ou suspeita) vem do fato de estar o Marechal Costa e Silva de malas feitas para Punta del Este, onde o exemplo das guerrilhas bolivianas e brasileiras poderia dar impulso nôvo à idéia da formação de uma fôrça interamericana, coisa de interêsse dos Estados Unidos e, portanto, (vide Gen. Juraci Magalhães) do Brasil.

A verdade é que nunca saberemos nada enquanto não soubermos o fim que levou o cabo Anselmo, que uns dizem ter sido assassinado pela polícia, rotineiramente, outros liquidado pelo Serviço Secreto da Marinha, havendo ainda quem afirme estar nos Estados Unidos gozando os dólares recebidos da CIA ou simplesmente escondido — na ilha de Paquetá, por exemplo. Nada impede, entretanto, que êle tenha dirigido para Caparaó os ex-graduados da Marinha que lá estavam, tão longe do mar, em suas rêdes de *nylon;* hipótese menos aventureira do que aquela defendida pelo III Exército segundo a qual foi aquêle pessoal de Caparaó que matou o Sargento Raimundo Soares, cujo corpo apareceu, com as mãos amarradas, boiando no rio Jacuí, no Rio Grande do Sul.

No meio de tudo isso aparecem, nos morros do Rio, pedras que nunca houve. A impressão é de que há uma pedra balançando sôbre a cabeça de cada um de nós. Eu por mim, antes de dormir, costumo telefonar para uns parentes que tenho em Botafogo para saber se o Pão de Açúcar ainda está de pé (a obstrução da entrada da barra pode estar no plano dos sabotadores) e depois, da janela dos fundos, dar uma espiada no Corcovado para ver se o Cristo ainda está lá ou já levantou vôo em pânico.

Entrementes coroa-se de êxito o plano terrorista do Sr. Carlos Lacerda, interessado em fazer parar S. Paulo e seu governador, plano brilhantemente executado pelo Coronel Fontenele, que atribuiu o mau êxito da Operação Bandeirante a "fôrças ocultas, porém conhecidas" que aliás ja derrubaram, com um ataque de náuseas, o Sr. Abreu Sodré.

O resto da novela, só na semana que vem — se houver mesmo semana que vem.

★ Ligar a Bahia ao país
★ Sinatra e Tom num disco
★ Justiça gratuita nos bairros
★ Disco de Schmidt

No jantar de homenagem ao seu amigo **Brasílio Machado Neto,** em Brasília, o Senador **Auro de Moura Andrade** vendo o seu nome marcado num dos lugares de honra da mesa, e numa alusão ao problema da presidência do Congresso, indagou com um suspiro: "Será que ninguém vai também disputar comigo êsse assento?"

Para sua moradia em Brasília, os deputados oposicionistas **David Lerer, Márcio Alves** e **Matta Machado** alugaram uma ampla casa à margem do lago. Pretendem constituir uma espécie de "república" recordando os tempos de estudantes.

Do Ministro **Delfim Neto,** narrando o seu primeiro dia de trabalho na sede do Ministério da Fazenda em Brasília: "...e os funcionários ficaram profundamente surpresos e emocionados com a minha presença; fazia mais de três anos que um ministro não pisava lá."

O Deputado **Batista Ramos** adquiriu nôvo automóvel, de oito lugares, modêlo Executivo, para servi-lo na presidência da Câmara. Parlamentares da oposição criticaram a compra, dizendo que até para andar na rua o presidente da Câmara depende agora de um outro poder.

Do senador capixaba **Eurico Resende,** saudando da tribuna do Senado a passagem de mais um aniversário de Cachoeiro do Itapemirim: "E se mais não fôsse, essa cidade tem o mérito de ter produzido **Roberto Carlos** para alegrar a juventude brasileira."

Da tribuna da Câmara, dias depois, o Deputado **Matta Machado** iniciava um discurso no grande expediente, recitando os versos da canção "Disparada": "Na boiada, já fui boi/ Boiadeiro, já fui rei..."

Trecho de uma conversa entre os motoristas do Presidente **Costa e Silva** e do Chanceler **Magalhães Pinto** na garagem do Palácio do Planalto: "Não tenha dúvida, meu amigo, quem faz o chefe é o chofer."

Do Deputado **Mário Piva,** do MDB, sôbre as esperanças de redemocratização do país no nôvo govêrno: "Tenho mêdo que seja igual a um presente de Natal, quando a gente é filho de pai muito pobre."

O Ministro **Rondon Pacheco** preencheu cinco das seis subchefias do gabinete civil da presidência da República com homens de Minas, seus conterrâneos. A única exceção foi aberta para o economista **José de Assis Aragão,** que é carioca e substitui um outro **Aragão** na subchefia de finanças e planejamento.

O técnico **Pedro Paulo Ulysséa,** que trabalhava no Ministério do Planejamento, vai agora assessorar o Ministro **Delfim Neto** nos assuntos bancários.

Várias das metas educacionais do atual govêrno estão calcadas nas conclusões a que chegou a Conferência Nacional de Educação, cujos anais foram organizados pelo Professor **Carlos Correia Mascaro.**

Como superintendente dos Transportes na baía de Guanabara, o Almirante **Coutinho Marques,** depois de construir as cinco modernas lanchas de passageiros que servem à linha Rio—Niterói, vai inaugurar a nova estação de embarque e desembarque. Enquanto a ponte não vem.

O poeta brasileiro **Lêdo Ivo** e o francês **Bernard Joudan** acabam de ser premiados no XV Salão de Poesia, em Paris, ao qual concorreram poetas de vários países. A decisão da comissão julgadora, que incluía **Pierre Seghers,** foi unânime. Outros poetas brasileiros, como **Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Morais** e **Cassiano Ricardo,** também participaram do certame.

A promoção do "Jornal do Brasil", apresentando no Rio os famosos bailarinos **Margot Fonteyn** e **Nureiev,** alcançou um êxito sensacional, antes mesmo da realização dos espetáculos. Vinte dias antes da estréia (marcada para a próxima semana), já estavam completamente esgotadas as lotações de duas récitas do Teatro Municipal.

Desde que deixou o cargo de vice-presidente da República, o Deputado **José Maria Alkmim** já visitou o Marechal **Costa e Silva** três vêzes seguidas no Palácio do Planalto. Durante o Govêrno **Castelo Branco,** do qual, pelo menos em tese, era o sucessor, êle só foi a Palácio em dia de banquete e recepções.

Embora não participando do atual govêrno, o ex-Ministro **Nascimento Silva** recebeu do Presidente **Costa e Silva** um justo prêmio pelos serviços prestados ao país: foram mantidas, na organização da nova administração, as equipes por êle formadas no Banco Nacional de Habitação e no Ministério do Trabalho.

Retomar o desenvolvimento, ajudar a eliminação das disparidades econômicas regionais e ativar a cooperação do BNDE à formação técnico-científica são as principais metas do nôvo presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, Sr. **Jaime Magrassi de Sá.**

Deixando o cargo de superintendente da SUNAB, o Sr. **Guilherme Borghoff** voltou a se dedicar à direção de sua emprêsa de representações no Rio, que, entre outros produtos, vende aviões a jato do tipo DC-8.

Entre os dias 2 e 6 de maio, será realizada no Rio uma Semana de Estudos, promovida pela Comissão do Livro Técnico e Didático (Coteld) do Ministério da Educação, a fim de cuidar da organização de Bibliotecas, novas edições, níveis primário, médio e superior. O Ministro **Tarso Dutra** e o Sr. **Édson Franco** estão convidando especialistas de todo o país.

Para as espôsas do Governador **Abreu Sodré** e do ex-Presidente **Jânio Quadros,** amizade e política são coisas que não se misturam. Há dias, **D. Eloá** submeteu-se a uma intervenção cirúrgica e teve **D. Maria Sodré** como sua companhia. Enquanto isso, seus maridos se empenhavam na batalha da presidência da Assembléia Legislativa: o governador apoiava o Deputado **Nélson Pereira,** combatido pelos janistas.

Quando licenciar-se do Itamarati, por um ano, o Embaixador **Sete Câmara** assumirá a direção do "Jornal do Brasil" e escreverá um livro sôbre a ONU.

Já está sendo preparado pelo jurista **Vicente Rao** o mandado de segurança do Senador Moura Andrade, que tenciona continuar como presidente do Congresso, no que é contestado pelo Sr. **Pedro Aleixo.**

★ O ministro das Comunicações, Sr. **Carlos Simas,** que é baiano e presidia uma emprêsa de telefones em Salvador antes de ser chamado a colaborar com o Presidente **Costa e Silva,** prometeu instalar uma central de telex na Bahia em 90 dias. Apesar de grandes oradores, os baianos eram os únicos que não falavam pelo telex com o resto do país.

★ A gravação de maior importância para a divulgação de um compositor brasileiro no exterior começa a ser vendida. Trata-se de um disco que **Francis Albert Sinatra,** o famoso **Frank,** assina com **Antônio Carlos Jobim,** o conhecido **Tom.** Mesmo antes de ser colocado à venda, a Philips já havia recebido mais de 100 mil pedidos do disco.

O economista **Celso Furtado,** agora na Sorbonne, pretende voltar ao Brasil antes do fim do ano. Como nada deve, nada teme, confia na nova orientação do govêrno em face dos cassados.

★ O procurador-geral da Justiça da Guanabara, Sr. **Arnold Wald,** está ampliando os quadros da Justiça Gratuita nos bairros. Lagoa e Engenho Nôvo, através de suas regiões administrativas, já dispõem de um defensor público e de estagiários acadêmicos para quem, não tendo dinheiro, tem direitos.

Haverá êste mês no Maranhão a I Reunião das Espôsas dos Presidentes de Câmaras Municipais daquele estado. Será promovida pela Sra. **José Sarnei.** Logo em seguida, haverá reuniões com as espôsas dos juízes e promotores. As mulheres maranhenses estão agindo.

Outro que se prepara para voltar ao Brasil é o ex-Governador **Ademar de Barros.** Não quer mais saber de política e sim de café: vai montar em Campinas a maior fábrica de café solúvel da América Latina. O Sr. **Hugo Borghi** está de ôlho.

Foi o próprio Marechal **Costa e Silva** quem, considerando generosa e humana, além de justa e correta, a atuação do Sr. **Eraldo Gueiros** como procurador-geral da Justiça Militar, pediu-lhe que continuasse no cargo.

Diante do empenho do Marechal **Costa e Silva** em consolidar Brasília, o Embaixador **Pascoal Carlos Magno,** através do Conselho Estadual de Cultura, está interessando o governador da Guanabara no sentido de que o Palácio Tiradentes passe da Câmara dos Deputados para o patrimônio da Guanabara. Ali será instalada uma sala de espetáculos, para audições musicais e conferências, bem mais amenas e tranqüilas do que os debates de alguns anos atrás.

O ex-ministro e jurista **João Mangabeira,** já falecido, será nome de uma das mais novas e maiores avenidas de Salvador, a que liga os bairros de Brotas e Pituba. A iniciativa foi do Vereador **Cosme de Farias,** de 93 anos, um dos mais velhos políticos do Brasil.

Disposto a fazer um govêrno de jovens, à semelhança do Sr. **Lomanto Júnior,** o Governador **Luís Viana Filho** está recrutando seus auxiliares mais próximos entre os componentes da nova geração política da Bahia. Uma das secretarias mais importantes — a dos Transportes e Comunicações — foi confiada a um jovem de 28 anos, o Deputado **Francisco Benjamim,** cujo nome, em matéria de mais nôvo, é um pleonasmo.

★ O poeta **Augusto Frederico Schmidt,** cujo aniversário de nascimento se comemora êste mês, reviverá num disco, lançado por **Irineu Garcia.** Ali está gravada a sua voz, dizendo vários poemas seus, juntamente com **Maria Fernanda, Natália Timberg, Fernanda Montenegro** e **João Villaret,** entre outros. O disco será acompanhado de um álbum, onde se lêem artigos de vários amigos do poeta: **Israel Klabin, Negrão de Lima, Paulo Mendes Campos, Júlio Barbero, Kurt Weil** e **Almeida Sales.**

Tudo nêle é exagerado.

O exagêro começa na plaquinha 1.300, na tampa do motor.

Ela poderia ser prêsa com dois parafusos. Nós a prendemos com três.

Nunca fizemos com menos o que podemos fazer com mais.

Por exemplo: será que é mesmo necessário pintar uma carroçaria três vêzes? Nós o fazemos.

E para estarmos bem seguros, pintamos uma quarta vez.

Sabe como testamos o estofamento?

Friccionamos amostras de plástico com um disco que gira 85 vêzes por minuto. Fazemos isso 1.000 vêzes. Se o plástico não se estragou depois dêsse teste, liberamos o lote.

Por isso é que v. não precisa se preocupar com o seu estofamento durante vários anos.

Outro exagêro é a chapa de aço que colocamos embaixo de cada VW.

Nenhum outro carro tem essa chapa, embora ela sirva para proteger fios, cabos de comando, tubulações etc. etc.

Proteção que nós achamos extremamente importante nas estradas ruins, onde existem pedras, água, lama e outras pequenas coisas que podem causar grandes estragos.

Mas é como dizemos: gostamos de nos prevenir.

Até as barras de torção levam uma camada de pintura. Apesar de já estarem protegidas dentro de tubos.

Na verdade, até o nôvo motor que nós colocamos no VW é um exagêro: tem 10 HP a mais. E até hoje ninguém tinha sentido falta dêles.

Mas parece que todo mundo gosta dêsses exageros.

Tanto assim que estão rodando no Brasil mais de 400.000 VW.
Sem exagêro.

"Queremos mais, muito mais, *misses*."

Eterna

"Fiquei satisfeitíssimo com a última capa de MANCHETE. Iêda Vargas continua a miss das misses — a miss eterna." — **Maurício Vasconcelos, Recife, PE.**

Itália

"MANCHETE prometeu a seus leitores, não faz muito, uma grande reportagem sôbre a Itália. Quando será publicada?" — **João Luís Soares, Divinópolis, MG.**

- **Breve.**

Salvador

"Surpreendente a reportagem sôbre Salvador. É uma dádiva dos céus viver numa cidade como a nossa." — **Maria Helena Correia Costa, Salvador, BA.**

Gaúchos

"Os gaúchos se congratulam com essa revista pela bela reportagem sôbre o **Continente Gaúcho.** Podem ficar certos que ela agradou a todos nós, deixando-nos orgulhosos de nosso estado." **J. C. Santos, Pôrto Alegre, RS.**

• • •

"Formulamos a presente para apresentar a V. Sas. os nossos cumprimentos pela magnífica edição sôbre o Rio Grande do Sul." — **Sérgio Pinto Gomes, presidente da Associação dos Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas de Pôrto Alegre.**

J. U. Campos

"Meus cumprimentos a Luís Martins pelo seu inspirado artigo publicado em MANCHETE sôbre o meu avô, Monteiro Lobato, bem como pela reprodução de muitas das ilustrações que meu pai, J. U. Campos, fêz para os seus livros infantis." — **Joyce Campos Kornbluh, São Paulo, SP.**

Retificação

"Consideramos realmente excelente a edição especial que MANCHETE dedicou a Minas Gerais. Especialmente no que se refere ao desenvolvimento industrial em nosso estado, a reportagem a côres é simplesmente formidável. Gostaríamos de solicitar, contudo, uma retificação que se faz necessária. Foi estampada na página 78, do referido número, uma foto em que se vêem, em primeiro plano, as diversas máquinas de retrefilar arames de nossa trefilaria, mas sôbre uma legenda que faz referência à Minasfer e não à Belgo-Mineira. No texto, também, há menção à nossa trefilaria, mas como pertencendo à Cia. Siderúrgica Nacional. Tais senões não diminuem o valor do trabalho, que é magnífico, mas gostaríamos, a bem da exatidão, que fôssem retificados." — **Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, Belo Horizonte, MG.**

Misses

"Já é tempo de MANCHETE começar a tratar do assunto que nunca morre: o concurso de beleza que se realiza todo ano. Tivemos, num dos últimos números, uma pequena reportagem sôbre a primeira candidata pela Guanabara — por sinal, belíssima. Mas não basta. Queremos mais, muito mais." — **Afonso Liberato Rodrigues, Varginha, MG.**

- **Terão.**

Família

"Venho por meio desta dar os parabéns à grande revista MANCHETE pela belíssima reportagem sôbre a família brasileira. Sou professôra primária e acho que, no momento atual, precisamos muito de artigos dêste gênero." — **Adriana Pereira Gomes, Rio, GB.**

Nôvo perfume

A Coty acaba de lançar no mercado brasileiro o perfume **Imprévu**, novidade também na Europa e nos Estados Unidos. A exemplo do que ocorreu em Paris, Londres, Roma e Nova Iorque, **seu lançamento no Rio foi acompanhado de grande promoção**, destacando-se o coquetel-**show** de apresentação do produto, no Copacabana Palace, com a presença de figuras de realce dos meios sociais e comerciais.

Paulista vê centro industrial baiano

Desde a semana passada, uma exposição fotográfica no saguão do aeroporto de Congonhas, em São Paulo, mostra o que será em breve **o maior parque industrial do Norte e Nordeste.** Trata-se do Centro Industrial de Aratu, em desenvolvimento naquela promissora localidade da Bahia. Na véspera da inauguração da exposição, o superintendente da entidade, engenheiro Ângelo Calmon de Sá, entregava ao Governador Lomanto Júnior, em Salvador, o plano diretor do centro.

Banco pernambucano se expande

Num programa de ampliação de sua rêde pelos estados setentrionais, o Banco do Povo, do Recife, inaugurou mais uma agência em Salvador. Na Bahia, onde tem como diretor-geral o Sr. Jaime Dias da Silva, **é esta a segunda agência do estabelecimento, que está instalando outras também em São Luís e em Manaus.**

Mais produtos têxteis

Inaugurou novos equipamentos e instalações a Fiação e Tecelagem Dona Rosa, de Itapetininga, São Paulo, pertencente à Companhia Carioca de Algodão e dirigida pelo industrial Alfredo Marques Viana. Com a conclusão desta primeira etapa do seu plano de expansão, em que investiu centenas de milhões de cruzeiros antigos, a emprêsa passará a fornecer **diversos novos artigos, numa imediata duplicação do seu atual volume de vendas.**

Recorde máximo em precisão de relógio

Nos Concursos de Precisão dos Observatórios Oficiais da Suíça, que todos os anos se realizam em Genebra e Neuchatel, um relógio de pulso Omega registrou, desta vez, **um recorde inédito na história da relojoaria, ficando a menos de dois pontos da precisão absoluta**, o que pràticamente equivale a zero de diferença. Êste surpreendente resultado foi obtido após 45 dias de severas provas, a que foram submetidos todos os relógios concorrentes

Maiores atividades do Banco Independência

Assumindo o cargo de gerente na Guanabara do Banco Independência, que tem matriz em São Paulo, o Sr. João Debilian anunciou a expansão das atividades do estabelecimento no Rio, **incluindo possivelmente a instalação de mais agências.**

Cheque Verde vale no exterior

A direção do Banco do Estado da Guanabara, através de sua agência Marquês do Herval, no Rio, recebeu interessante carta do seu cliente, Sr. Pedro Loureiro Maia, revelando que, em viagem pelos Estados Unidos, **realizou compras em Miami utilizando Cheques Verdes, ali conhecidos dos comerciantes,** na falta provisória de dinheiro corrente norte-americano. Êstes cheques do BEG (que não são de viagem, mas de circulação no Brasil) foram aceitos por uma grande loja de Miami como pagamento de compras no valor correspondente a 300 mil cruzeiros antigos.

Coronel do Acre, ex-governador e senador pelo Pará, o nôvo titular do Ministério do Trabalho empolga a opinião pública, reabrindo o diálogo com os operários e pregando a liberdade sindical

PASSARINHO, O MIN

Estávamos, há dois anos, nos Campos Elísios, em São Paulo, quando o Governador Ademar de Barros recebia a visita do Governador Jarbas Passarinho: "Peça-me o que quiser, meu caro colega. Peça e eu lhe darei." Mas aquêle coronel acreano, que governava o Pará, não se deixou influenciar pela atmosfera e não engoliu as dádivas oferecidas em tom de esmola: "O senhor, que governa um grande estado, desculpe a ousadia de quem governa um estado pobre, lá do extremo Norte. Mas, em nome dêle e do meu povo, tenho o dever de dizer-lhe que aqui não vim para pedir ou receber qualquer dádiva. Vim para propor soluções do interêsse recíproco de São Paulo e do Pará." Aquela altivez surpreendeu e encantou o jornalista, que voltou a encontrar-se agora com o Ministro Jarbas Passarinho.

— O senhor é esquerdista?

— De comunista, ainda não tiveram a coragem de acusar-me. Mas de esquerdista já me apontaram várias vêzes. Isto me lembra a explicação do Padre Ávila, segundo a qual o dedo anular da mão esquerda é direitista para o dedo mínimo. Assim, as pessoas que se colocam à nossa direita tendem sempre a considerar-nos numa posição esquerdista. Trata-se de mera posição geográfica, que nada tem a ver com o pensamento ideológico. Acredito, por exemplo, na propriedade privada, desde que ela se enquadre dentro dos interêsses do bem comum. Vivo em 1967 e não no último quartel do século 19, quando o capitalismo liberal usava e abusava da propriedade. O estado era um mero gendarme que garantia ao homem opressor tôda espécie de contrato. **Segundo Huxley, o gendarme ficava na esquina para evitar que algumas consciências bem formadas atacassem as môças que passavam.**

O atual ministro do Trabalho considera-se nacionalista, desde os tempos de tenente ou mais intensamente a partir de 1959, quando assumiu a superintendência da Petrobrás na Região Norte. Mas se recusa a confundir nacionalismo com xenofobia.

Combatido, polemizado e controvertido por causa da sua posição em face dos sindicatos, êle explica a MANCHETE:

— O sindicato livre é indispensável à estabilidade social e política. **Êle não pode ser um mastim que alimentamos apenas da porta para fora,** mas que nos recusamos a receber dentro de casa. Precisamos dêle para o equilíbrio de fôrças, pois não é justo que os grupos econômicos e os sindicatos patronais possam fazer suas legítimas pressões e os sindicatos operários estejam impedidos de defender os interêsses e direitos de milhões de trabalhadores. Se apenas um lado pode pressionar, temos uma paz que não é cristã, nem democrática, ou muito menos estável, porque é simplesmente uma paz romana. Não sou um demagogo, inclusive porque jamais faria dêste ministério um instrumento de convulsões es-

O Senador Jarbas Passarinho deixou a atividade parlamentar para exercer um dos mais difíceis postos do govêrno. E está impressionando muito bem.

Entrevista a MURILO MELO FILHO ● Foto de Moacyr Gomes

ISTRO DA VANGUARDA

téreis ou de projeção pessoal. Quero fazer aqui algo de sério e, por isto mesmo, **algo de grave.**

Ao contrário do que se possa imaginar, o ministro vem encontrando compreensão e apoio de uma grande maioria dos líderes do 31 de Março para a sua orientação. Generais e coronéis têm ido ao seu gabinete levar-lhe solidariedade, por entenderem que a revolução deve aproximar-se das classes populares. São homens que o conhecem bem e nêle confiam.

— O presidente da República também o apóia?

— Integralmente. Trata-se de uma solidariedade completa e confortadora. A prova está na sua calorosa mensagem de felicitações ao papa pela última encíclica e, em seguida, nas três referências que fêz ao documento na sua fala sôbre a política externa. **O que defendo está muito aquém do que Paulo VI defende.** A única razão de aqui permanecer está no incentivo do presidente, sem o qual não continuaria nesta cadeira um só instante. Recebi a recomendação de dialogar com os operários, de ouvir-lhes as reivindicações, de analisar-lhes os pleitos. Isto deve e tem que ser feito, ao mesmo tempo sem demagogia e com o cuidado de ouvir os empresários brasileiros. **Só se entende a linguagem da igreja, quando se ouvem os sinos de ambos os campanários.**

O Sr. Jarbas Passarinho sabe que está mexendo numa casa de maribondos. Reconhece que mexer nela sem proteger a cabeça é correr risco certo. Mas quando a cabeça está protegida — diz —, as vespas se transformam em inofensivas abelhas. Ao defender a participação dos empregados nos lucros das emprêsas, êle adverte logo que está protegido pelo manto purpúreo da Igreja, **defensora dessa tese há quase um século.** Reconhece que está apenas repetindo Leão XIII, em afinidade integral com a linha do govêrno. Explica: o Presidente Costa e Silva condena a desigualdade e o desnível entre as nações no plano externo e o Ministro Passarinho acha que êsse desnível e essa desigualdade são também condenáveis entre os indivíduos, no plano interno.

— Sua posição está causando muitos choques?

— É claro. Inclusive por má compreensão. Mas nem sempre é assim. Ainda há poucos dias, falando perante os empresários na Confederação Nacional da Indústria, fiquei surprêso com a compreensão de todos. Muitos me perguntavam: "Então é isto o que o senhor quer? Se é, estamos de acôrdo." Nos próximos dias, irei ao Rio Grande do Sul, onde sei que várias indústrias já aplicaram uma fórmula inteligente de participação nos lucros, através das fundações.

O movimento de 31 de março realmente teve muita sorte no Pará. Consegui substituir ali um antiquado sistema de fôrças políticas por jovens líderes que mudaram a face do estado, como o ex-Governador Jarbas Passarinho e o atual, Alacid Nunes, amigos e colegas desde a Escola Militar.

— Bem meço a minha responsabilidade. Ainda não tenho conhecimentos profundos sôbre as matérias dêste ministério. Peço tempo para familiarizar-me com elas. Pouco prometo, além de lealdade, devotamento e honestidade. Manterei o sindicato brasileiro livre de injunções, especialmente as que tentam colocá-lo a serviço da luta de classes ou lhe conspurcam a dignidade através do paternalismo estatal. **Sei que não me esperam dias tranqüilos.** As áreas radicais que sempre combati, os comunistas e os proxenetas dos sindicatos, fabricados pela ação corrutora do Estado, **vão dificultar-me a ação, impedir-me o êxito,** que seria menos meu que do Govêrno Costa e Silva e do Brasil. Previno, todavia, que sou afeito à luta. Ela me retempera e é nela que melhor me realizo.

Tendo nascido em Xapuri, longínqua cidade do Acre, o ministro do Trabalho estudou em Belém, foi diretor da **Revista da Escola Militar** e presidente da sua sociedade literária. Elegeu-se presidente da Academia Paraense de Letras, foi editorialista do jornal **A Província do Pará**, para assuntos nacionais e internacionais. Dirigiu a **Revista do Clube Militar.** Tem os cursos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a Escola de Estado-Maior do Exército. Governou o Pará de 1964 a 1966. Reformou-se como coronel, no ano passado. Eleito senador por esmagadora maioria, tem oito anos de mandato e está tendo um prejuízo pessoal muito grande porque ganha como ministro e não como senador.

— Pretende ser mesmo candidato a presidente da República?

— O prefeito de Belém, Sr. Stélio Maroja, costuma dizer que o Pará tem dado um ministro nos prazos das flôres de lótus. Eu acrescento que o fato se verifica com a periodicidade do cometa de Halley. Basta dizer que em todo o período republicano, eu sou o 5.º ministro paraense e, assim mesmo, nascido no Acre. Como pode o Pará pensar em oferecer um presidente à República? O Nordeste já conseguiu realizar tal façanha. Mas no Norte o feito será sempre impossível. Trata-se de uma região com apenas 3% da população brasileira. Êste impedimento não evita que o povo paraense se empolgue e, não satisfeito com a proeza de já ter um ministro de Estado, queira contar também com um presidente. A todos quantos me perguntam se sou presidenciável, limito-me a fazer uma blague e respondo: já fiz 35 anos. Depois do ministério, voltarei ao Senado, ou se os paraenses me quiserem, ao govêrno do Pará.

Leitor de Gilberto Amado, Machado, Nabuco, José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Huxley e Maugham, diz que tem uma dívida com o Pará porque ainda não leu Dalcídio Jurandir. Considera-se um solidarista cristão, entre o capitalismo e o comunismo, embora ache que a característica de cristão para o solidarismo limita naturalmente a sua expansão, porque lhe dificulta a conquista de ateus ou muçulmanos, por exemplo. Para êle, a consolação reside no fato de o marxismo também se ter autolimitado quando condenou-se a ser ateu e materialista.

— É verdade que o vetaram para ministro de Minas e Energia?

— Não. Não houve qualquer veto, pois se o tivesse havido eu não teria aceitado o Ministério do Trabalho como compensação. Pois se não servisse para um setor não serviria também para o outro. **Acredito nas bruxas, mas não creio que elas tenham existido neste caso.** O que houve foi aquilo que geralmente acontece na artilharia: faz-se uma pontaria prévia, com cálculos aproximativos e compositivos, para depois chegar ao tiro final. Na primeira fase dos estudos para organização de seu ministério, o Presidente Costa e Silva fêz as aproximações e qualificações. Na segunda etapa, encontrou o fermento para dar o gostinho final. E achou que eu me daria melhor no diálogo com os trabalhadores do que com os minérios.

Noticiou-se recentemente que o ministro do Trabalho teria declarado num sindicado que era um Jango melhorado. Esta declaração jamais foi feita, porque inclusive é de maugôsto e não sairia da bôca de um homem que, mesmo falando em tom de blaque, nunca tende para a grosseria. Nem disse, tampouco, que ninguém espere vir êle a ser o Jango de Costa e Silva, pois prefere deixar o ex-presidente quieto na sua situação de exilado.

— Qual é o seu conceito de democracia?

— A verdadeira democracia, onde o comunismo não vinga porque não encontra campo para atuar, sobrepõe a pessoa humana à sociedade, restabelece o indivíduo como pessoa e concede-lhe direitos inalienáveis, como o de não ter mêdo, de não ter fome e o da liberdade de opinião.

O Sr. Jarbas Passarinho tem 47 anos e cinco filhos:

— Já houve quem dissesse que eu tenho quatro filhos, o que é pouco, como já disseram também que tenho sete, dando-me assim dois a mais, que desconheço.

Está agora na faixa do voleibol, mas já foi excelente jogador de futebol, capaz de chutar em gol com os dois pés. Apesar de ser chamado de esquerdista, é mais fraco com a perna esquerda.

De qualquer forma, foi êsse ministro de vanguarda que o govêrno escalou na linha de frente, para lutar na grande área sindical, como ponta-de-lança.

PAULO MENDES CAMPOS

A PROVA DO GATO

O rapaz, môço, solteiro, rico, estava em seu apartamento de Copacabana, deitado no sofá, ouvindo **jazz**, quando tocaram a campainha; entrou um cavalheiro de cinqüenta anos, muito bem vestido, que lhe apontou um revólver, logo depois de fechada a porta.

— Êste revólver está carregado, mas não tenha mêdo, que estou com os nervos dominados. Porte-se como homem. O senhor é Fulano de Tal?

— Perfeitamente. Qual o problema? Porque êsse revólver?

— Vamos com calma. Só quero umas informações.

— Não tenho nada com êsse contrabando por aí.

— Mas talvez tenha muito com outro tipo de pirataria. O senhor conhece a Conceição?

— Conheço várias.

— Estou falando da Conceição de Tal, morena, 28 anos, desquitada.

— Conheço ligeiramente.

— Diga a verdade, do contrário posso perder a paciência. Só estou aqui para saber a verdade, o resto não me interessa.

— Conheço.

— Muito bem.

— E a mim o senhor conhece?

— Não, nunca o vi mais gordo nem tão armado.

— Deixe de brincadeira: o senhor me conhece ou não?

— De nome.

— E de vista?

— Já o vi umas três vêzes.

— Está melhorando. Sabe o senhor que não me casei até hoje com a Conceição por ter mulher e filhos? Mas que mantenho com ela há mais de dois anos e três meses uma relação muito séria, muito honrada, muito digna? Sabe?

— Não tinha o prazer.

— Sabe ou não sabe?

— Sei mais ou menos.

—Mas pelo menos sabia da minha ligação?...

— Sabia.

— Preste atenção na resposta: o senhor estêve sábado no Copa com a Conceição?

— Estive. Fomos apresentados dois dias antes, e fizemos boa camaradagem.

— O que chama o senhor de boa camaradagem?

— Me simpatizei amigàvelmente com ela, e a convidei para jantar.

— Só isto?

— Só isto.

— O senhor está mentindo. Minta outra vez, e eu sou capaz de perder a calma. Só isto?! O senhor depois não saiu de automóvel com ela?

— Bem, meu amigo, vou lhe dizer tudo.

— É o jeito. Meu problema é com ela; diga tudo e não se arrependerá.

— Às quatro horas da manhã saímos os dois de automóvel e demos uma volta até o Leblon.

— Beijos?

— Sim, beijos.

— O senhor tem a certeza de que a Conceição é esta de que lhe falo?

— Certeza absoluta.

— Não há possibilidade duma coincidência? Então, prossiga.

— Depois, fui até o apartamento dela.

— Na rua tal, número tal, apartamento tal?

— Exatamente.

— Bem, mas isso não prova nada. O senhor até agora disse que deu um beijo na Conceição. Quero saber tudo. Escuta uma coisa: êsse apartamento tem um tapête azul na sala?

— Tem um tapête azul, azul vivo.

— Ah, então deve ser ela mesma. E ela lhe mostrou um aparelho de alta-fidelidade?

— Mostrou.

— Foi presente meu. Que miserável! E depois?

— Depois... depois... ela me deu um drinque qualquer...

— Vinho do Pôrto?

— Isto mesmo: vinho do Pôrto.

— Tocou na vitrola um disco chamado **This Is Sinatra?**

— Tocou... tocou... **This Is Sinatra...**

— E depois?

— Bem, vai me compreender, mas eu acho que não é preciso contar mais nada...

Pois vai contar tudo direitinho. Até agora o que houve entre o senhor e a Conceição foi um jantar e uns beijinhos. Além do mais, estou muito desconfiado de que se trata duma amiga da Conceição, uma outra Conceição, de São Paulo. O senhor jura que ela não era paulista? Não tinha um certo sotaque?

— Não reparei.

— Porque a Conceição, a minha Conceição, me disse que ia subir para Petrópolis. Ah! Agora eu me lembro dum teste definitivo! Tinha lá um gato? Quando ela sobe, sempre leva o gato.

— Isto mesmo, um gato... Angorá, se não me engano.

— Certo, certíssimo, um gato angorá. Eu tenho ódio a êsse gato! Um dia eu ainda mato aquêle gato!

— O senhor tem tôda razão: o gato fica pulando em cima da gente a noite tôda.

— O pior é que fica miando... Já me arranhou todo... Ah, eu ainda mato aquêle gato!... Boa noite, cavalheiro. Eu vou matar aquêle gato!...

OS MAIS BELOS INTERIORES DO BRASIL

UMA CASA BEM MINEIRA

Reportagem de IBRAHIM SUED • Fotos de HÉLIO SANTOS

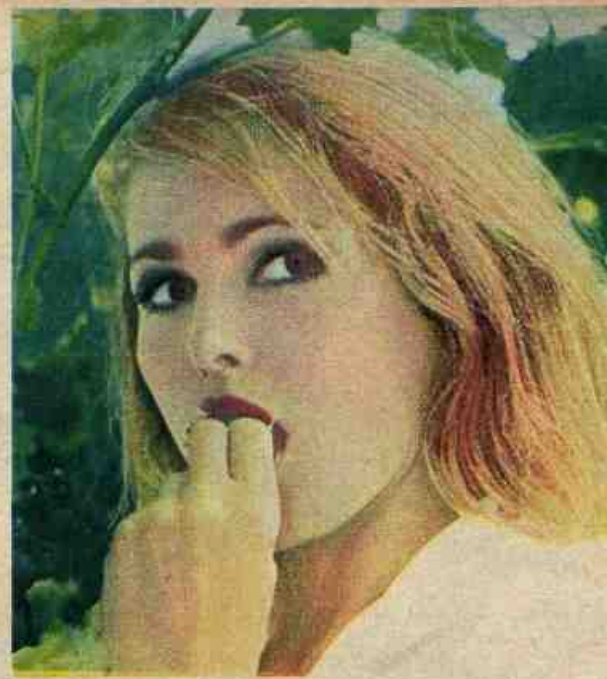
Quando o casal Alair Couto procurou o arquiteto Júlio Sena para lhe encomendar uma casa em estilo americano, êle perguntou: "Porque vocês não fazem uma casa mineira? Vocês não são mineiros?"

E a casa mineira foi feita, inspirada na arquitetura de Ouro Prêto e Sabará. Muitos pensam que a bela residência dos Alair Couto, em Belo Horizonte, é uma casa de época; outros garantem que se trata de prédio antigo que passou por uma adaptação. Nem uma coisa, nem outra: a casa foi construída há três anos — e tanto a arquitetura como a decoração são da autoria do conhecido Júlio Sena.

No hall de entrada da residência dos Alair Couto, em Belo Horizonte, revela-se a atmosfera do tradicional estilo mineiro, com seus grandes e acolhedores espaços.

À esquerda, fachada da residência. Em cima, uma antiga pia batismal transformada engenhosamente num vaso gigante para flôres.

A Sra. Alair Couto (em cima) numa das dependências de sua belíssima residência. À direita, a sala de estar, ampla e aconchegante. O projeto de Júlio Sena para a casa do casal Alair Couto, de Belo Horizonte, inspirou-se nas mansões de Minas Gerais de ontem.

Ursula Andress
– a mulher mais bela do mundo –
adora a espuma cosmética de Lux!

Foi êste o nosso pensamento: "Se Ursula é considerada a mulher mais bela do mundo, deve ser interessante ouvi-la falar sôbre beleza..." Então fomos procurá-la em sua pequena fazenda — um lugar sossegado, à beira do mar, nas proximidades de uma cidadezinha pacata. É ali que ela costuma descansar — fazendo companhia à mãe — nos intervalos entre uma e outra filma-

gem. O vento, o sol e a água do mar (ela adora nadar...) representam uma constante ameaça de ressequimento à pele de Ursula. Mas ela sabe como proteger sua beleza. "Tôdas as manhãs" — disse-nos ela, enquanto chupava uvas de seu parreiral —"dou a meu rosto a espuma cosmética do sabonete Lux. Que delicioso momento! Lux é tão suave, tão puro, tão delicadamente perfumado! Lux é espuma que embeleza a gente!" Passeando pelos campos (até saturar-se de sol) ou indo à cidadezinha vender as flôres do

jardim de sua chácara, Ursula não pode estar se preocupando com etiquêtas, com trajes finos, com um demasiado cuidado pela aparência. Mas por outro lado, não pode desapontar aquêles que a consideram a mulher mais bela do mundo.

"É claro que eu tenho recursos para custear tratamentos de beleza caros. Mas por que me preocupar, se Lux basta para garantir minha aparência suave, feminina, que os outros dizem ser encantadora?"

Lux protege a beleza.

Perfume marcante — Nova e delicada forma
Em 4 maravilhosas côres

PREFERIDO POR 9 ENTRE 10 ESTRÊLAS DO CINEMA

Na residência dos Alair Couto, pontos altos são a prataria e os tapêtes Colaço, êstes feitos especialmente para as dependências da mansão.

A CASA É AMPLA, A ATMOSFERA ACOLHEDORA, OS MÓVEIS ANTIGOS DA MAIS ABSOLUTA AUTENTICIDADE, E MARAVILHOSA A PRATARIA. NA RESIDÊNCIA DOS ALAIR COUTO A PRESENÇA DA VELHA MINAS SE FAZ SENTIR EM CADA PEÇA

Um precioso recanto: na parede uma tela de Leonello Berti. Mesa colonial.

À esquerda, um autêntico sofá bem brasileiro. O tapête é Colaço. Ao alto, encimando a pequena escrivaninha colonial, uma figura de Guignard.

De um negativo Kodacolor, V. também pode obter (fàcilmente) uma fotografia assim:

AMPLIAÇÃO 5R — de qualquer negativo Kodacolor retangular

Se V. não conhece direito as possibilidades que a qualidade Kodak lhe oferece para obter sempre boas fotografias, com qualquer câmara, leia estas indicações:

Kodacolor é um filme negativo para fotos em côres, destinadas a cópias ou ampliações em papel.

Lembre-se de que a Kodak possui um serviço econômico de magnicópias (ampliações), em formato retangular ou quadrado. Lembre-se também de que, utilizando os filmes e serviços Kodak, V. já está com meio caminho andado para obter os melhores resultados, pois a Kodak lhe dá a garantia da mais alta qualidade internacional. O resto depende de V.

Se V. já penetrou no mundo maravilhoso dos "slides" (diapositivos), isto é, se já possui também um projetor de "slides", então o seu filme é o Ektachrome-X (ou Kodachrome). É um filme reversível: na revelação, transforma-se diretamente em filme positivo, ou seja, em "slides" em côres prontos para serem projetados (depois de colocados nas respectivas molduras). Para fotografar cenas interiores, use "flash" azul ou "flash" eletrônico. Se V. não possui "flash", mas possui uma câmara com maiores recursos, também pode obter boas fotografias de interiores, usando o filme Ektachrome High Speed, de altíssima sensibilidade. Em qualquer caso, a superior qualidade Kodak constitui uma garantia indispensável.

Quanto mais V. fôr tomando gôsto pela fotografia e pelo registro daquelas cenas que não devem ficar esquecidas, mais irá valorizando as fotos em prêto e branco. O filme Verichrome Pan e o filme Plus-X se impõem, neste caso. Com êles, V. obtém os mais sugestivos efeitos de contrastes em prêto e branco.

E agora, é só colhêr os magníficos resultados de suas habilidades fotográficas. Como fazem — no mundo inteiro — milhões de homens, mulheres e adolescentes que confiam na qualidade Kodak.

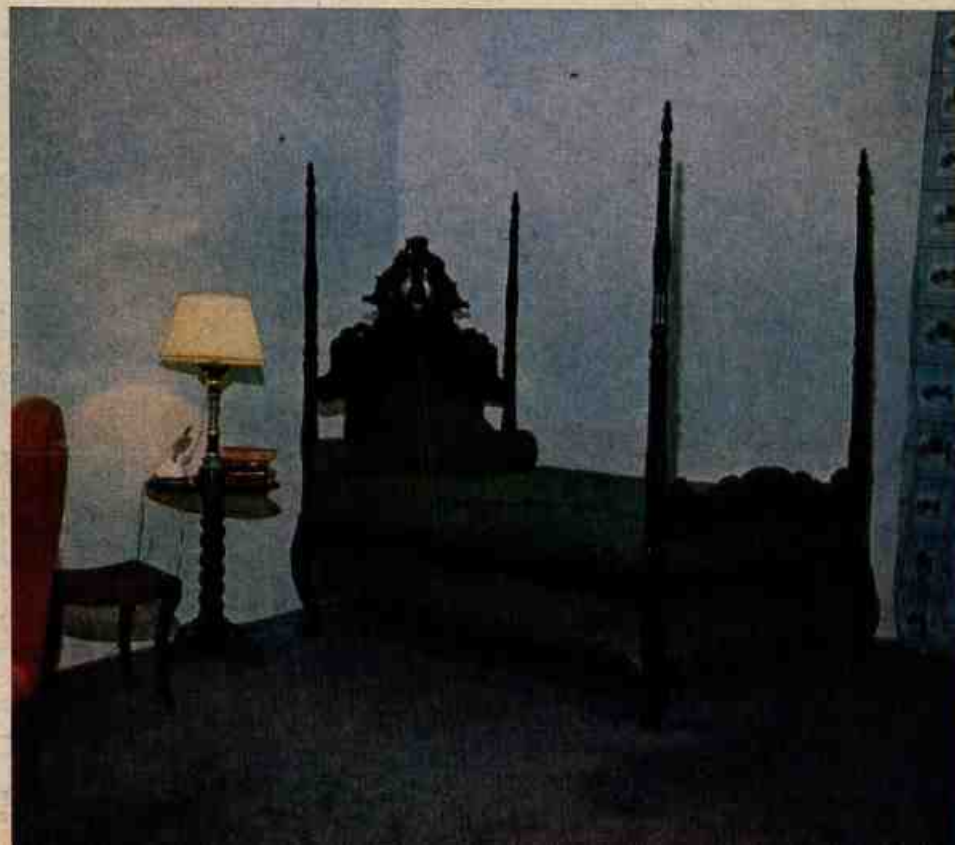
Kodak

O hall que comunica com a sala de jantar mostra um belo Di Cavalcânti dominando a parede principal. No teto da sala de jantar, a imponente lanterna Sabará.

ESTA RESIDÊNCIA DE BELO HORIZONTE INCLUI-SE ENTRE AS MAIS SENHORIAIS DO BRASIL. SEU ESTILO ARQUITETÔNICO, MÓVEIS E OBJETOS DE ARTE SE COMBINAM MARAVILHOSAMENTE

Aspecto do banheiro com seu grande espelho de cristal e piso de rara beleza.

Na residência belo-horizontina dos Alair Couto, os móveis são todos autênticos, compondo um magnífico conjunto dos mais variados estilos: D. João V, D. Maria, além de belíssimas peças holandesas, pernambucanas e mineiras. A prataria da casa é constituída de verdadeiras jóias de museu. Destacam-se, ainda, a lanterna Sabará, que ilumina a sala de jantar, e o gomil D. João V, usado como centro de mesa. Igualmente belos e raros — e, claro, igualmente autênticos — são os anjos que decoram os nichos do hall da escada, os tapêtes Colaço, desenhados especialmente para cada dependência (só o da sala de jantar mede sete metros de comprimento), os potiches Companhia das Índias, os santos antigos e os objetos de arte espalhados por tôda a casa. Vale ressaltar, também, a variada e valiosa pinacoteca, um rico acervo de telas dos mais famosos pintores modernos do Brasil. Senhorial e acolhedora, a residência dos Alair Couto, na capital mineira, é sem dúvida uma das mais belas e de mais bom-gôsto do Brasil.

Os leitos da residência (à esquerda e à direita), genuínas peças de arte. Igualmente belos e raros são os santos antigos da casa.

Brasil 66, o conjunto musical formado por um jovem pianista brasileiro, conquistou os Estados Unidos com seus **shows** milionários

SÉRGIO MENDES
meu piano vale ouro

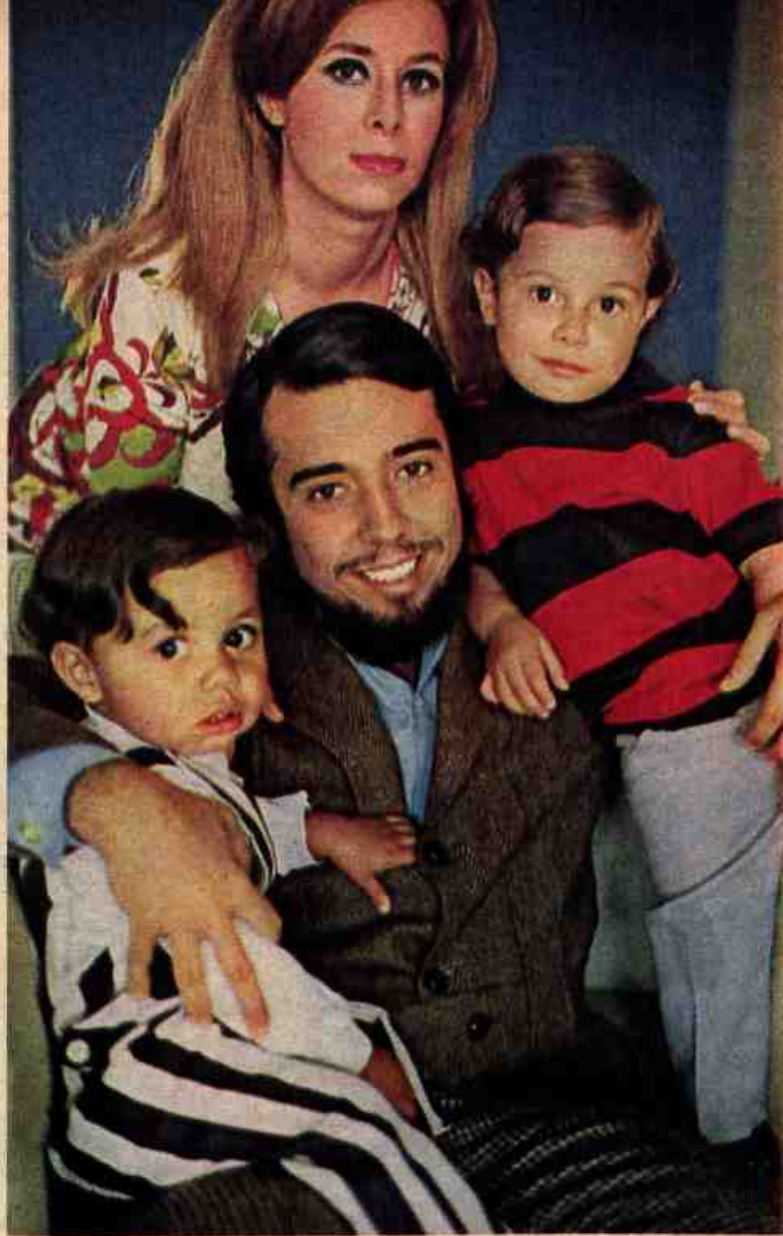
Dizem que êle está milionário. Êle afirma que não, após uma sonora gargalhada, e explica: "É verdade que cada apresentação do conjunto que criei e dirijo, o **Brasil 66**, dá um lucro de cinco mil dólares, e já fiz centenas de apresentações, na televisão e nas mais diversas cidades norte-americanas. Mas tenho enormes despesas com transportes e mil outras coisinhas." Sérgio Mendes, o melhor pianista brasileiro do tempo da bossa nova, está na Califórnia desde 1964. No ano passado, gravou um **longplay** — também intitulado **Brasil 66** — do qual foram vendidos 500 mil discos e que continua entre os 10 maiores sucessos musicais do momento, nos Estados Unidos. Sérgio nasceu há 26 anos, em Niterói. Hoje, vive numa grande residência (cinco quartos) que tem vista para o belo vale de San Fernando. Casado com Marci, uma garôta de Ipanema, tem dois filhos: Rodrigo, de três anos, e Bernardo, que nasceu nos **States.** Pode ser verdade que não esteja rico, mas é também verdade que possui um luxuoso escritório-estúdio na Sunset Strip e dois automóveis último modêlo. Formou o **Brasil 66** com duas cantoras e um contrabaixo norte-americanos, um ritmista e um baterista brasileiro, e êle, é óbvio, ao piano.

À esquerda: Danny Kaye, de quem se tornou amigo, foi o mestre de cerimônias do show em que Sérgio Mendes se apresentou recentemente em Hollywood. **Em cima:** o Brasil 66, num programa da CBS. O baterista brasileiro preferiu a maraca. As cantoras e o contrabaixo são americanos.

Reportagem de SÉRGIO ALBERTO, do Bureau de Manchete em Nova Iorque (Via VARIG)

Veja a nova
linha juventude
VULCABRÁS

Os modelos são modernos e muito elegantes. Para moças e rapazes, nas côres preta, café e tabaco esfumaçado.

Caixa Postal 47 - Jundiaí - SP

Sérgio, Marci e os dois filhos vivem felizes numa grande casa, na Califórnia. De vez em quando, êles matam a saudade do Brasil com uma feijoada.

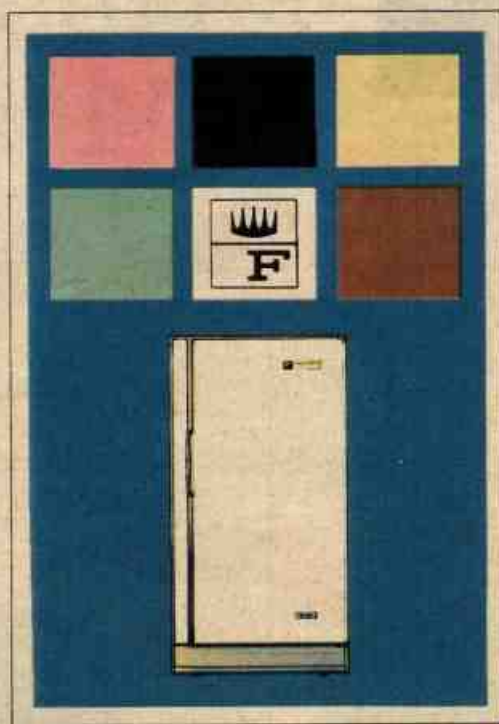
As músicas mais aplaudidas do Brasil 66 *são as de* Tom Jobim *e* Jorge Ben

NOS Estados Unidos, Sérgio Mendes fêz duas tentativas antes de encontrar o caminho do êxito. Em novembro de 1964, foi para lá com um grupo musical composto de um trio, uma cantora e um violonista. Era uma excursão patrocinada pelo Departamento Cultural do Itamarati. Êles se apresentaram em universidades, boates e teatros, a fim de promover a música brasileira, especialmente, a bossa nova, que estava no auge. Seis meses depois, o grupo voltou, mas Sérgio decidiu ficar. Pediu ao Itamarati outro conjunto, e obteve o cantor compositor Marcos Vale e a cantora Ana Maria. Estava formado o seu nôvo trio. As excursões recomeçaram.

Quando Marcos Vale e Ana Maria voltaram ao Brasil e êle teve necessidade de procurar outros artistas, Sérgio viu que seria um êrro querer apenas músicos e cantores brasileiros. Hoje, êle se justifica:

— Em primeiro lugar, a turma brasileira, depois de certo tempo, começa a ficar com saudade da terra. Mas há também o problema da comunicação com o público. Eu precisava de pessoas que cantassem em inglês e de músicos afinados no ritmo norte-americano. Foi assim que inventei o **Brasil 66**, com brasileiros e americanos mandando a mesma brasa. A diferença deste grupo para os anteriores é que êste tem uma unidade de som característica. Nós agora temos o que êles aqui chamam de **group sound**. Em qualquer lugar, no rádio, na televisão, você ouve a nossa turma e logo identifica o **Brasil 66**. É como acontece com os **Beatles**. O padeiro, o motorista, a môça que trabalha no **drugstore**, todos reconhecem o conjunto.

Em suas excursões e discos, Sérgio Mendes apresenta melodias tanto brasileiras quanto americanas, porém os seus grandes sucessos são brasileiros: músicas de Antônio Carlos Jobim, Jorge Ben e outros. No repertório internacional, prefere as canções de Johnny Mandel. Seja como fôr o piano e a bateria do **Brasil 66** fazem questão de conservar o balanço do samba, que os americanos tanto apreciam. Sérgio afirma que atualmente, nos Estados Unidos, todo mundo estimula os nossos compositores e cantores, que por isso têm à sua disposição um gigantesco mercado musical.

Se V. não acredita na intuição feminina, então veja... os engenheiros precisaram de milhares de testes para concluir: Frigidaire é perfeito. Com as mulheres, é amor à primeira vista.

É que se não é possível fazer um Frigidaire mais perfeito, nós o fazemos sempre mais bonito. Nós o fazemos para as mulheres muito exigentes. Mulheres que vêem o estilo, a classe, a categoria. E essa qualidade salta aos olhos - basta um segundo para notar. Por isso, para as mulheres que se acostumaram a sonhar com o máximo, Frigidaire é o que tôdas querem, é amor à primeira vista. **E quem vai protestar se Frigidaire "Première" ficou ainda mais bonito?** Ora, as mulheres adoram côres. É uma questão de gôsto.

Daí não termos ficado no clássico branco brilhante. Lançamos de início o Frigidaire "Première" Deluxo em rosa, azul-turquesa, bege-caramelo, amarelo e cinza-grafite. Elas acharam uma beleza. Tanto que entramos com outros modelos no arco-íris. Agora, temos côres do modêlo Deluxo ao mais popular. Côres modernas, adoráveis. E como são 8 modelos diferentes, em 5 côres (além do branco tradicional), oferecemos 32 variações de escolha. Há sempre um Frigidaire feito para V., ao seu alcance. E V. tem direito, não?

Então elas precisam entender de técnica? Se entendessem, não faria mal. Elas poderiam saber que o exclusivo compressor do Frigidaire "Première" (o poupa-corrente) é o que há de mais avançado. De garantido. E de mais econômico. Não é sem razão que se testa rigorosamente cada peça Frigidaire. Daí a perfeição, a liderança há mais de meio século. Elas podem não compreender direito, mas sabem o suficiente (isso vem de uma geração para outra) sôbre a qualidade do refrigerador Frigidaire. É justamente o que elas querem.

oh, que delícia as mulheres!

Pelos 35 shows que estão fazendo êste mês, Sérgio e seu conjunto ganharão uma fortuna de fazer inveja

SÉRGIO Mendes oferece esta receita a outros brasileiros que quiserem fazer fortuna nos Estados Unidos: muita dedicação, ensaiar e trabalhar noite e dia, acreditar em si mesmo e naquilo que está fazendo. E acrescenta:

— Se eu não tivesse acreditado, desde o princípio, na idéia do meu conjunto, e se não organizasse um repertório com canções que o povo compreendesse e amasse, teria entrado pelo cano. O público me deu razão, pois onde quer que estejamos, seja em Alabama ou Nova Iorque, nas grandes ou pequenas cidades, a receptividade é sempre a mesma: enorme. É por isso que, agora, as nossas oportunidades são excelentes. Temos bastante trabalho, é verdade, mas êle compensa. E as condições de gravação são ótimas.

Sérgio Mendes alisa a barba e diz que foi convidado à participar de um **show** em Washington, no dia 12 de maio. É uma festa na Casa Branca, oferecida pelo Presidente Johnson aos embaixadores latino-americanos. No momento, está iniciando uma nova excursão pelos Estados Unidos, durante a qual apresentará 35 espetáculos, a cinco mil dólares cada um. Quer dizer: 175 mil dólares, ou 470 milhões de cruzeiros velhos, por um mês de trabalho!

Depois disso, êle virá passar férias no Rio de Janeiro, onde pretende fazer, em suas próprias palavras, "quatro coisas fundamentais":

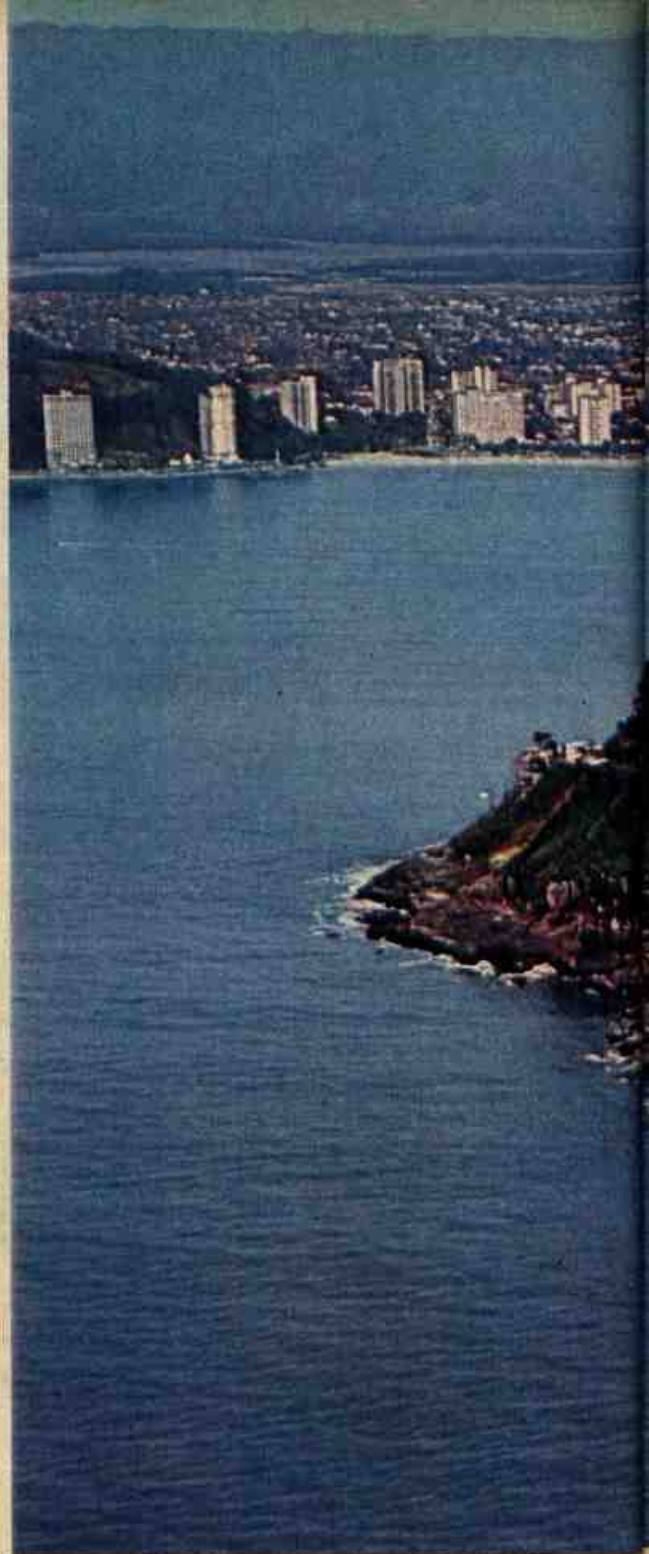
— Descansar, pescar, tomar guaraná e ler MANCHETE...

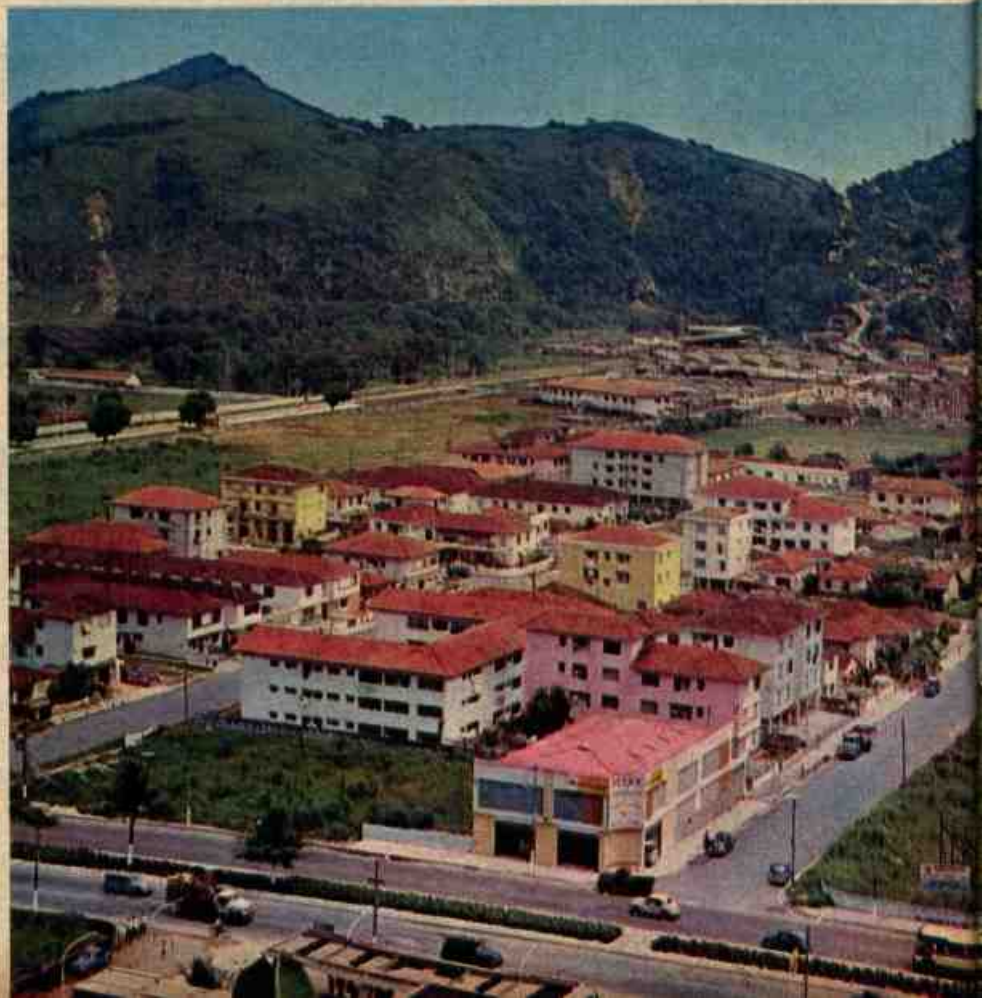
Em maio, Sérgio Mendes sairá de sua casa branca da Califórnia para dar um show na verdadeira Casa Branca.

SANTOS

UMA METRÓPOLE À BEIRA-MAR

SE tôdas as cidades tivessem a sorte que teve Santos na fase mais crítica de sua urbanização — e a tem agora na época mais explosiva de sua expansão — o Brasil apresentaria um quadro municipalista bem mais otimista do que o atual. Poucas cidades se constituíram e desenvolveram à luz de um planejamento coerente em que todos os fatôres que formam o complexo urbano foram levados em conta. Na primeira década do século, foram projetados os oito canais que hoje cortam a cidade-mar de lado a lado, e que, além de impedirem as águas de invadir a cidade, constituem-se em elementos decorativos de rara beleza. Por outro lado, as largas avenidas que margeiam êstes canais asseguram o escoamento do trânsito, considerado um dos mais disciplinados do país.

Santos é hoje o segundo centro turístico do Brasil e uma peça fundamental na economia paulista. Ali se encontra o mais importante pôrto da América Latina, por onde se escoa o volume maior das riquezas de São Paulo. No ano passado, seu movimento elevou-se à casa dos 15 milhões de toneladas, entre cargas importadas e exportadas. Famosas são suas praias ao longo de sete quilômetros da costa, totalmente ajardinadas numa largura média de 150 metros. É para onde quatro milhões de paulistas de tôda parte acorrem todos os anos, permitindo ao município uma arrecadação de tributos da ordem de 400 bilhões anuais. Hoje a cidade vive a sua fase áurea. É considerada a capital litorânea do Estado de São Paulo.

Considerada a capital litorânea de São Paulo, Santos atra

O Prefeito Sílvio Fernandes Lopes está sempre presente na fiscalização das novas obras que transformam Santos. À direita, o bairro do Jabaquara, pavimentado pela Prodesan.

todos os anos, milhões de paulistas e de brasileiros de tôda parte. E ingressa, agora, numa nova fase de desenvolvimento que a coloca à altura das grandes metrópoles.

O bairro do Jabaquara, como tantos outros, vem sendo inteiramente remodelado. Canais recebem tratamento especial e novas artérias, como a Avenida N. S.ª de Fátima, são abertas, drenadas, asfaltadas e iluminadas.

Uma experiência pioneira em administração municipal, unindo govêrno e particulares, planeja e realiza a transformação de Santos

O poder público precisou de muito fôlego, mas conseguiu acompanhar o progresso do município sem perda de terreno no setor de urbanização e embelezamento.

Uma equipe de engenheiros, administradores e arquitetos foi reunida para conduzir os trabalhos de um nôvo planejamento de Santos, capaz de atender às solicitações de seu crescimento até daqui a 60 anos. Para isso, o prefeito, engenheiro Sílvio Fernandes Lopes, criou a PRODESAN — Progresso e Desenvolvimento de Santos S/A —, uma sociedade de economia mista, única em todo o país na esfera municipal, voltada para o planejamento e a execução de obras públicas. A PRODESAN cuida no momento da elaboração de um Plano Diretor Físico da cidade, um Código de Edificações, um Código de Posturas, da construção da Estação Rodoviária, do Teatro Municipal, da urbanização dos morros locais ("Parque da Montanha"), além de ter em pauta planos de reforma administrativa, de um terminal de destinação do lixo e de revitalização dos bairros afastados. Esta empreitada de alto vulto requer a mobilização de uma poderosa máquina de trabalho, a agora constituída pelo Prefeito Sílvio Fernandes Lopes — o mesmo que revolucionou a sistemática de administração e alterou a face da cidade, na primeira vez em que governou Santos, anos atrás.

Com menos de dois anos de existência, a PRODESAN já conseguiu fixar a estrutura básica de seus objetivos e ataca vigorosamente os setores em que as obras públicas mais se fazem necessárias, para que a cidade possa enfrentar os próximos anos. Santos deixa assim de ser apenas uma grande metrópole e passa a se constituir também no centro de gravitação de uma área geográfica de importância vital para a economia do país. Os trabalhos tiveram início na abertura de uma grande artéria que, ligando a Via Anchieta diretamente a São Vicente, pudesse desviar do centro da cidade o tráfego cada vez mais crescente de veículos vindos de São Paulo ou do Rio — pèla futura Estrada do Turismo — evitando-se assim problemas de trânsito. É a Avenida Nossa Senhora de Fátima, de 18 quilômetros de extensão e 25 metros de largura. Outra avenida está sendo aberta, para a circulação de veículos em tôrno da cidade, com os mesmos fins. Esta artéria, na altura do bairro do Jabaquara, abre passagem para onze ruas, antes sem saída. Nas praias de Santos, a PRODESAN instituiu uma nova bossa: os banhos noturnos. O prefeito municipal está iluminando as praias do Gonzaga e José Menino, que já nas próximas férias estarão abertas à noite. Os técnicos da PRODESAN fazem parte de uma juventude que trabalha 24 horas por dia para fazer da cidade um exemplo de urbanização no cenário nacional.

Êles não dizem

Os astros mais populares da tevê brasileira vão percorrer juntos o país

O ROMANCE SECRETO DE CARLOS ALBERTO E IONÁ

Reportagem de LUZIA PELTIER • Fotos de PAULO SCHEUENSTUHL

⊞ Para milhões de telespectadores, Carlos Alberto e Ioná Magalhães, por mais que representem outros papéis, ainda são — e serão sempre — Federico Aldama e Maria Teresa, a dupla romântica da novela **Eu Compro Essa Mulher**. Agora que Ioná acaba de se desquitar do produtor de cinema Luís Augusto Mendes e se prepara para partir com o seu galã em excursão teatral por todo o Brasil, surgem insistentes rumôres de que há, entre os dois, um romance de amor. Para muitos, êsse projeto — que êles dizem ser uma simples aliança artístico-comercial — é uma espécie de fuga romântica, uma transposição, para a vida real, do amor que viveram na famosa novela. Se realmente existe tal romance, jamais houve outro tão secreto. Nem êle, nem ela o confirmam. Isso não impede, no entanto, que cada um se manifeste sôbre o outro, do ponto de vista profissional e também sôbre o aspecto humano. Carlos Alberto considera Ioná Magalhães uma excelente atriz. Mas declara:

— Ela é implicante, teimosa e anti-social. Mas, por outro lado, tem tudo o que há de melhor no ser humano. Sabe, especialmente, ser mãe. Adora o filho. E sente um amor desusado pelos animais. Bem maior do que o amor que sente pelo homem.

Fala em homem no sentido genérico. Confessa que não consegue lembrar-se do dia exato em que conheceu Ioná. Diz ter péssima memória para datas:

— Acreditem ou não, chego, às vêzes, a esquecer o aniversário do meu próprio filho... Só me lembro de que a conheci em março do ano passado, aproximadamente à meia-noite, quando íamos iniciar a gravação da novela **Eu Compro Essa Mulher**. Ao vê-la, perguntei a mim mesmo: "Quem será essa atriz? Será que vamos nos entender bem?"

Entenderam-se muito bem. Quanto a Ioná, declara ter tido a melhor impressão de Carlos Alberto. Desde o primeiro dia de trabalho.

— Pareceu-me ser um homem educado, inteligente e ótimo profissional. E é por isso que tem tido tanto sucesso em todos os seus empreendimentos: como professor, diretor de colégio, conferencista e ator, premiado muitas vêzes por suas atuações no teatro como no cinema. Não vejo nêle defeitos. Trabalhamos juntos em 78 capítulos de **Eu Compro Essa Mulher**, em 30 de **A Sombra de Rebeca** e em 200 representações da comédia **Um Amor Suspicaz**, de Bill Manhoff, no palco do Copacabana. Exatamente 308 vêzes...

A essa conta, Carlos Alberto acrescenta ainda. vários quadros do programa de televisão **Noite de Gala**, em que apareceram juntos. Desta vez, a sua memória parece mais viva que a de Ioná.

— Você se casaria com Carlos Alberto?

Ela sorri e responde:

— Porque me pergunta isso? Casamento, no Brasil, é racionado. Só se casa uma vez. E eu já usei a minha cota...

Bem diferente é a resposta de Carlos Alberto à mesma indagação com referência a Ioná Magalhães:

— Se nos amássemos de verdade, é óbvio que sim...

Carlos Alberto já trabalhou ao lado de outras belas atrizes, conquistando êxitos expressivos. Foi o galã de Tônia Carrero em **Tiro e Queda**, de Marcel Achard. Apareceu ao lado de Maria Della Costa, em **Depois da Queda**, de Arthur Miller. Mas não havia ainda chegado ao apogeu da fama, que viria com a novela em que era Federico Aldama, cheio de amor por Maria Teresa, vivida com tanta sinceridade por Ioná Magalhães. Apareceu, também, como o Barão Von Trapp em **Música, Divina Música**. Mas nem os aplausos conquistados no palco, nem a popularidade advinda da televisão lhe subiram à cabeça. Diplomado em Geologia pela Universidade de Michigan, onde também estudou literatura comparada, êle se considera mais um professor do que um artista. E diz, modestamente:

— Não pretendo fazer carreira de ator, em caráter definitivo. Considero isso um simples episódio em minha vida. Entretanto, na situação em que me acho, procuro dar a todos o melhor de mim mesmo, antes que me esqueçam...

É, portanto, um espírito realista, sem muitas ilusões. Sua popularidade seria, talvez, ainda maior, se tivesse sido filmada a novela **Eu Compro Essa Mulher**. Havia planos nesse sentido. Êle e Ioná deveriam ser os protagonistas. Mas tais planos não se concretizaram.

— Foi uma lástima — diz Carlos Alberto. — Mas parece que Ioná e eu não fomos feitos para trabalhar juntos no cinema.

Ela, por sua vez, nutre pouco entusiasmo pelos filmes nacionais, embora tenha aparecido em meia dezena dêles:

— Não pretendo voltar ao cinema brasileiro, a não ser que me convidem para fazer alguma coisa como **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, o único dos meus filmes que realmente me satisfez.

Nos planos de Ioná para o futuro só há uma coisa definitivamente assentada: a excursão por todo o Brasil com Carlos Alberto.

— Já estamos ensaiando o texto que iremos representar — declara. — Intitula-se **O Pecado Imortal**. Tem dois atos e apenas dois personagens. Foi escrita especialmente para nós dois. Carlos Alberto será ao mesmo tempo o galã e o diretor. É uma peça sôbre a vida de dois artistas como nós. E que, como nós, acidentalmente se transformam em ídolos populares através da televisão. Suas alegrias, comédias, problemas, tristezas e sacrifícios formam o tecido dessa peça. E principalmente a atitude que êles são obrigados a assumir diante do público. O autor, Pedro Bloch, resumiu tudo isso nesta frase do seu diálogo: "Nós devemos ser o que êles querem que nós sejamos." Êles, nessa frase, são os fãs, o público...

Para Carlos Alberto, a fama tem o seu lado bom e, evidentemente, o seu lado ruim. Quando **Eu Compro Essa Mulher** era transmitida pelas estações de televisão de várias capitais brasileiras, êle recebeu centenas de propostas de casamento, de môças das mais diversas condições sociais. Desde as jovens milionárias às simples caixeirinhas. Nada mais lisonjeiro para um homem e para um artista. Mas teve também dezenas de ternos danificados por vibrantes fãs, desejosas de conservar pequenas "relíquias" de seu bem-amado.

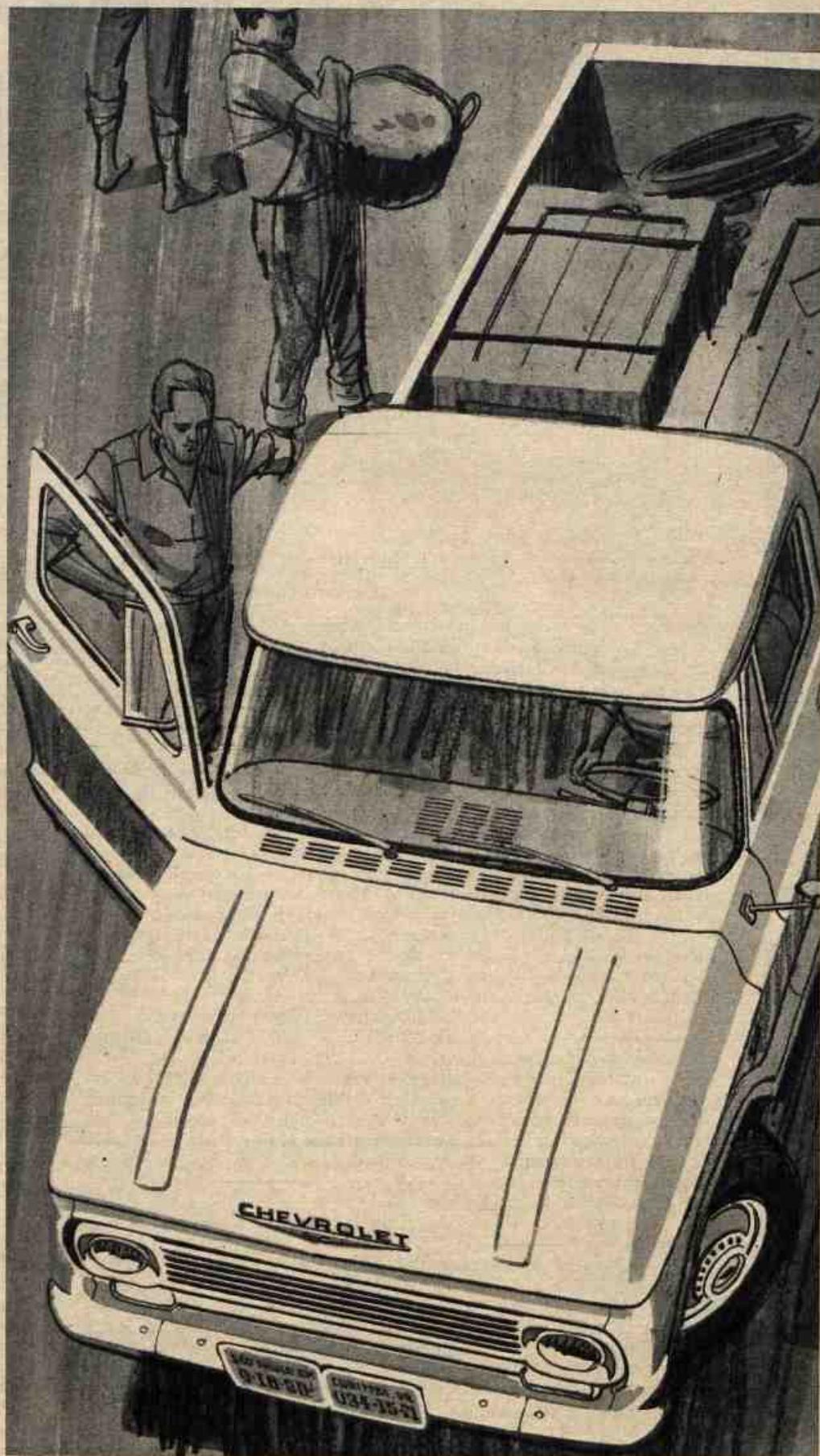
— A fama faz com que nos sintamos debaixo de um imenso microscópio. Somos observados, nos menores detalhes, por uma vasta multidão curiosa, com as intenções mais desencontradas. Às vêzes, é preferível ser anônimo...

Mas Ioná discorda:

— Nada disso! O anonimato é triste e sombrio. A grande verdade é que todos nós vivemos sonhando com a fama. E só quando ela chega é que, enfastiados, ou por simples espírito de contradição, começamos a sonhar com o anonimato...

...e sim, nem que não, enquanto Carlos Alberto afirma: "Se nos amássemos de verdade, é claro que nos casaríamos."

É urbano, suburbano, interurbano. E também intermunicipal, interestadual. Interfamiliar. É o pick-up nacional. É Chevrolet.

Vá ainda hoje ao seu Concessionário CHEVROLET Chevrolet comprar o pick-up nacional.

Pick-up de duas placas, que cruza fronteiras e postos fiscais, em fim de semana é diversão da família. De irmão e sobrinho, da turma tôda. Não pára. Pois foi feito para rodar mesmo. Com as facilidades das marchas tôdas sincronizadas, de suspensão que agüenta tranco, e mais algumas vantagens mecânicas especiais (o gerador de corrente alternada Delcotron, o potente motor de 149 HP, o simplicíssimo filtro de óleo, o painel com luzes de contrôle de óleo e bateria, etc.). Pick-up de duas placas? De duas vidas!

Um produto **GENERAL MOTORS**

O MAIOR E MAIS EXPERIENTE FABRICANTE DE VEÍCULOS EM TODO O MUNDO

CHEVROLET • OPEL • CADILLAC • BUICK • PONTIAC • OLDSMOBILE • VAUXHALL • BEDFORD • HOLDEN • GMC.

Bertrand Russell publica em série, no jornal The Observer, **de Londres, as suas memórias, escritas há mais de dez anos. O filósofo as guardava para publicação sòmente após sua morte. Mas acabou cedendo à insistência de editôres. Saem em livro ainda êste ano.**

★ O NOME DE KRUCHEV FOI CORTADO de um **Quem É Quem** editado pelo govêrno da Hungria, juntamente com os de Gottwald e Bierut, ex-dirigentes da Tchecoslováquia e da Polônia. O órgão do Partido Comunista húngaro, **Nepszabadsag**, protestou contra tais "omissões não-científicas, que a ninguém aproveitam".

★ UM **STRIP-TEASE** CHAMADO "REVOLUÇÃO CULTURAL" faz sucesso em Paris, no cabaré Clair de Lune. Para causar maior sensação, seus produtores anunciam Vahitté Wan, a principal das 25 bailarinas que nêle se se despem, como sendo "fugitiva das hostes da Guarda Vermelha".

★ MAO TSÉ-TUNG É CONTRA O CHAMPANHA, por considerá-lo "futilidade burguesa". Assim, a missão da China Popular presente ao lançamento do navio chinês **Jinsha**, num estaleiro de Sunderland, Inglaterra, recusou terminantemente que fôsse feito o tradicional batismo com aquela bebida, na embarcação.

★ JEAN COCTEAU É O MAIS PLAGIADO dos artistas franceses, vivos ou mortos. Quem o afirma é Jean Boullet, num livro que publicará em breve: **História do Plágio na França**. Nele, Boullet aponta dezenas de escritos e obras de arte de autores famosos como sendo simples cópias de trabalhos alheios.

★ QUEM DOAR SANGUE TERÁ ABATIMENTO NAS MULTAS de infrações de trânsito. Proposta da municipalidade de Cincinatti, Estados Unidos, aos motoristas, em benefício do Hospital dos Ex-Combatentes, daquela cidade. A redução é de 37 mil cruzeiros antigos para cada meio litro de sangue doado.

★ O ÚLTIMO PRISIONEIRO DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA foi detido agora, 28 anos depois de cessado o conflito. Trata-se de José Fidel Blanco, de 43 anos. Tendo lutado contra Franco, apresentou-se às autoridades depois de viver êsse tempo todo refugiado numa aldeia das Astúrias. Foi parar na cadeia, mas pediu anistia.

Ira de Furstenberg revelou que detesta ser comparada a Soraia. "Somos ambas princesas e tentamos o cinema. Fora isso, não há comparações possíveis", declarou, aborrecida, deixando entrever seus motivos: Soraia fracassou como atriz; Ira sonha com o estrelato.

★ HALIMI, QUE PERDEU PARA ÉDER JOFRE o título mundial de pêso-galo, tornou-se agora cantor. Mas o ex-campeão de boxe da Europa não esquece o ringue: sua primeira gravação se intitula **A Marcha dos Pugilistas**.

★ AS FESTAS CÍVICAS NA RÚSSIA são monótonas, queixa-se o **Pravda**. Sugere o jornal "a volta das danças nas ruas, dos fogos de artifício, cânticos em côro e outros folguedos populares, nas comemorações de datas nacionais, como antigamente, em vez de apenas desfiles militares, como agora".

★ CIDADE HISTÓRICA RESSURGE DO MAR. Na Jamaica, tenta-se fazer reaparecer, com imensos trabalhos de represamento do oceano, a cidade de Port Royal, tragada pelas águas, num vendaval, em 1692. Era uma base dos piratas que infestavam as Caraíbas e acredita-se conter riquezas e documentos valiosos.

★ UMA ASSOCIAÇÃO PRÓ-CASAMENTO DOS PADRES foi fundada por 23 sacerdotes católicos nos Estados Unidos. A entidade preconiza não só o matrimônio facultativo ao clero secular, como também a reintegração na Igreja, daqueles que deixaram a batina para casar.

★ A TÔRRE EIFFEL NÃO É MAIS EXCLUSIVIDADE DE PARIS. Uma cópia exata do famoso monumento, também em aço, mas de menor altura, foi erguida na cidade de Bloenfontem, na União Sul-Africana, como atração turística.

★ OBRAS DE REMBRANDT COMPRADAS POR UMA NINHARIA. O escultor espanhol Jesus Caulonga descobriu quinze desenhos num antiquário, em Madri, desconfiou de sua valiosa autoria, comprou-os todos por 22 mil cruzeiros antigos e correu a um museu para identificá-los. São mesmo de Rembrandt, e valem milhões.

A primeira ópera composta especialmente para a televisão irá ao ar, em breve, em emissoras alemãs. Trata-se de O Espelho Mágico, **de Ernst Krenek, cuja ação, abrangendo desde o século XIII até o ano 2000, exige trucagem própria de tevê ou cinema.**

★ RICHARD BURTON E LIZ TAYLOR alugaram a famosa mansão La Fiorentina, na Costa Azul. Reprodução da célebre Rotonda del Palácio, de Florença, seu aluguel vai a 35 milhões de cruzeiros antigos por mês. Ali já residiram, entre outros, Churchill, Somerset Maugham e Rose Kennedy, mãe do falecido presidente.

★ MATHIEU LANÇA-SE COMO ESCRITOR. O primeiro livro do famoso pintor, reunindo notas de viagem, críticas violentas e pensamentos, intitula-se **O Privilégio de Ser** e tem uma singular apresentação: formato triangular.

★ TÔDAS AS JANELAS E SACADAS JÁ FORAM ALUGADAS aos que desejam assistir à passagem do cortejo nupcial da Princesa Margrethe pelas principais ruas de Copenhague, no dia 10 de junho próximo. Restam agora sòmente telhados e chaminés, disputados a pêso de ouro.

★ COMO FAZER UM BOM CAFÉ: um curso na Universidade de Harvard. Foi ministrado, por um mestre da arte culinária aos empregados do bar daquela universidade norte-americana, onde são servidas, em média, 25 mil xícaras de café por dia. Os estudantes vinham reclamando do mau gôsto da bebida.

★ ALAIN DELON ESTRÉIA COMO CANTOR. Em seu primeiro disco, o famoso galã interpreta, entre outras melodias, a canção Laetitia, tema do seu último filme, **Les Aventuriers**, lançado esta semana nas telas de Paris.

★ O XÁ DO IRÃ LÊ TÔDAS AS CARTAS ANÔNIMAS, com ameaças e protestos, que lhe são enviadas. Ao revelar isto, a um repórter, Reza Pahlevi assim justificou o seu interêsse: "Êsse tipo de correspondência sempre contém uma ou outra verdade que eu precisava saber..."

François Mauriac retorna à literatura de ficção, que parecia disposto a abandonar com a publicação de L'Agneau, **em 1954. Vem escrevendo, quase em segrêdo, um nôvo romance, ainda sem título, enquanto também prepara suas** Memórias para o Tempo Presente.

★ O REI BALDOUIN DEVE ASSINAR-SE "BOUDEWIJN", que é o correspondente ao seu nome (francês) em idioma flamengo. Assim exigem os nacionalistas belgas do seu soberano. Mas o ministro da Justiça repele tal imposição: "O rei continuará assinando como está registrado ou como bem entender."

★ BERLIM JÁ TEM SUA PRÓPRIA DISNEYLÂNDIA. Trata-se do **Minidomm**, imenso parque de diversões com miniaturas de cidades e monumentos da Alemanha. Uma de suas atrações é a reprodução do pôrto de Brêmen, com o transatlântico **France**, o porta-aviões **Enterprise** e outros navios famosos, em escala reduzida.

★ OS ROLLING STONES PASSAM MAUS MOMENTOS, desde que dois componentes do conjunto foram detidos em Londres, acusados de fumar maconha. Ao chegarem à Suécia, há dias, para uma **tournée**, sua bagagem foi revistada minuciosamente pela polícia aduaneira, que lhes afirmou estar "à procura de entorpecentes".

★ UM INTERCÂMBIO DE ARQUITETURA FRANCO-SOVIÉTICA foi assinado, em Paris, pelo ministro da Cultura da França, André Malraux, e o presidente da Comissão de Construção Civil da URSS, Possochin. Destina-se à troca de novas informações e experiências nessa arte, entre arquitetos dos dois países.

A recém-casada Raquel Welch: "Sinto um tremendo horror só em pensar que uma mulher possa ser infiel ao marido." A atriz fêz tal declaração junto ao principal interessado, Patrick Curtiss, no intervalo da filmagem de A Mais Velha Profissão do Mundo.

Estes são quatro sobreviventes do espantoso massacre de Babi Yar. A mulher ao centro é Dina [illegible]icheva que, milagrosamente, escapou às metralhadoras dos alemães. Nesse local, será erigido um monumento, que recordará as vítimas da inominável atrocidade nazista.

Manchete
exclusivo

O massacre de Babi Yar, local nas proximidades de Kiev, Rússia, onde em 1941 os nazistas fuzilaram milhares de pessoas, serviu de tema a um recente livro do escritor soviético ANATOLI KUZNETSOV. Êste é um de seus capítulos mais dramáticos, que publicamos com exclusividade no Brasil.

UM LIVRO-DOCUMENTÁRIO SOVIÉTICO EVOCA O BÁRBARO MASSACRE DE BABI YAR

NÓS VOLTAMOS DA MORTE

Neste livro só existem verdades. Quando revelava a alguém os episódios que compõem esta história, a resposta que recebia era a de que deveria escrever um livro. Eu mesmo, quanto mais vivo, mais me convenço de que êste é o meu dever. O motivo? É que nasci e fui criado em Kiev, perto do pequeno barranco cujo nome só era conhecido pelos que moravam nas vizinhanças — Babi Yar.

Babi Yar foi, assim, o cenário de minha infância, o local dos meus jogos pueris. Logo que ali chegaram os alemães, êsse lugar se tornou muito conhecido. Durante dois longos anos, de 1941 até 1943, transformou-se em zona de guerra, com fios de alta tensão, um acampamento e editais advertindo que se abriria fogo contra quem quer que se aproximasse. Certa vez, eu mesmo ali estive, mas no escritório e não no Babi Yar pròpriamente dito, pois do contrário não estaria, hoje, escrevendo estas páginas. Em intervalos uniformes, ouvíamos as rajadas de metralhadoras: **ta-ta-ta, ta-ta**... Durante dois anos, escutei êsse ruído e, até hoje, o tenho soando em meus ouvidos.

No fim do segundo ano de ocupação, ergueu-se uma fumaça pesada e oleosa do declive, que se prolongou por umas três semanas. Quando as tropas alemãs foram expulsas de Kiev e tudo terminou, eu e um amigo, embora tivéssemos mêdo das minas, chegamos até o barranco a fim de ver o que ali existia. Andamos em tôrno. Encontramos muitos ossos inteiros, um crânio fresco, ainda úmido, e partículas de cinza preta entre areias cinzentas. Recolhi um punhado de uns dois quilos de pêso. Eram cinzas de muitas pessoas. Uma mistura estranha e sinistra. Poder-se-ia dizer que tinha nas mãos uma cinza internacional. E isso porque ali haviam sido fuzilados não sòmente judeus, mas também russos e ucranianos.

Pensei, então, que teria de revelar tôda a verdade, desde o início. Tal qual como tudo ocorrera, sem omissões e sem acréscimos. Assim, citarei apenas fatos e documentos autênticos. Não lançarei mão de qualquer fantasia, isto é, nada do "que poderia haver acontecido" ou que "devesse ter ocorrido".

Do massacre de Babi Yar só se salvaram algumas pessoas. Transcreverei a narrativa que me foi feita, pessoalmente, por uma senhora, que era mãe de dois filhos. Seu nome é Dina Pronicheva. Trata-se de uma artista do Teatro de Marionetes de Kiev. Seu relato, em suas próprias palavras, foi o seguinte:

... tudo começou com uma ordem. Nas paredes haviam pregado um aviso, sem introdução e sem assinaturas:

O menino contempla sua família executada. Momentos depois, caía com um tiro na nuca.

Tradução de CAIO DE FREITAS • Fotos NOVOSTI

"Se alguém sair vivo daqui e contar na cidade, amanhã não teremos mais judeus para fuzilar" — disse o comandante. Os mortos não falaram e milhares de pessoas ali continuaram sendo executadas

"Todos os judeus da cidade de Kiev e seus arredores devem se apresentar, no dia 29 de setembro de 1941, às 8 horas da manhã, na esquina das Ruas Melnikovskaia com Dojtúrovkaia (junto ao cemitério), levando consigo seus documentos, dinheiro, objetos de valor e, igualmente, abrigos de lã e roupa de cama. O judeu que não atender a esta intimação e seja encontrado em outro local será fuzilado. Quem quer que penetre nas residências abandonadas pelos judeus e se apodere dos haveres ali deixados será, igualmente, fuzilado."

Durante todo o dia, discutia-se a ordem e faziam-se conjeturas. Dina possuía pai e mãe, ambos já bem velhos. A mãe havia deixado o hospital, após uma operação, pouco antes da chegada dos alemães. E os três pensavam: como ela poderá viajar? Os velhos estavam convencidos de que, em Lukiánovka, seriam obrigados a entrar num trem, que os levaria para território soviético. O marido de Dina era russo e seu nome também o era e, além disso, ela não parecia judia. A intimação fôra longamente discutida. Fizeram previsões. Pensaram e repensaram. Decidiram, por fim, que os velhos iriam e que Dina os acompanharia, a fim de ajudá-los a tomar o trem. Depois voltaria, para tomar conta dos filhos.

Muitos deixaram suas residências ainda durante a noite. Queriam chegar cedo, para arranjar bons lugares no trem. A população judaica da zona agrícola saiu arrastando-se pelas ruas, com seus filhos, seus velhos e seus enfermos, chorando e atemorizada. Malas atadas com cordas, valises arrebentadas, sacolas remendadas, caixas com ferramentas de carpintaria... Os velhos levavam résteas de cebola passadas no pescoço — reserva de provisão para a jornada.

Dina chegou à casa de seus pais antes das sete da manhã. Todos já estavam de pé. Os que iam partir despediam-se dos vizinhos, prometiam escrever, pediam que zelassem por seus apartamentos, por seus pertences e por suas chaves. Os velhos não tinham fôrça para carregar muita coisa. E, como também não possuíam objetos de valor, só levaram o indispensável e comida. Dina ajeitou uma mochila em seu ombro. Pouco depois das sete horas, os três deixaram a casa.

Muita gente caminhava ao longo da Rua Turguenievskaia. Na Rua Artion, porém, já se via verdadeira multidão. Os retirantes utilizavam-se de carros, de carroças e, de vez em quando, até mesmo de caminhões. Tudo se movia. A multidão às vêzes se detinha. Pouco depois avançava mais alguns passos. Em seguida, de nôvo fazia uma pausa. O ambiente era de vozes — o ruído da multidão. A impressão que se tinha era de que se tratava de uma manifestação, mas sem estandartes, sem banda de música e sem entusiasmo.

Não deixava de ser curioso o aparecimento daqueles caminhões. Onde os haviam arranjado? O que sucedera era que todos os moradores de uma casa reuniam o dinheiro de que dispunham e contratavam um daqueles veículos para o transporte dos seus trastes. E, assim, lá iam os retirantes, caminhando dos dois lados do veículo — o caminhão. Entre as trouxas e as malas, ajeitavam-se os enfermos e os meninos, que ali se deixavam ficar apertados. Às vêzes, duas ou três crianças de peito eram colocadas num único berço. E eram numerosos os acompanhantes — vizinhos, amigos, parentes, russos e ucranianos — que ajudavam a carregar os embrulhos, que amparavam os doentes e até mesmo os levavam às costas.

Essa marcha, entrecortada de empurrões, de gritaria e de chôro infantil, prolongara-se por muito, muito tempo. Só depois do almôço, é que a multidão chegara ao cemitério. Dina recordou que, à direita, viam-se o alto muro de tijolos e as portas do cemitério dos judeus. Ali, barrando a rua, havia uma cêrca de arame farpado, reforçada por empecilhos antitanques e, no meio, uma estreita passagem, com soldados alemães e policiais ucranianos dos lados. Um homem alto, vestindo uma camisa bordada, dava ordens à entrada. A multidão aglomerava-se nessa entrada. Depois, em pequenos grupos, os judeus passavam por êsse homem. Curioso era que ninguém jamais voltava. Tudo parecia estranhamente incompreensível. Dina fêz os velhos se assentarem à porta do cemitério e adiantou-se para verificar o que ocorria mais à frente. Como quase todo mundo, ela pensava que o trem ali estaria. Ouvia-se, perto, um tiroteio. Um avião voava a baixa altitude. E, em tôrno, o ambiente era de alarme e de pânico. Entre a multidão, Dina conseguira ouvir trechos de conversa:

"É a guerra, a guerra! Vão nos levar para mais longe, onde haja maior segurança."

"Mas porque só os judeus?"

Uma velhinha, inteiramente transtornada, aventava uma hipótese absurda:

"Resolveram tirar os judeus em primeiro lugar, porque êles constituem uma raça irmã da alemã."

Dina avançava, com dificuldade, através daquele mar humano. Sentia-se cada vez mais preocupada. Logo depois, verificara que, um pouco adiante, todos depositavam seus pertences — as roupas, as trouxas e as maletas em um monte à esquerda; e os demais objetos, à direita. Os alemães separavam os judeus em grupos. Um grupo avançava, os outros esperavam. Havia um intervalo. Em seguida, outro grupo era chamado. Os alemães contavam... Um, dois, três... **Stop!** Os grupos eram sempre de dez pessoas. Dina pôde ouvir outras frases, colhidas entre a multidão:

"Ah, está tudo claro. Estão indo por encomenda — quando chegarmos, logo nos entenderemos."

"Como vamos nos entender com tantos despachantes?"

Dina sentiu-se apavorada. Não havia qualquer estação ferroviária. Também não sabia o que era aquilo. Pressentia, porém, que não se tratava de uma evacuação. Podia ser tudo, menos uma evacuação. Aquelas rajadas de metralhadoras, tão próximas, eram singularmente estranhas. Não podia imaginar, entretanto, que se tratava de fuzilamento. Em primeiro lugar, era enorme a quantidade de gente! Os fuzilamentos nunca são feitos em massa. E, além disso, porquê?

É de se presumir que a maioria tivesse o mesmo pressentimento. Não só Dina era assaltada por pensamentos aziagos. Todos passavam por idêntica experiência. Havia, entretanto, um motivo para que, no íntimo, julgassem que só poderiam estar enganados. Os velhos haviam repetido exaustivamente que, quando os alemães estiveram na Ucrânia, em 1918, não haviam importunado os judeus. Que não os tinham maltratado. E isso porque as línguas são parecidas...

E acrescentavam:

"Há diferentes tipos de alemães. Mas, de um modo geral, êles são cultos e honestos. Gente muito direita."

Dina esclareceu que, nesse momento, sentira-se assaltada por uma espécie de horror animal. Experimentara uma sensação de aturdimento. Fôra um estado emocional diferente de tudo que, até então, conhecera. Os soldados tomavam os agasalhos dos que se aproximavam. Um dêles acercou-se de Dina e lhe tomou o casaco de pele, sem dizer uma palavra. Ela, então, pôs-se a correr para trás. Encontrou seus pais junto à porta do cemitério e lhes contou o que havia visto. O pai apenas lhe dissera:

"Filhinha, já não necessitamos de ti. Volta para casa."

Dina encaminhou-se para a barricada. Quando ali chegou, mal podia caminhar. Verdadeira multidão — como se fôsse um alude — avançava em sentido contrário. O bigodudo de camisa bordada continuava gritando e dando ordens. Dina aproximou-se dêle e tentou explicar-lhe que fôra apenas acompanhar seus pais e que seus filhos haviam ficado na cidade. O guarda pediu-lhe o passaporte. Lendo o que ali dizia sôbre a sua nacionalidade, exclamou:

"Ah! É judia. Para trás!"

Dina compreendera então o que iria acontecer a todos. Seriam fuzilados. Começou a rasgar o passaporte em pedacinhos. Jogou o papel picado ao chão e o pisou. Voltou, em seguida, para o local, onde se encontravam seus pais. Não lhes disse nada, para não os preocupar antes do tempo.

Homens, mulheres e crianças cavam sua própria sepultura, sob a vigilância dos SS.

Os 4 sobreviventes do massacre, entre êles Dina Pronicheva, se reuniram em Babi Yar.

Embora já não usasse o casaco de pele, sentiu-se afogueada. Em tôrno, havia gente em excesso. Uma multidão comprimida. Crianças choravam desesperadamente. Alguns almoçavam, sentados sôbre suas trouxas. E Dina pensou: "Como podem comer? Será possível que ainda não compreenderam?"

Nesse instante, começaram a dar ordens, a gritar. Fizeram com que os que estavam sentados se levantassem. Mandaram que recuassem, mas os que se encontravam atrás os empurravam. Resultava dêsse choque de fôrças contrárias a formação de uma fila, sem qualquer lógica. Aqui, depositavam umas coisas; ali, sofriam empurrões; mais adiante, a fila então tomava forma. Mergulhada naquele caos, Dina perdera de vista seus pais. Olhara demoradamente em tôrno. Só após muito investigar, soubera que êles haviam seguido com um grupo. E êsse grupo já se encontrava distante. De súbito, porém, a fila se deteve. Parara quando chegara a sua vez de avançar.

Durante algum tempo, ficaram parados. Ela esperava. Erguia a cabeça, tentando ver onde poderiam se encontrar seus pais. De repente, um alemão descomunal se aproximara dela.

"Venha dormir comigo. Se o fizer, poderei soltá-la."

Dina o olhou, como se se tratasse de um louco. O alemão, desconcertado, se afastou. Por fim, deixaram que o grupo, do qual ela fazia parte, entrasse. Houve um súbito silêncio. Todos, muito quietos e consternados, aguardavam novas ordens. Em seguida, durante algum tempo caminharam, calados. Dos dois lados, se estendiam filas de alemães. Adiante, viram grupos de soldados com cachorros presos por correias. Dina ouviu por cima dos seus ombros:

"Filhos meus, ajudai-me passar. Sou cego."

Abraçou-se a um velho e caminhou com êle.

"Vovô, para onde nos levam?" — perguntou Dina.

"Filha", respondeu o ancião, "vamos pagar a Deus nossa última dívida."

Nesse momento, penetraram num comprido corredor, entre duas filas de soldados e cachorros. Era um corredor estreito, de um metro e meio de largura. Os soldados se perfilavam, ombro contra ombro, e tinham as mangas das camisas levantadas. Brandiam cassetetes de borracha e compridas varas. À medida que os judeus passavam, êles iam distribuindo pancadas.

Era impossível a qualquer dos passantes ocultar-se, para evitar o castigo. Os golpes eram desferidos contra a cabeça e logo tiravam sangue. E os verdugos gritavam: "Schnell, Schnell", como se estivessem se divertindo. Verificou-se então uma gritaria generalizada. As mulheres choravam. Aos olhos de Dina, como uma seqüência cinematográfica, desenhou-se esta cena: um rapaz, conhecido da sua rua, muito educado, bem vestido, soluçava. Sôbre os que caíam, sob a fúria das pancadas, os cães eram atirados. Um homem conseguira se levantar aos gritos. A maioria, porém, se deixava ficar deitada. Como os que se achavam atrás empurravam, a multidão, avançando, passava diretamente sôbre os que estavam no chão, pisoteando-os.

Dina sentiu que sua vista escurecera. Reagiu. Ergueu-se. Levantou a cabeça e prosseguiu caminhando. Parecia um pedaço de pau — dura, sem qualquer movimento. Acreditou que a haviam mutilado. Entretanto ainda raciocinava e, em seu cérebro, sentia uma advertência, que martelava:

"Não se entregue! É preciso resistir!"

As pessoas se despiam, inteiramente transtornadas no interior de um círculo formado pelas tropas. Era uma espécie de uma praça, coberta por um capinzal. O capim era representado por roupa branca, por calçados e por sobretudos. Os policiais ucranianos — a julgar pelo sotaque não eram de Kiev, mas da Ucrânia Ocidental — empurravam brutalmente os que se aproximavam. Gritavam:

"Tirem a roupa depressa! Depressa! Depressa!"

Aos que hesitavam, êles mesmos arrancavam a roupa com violência. E castigavam os infelizes, dando-lhes pontapés e cabeçadas ou lhes batendo com o cassetete, ébrios de ódio, numa verdadeira explosão de sadismo.

Era evidente que tudo se fazia para que a multidão não tivesse tempo de reagir. Muitas pessoas nuas estavam ensangüentadas. Dina viu sua mãe no local onde se encontravam os desnudos. A velha lhe fazia sinais e gritava:

"Filhinha, você não parece judia. Fuja enquanto é tempo!"

Dina aproximou-se de um policial, com decisão, e perguntou onde se encontrava o comandante. Explicou-lhe que ela era um simples acompanhante e que se achava ali por acaso. O policial pediu-lhe os documentos. Dina começou a procurá-los em sua bôlsa, mas êle a tomou e a revistou tôda. No interior da bôlsa, havia dinheiro, a caderneta de trabalho e o cartão do sindicato, do qual não constava sua nacionalidade. O sobrenome Pronicheva, entretanto, intrigara o policial. Por isso, êle não lhe devolveu a bôlsa. Apenas indicou-lhe um local, onde se encontravam diversas pessoas sentadas, e disse:

"Sente-se ali. Depois que fuzilarem todos os judeus, eu a deixarei sair."

Habitantes de Kiev contemplam os corpos de amigos e vizinhos, fuzilados pelos nazistas.

Dina aproximou-se do local e sentou-se. Todos que ali se encontravam estavam em silêncio. Aturdidos. Apenas uma velha, com um lenço em tôrno da cabeça, se queixara a Dina de que havia acompanhado uma filha e que ela fôra levada... Todos, ali, eram acompanhantes. Sentados naquele canto, êles viram desfilar, à sua frente, aquêle verdadeiro filme de horror — homens e mulheres, que saíam do corredor aos gritos, sendo espancados pelos policiais. Depois, o desnudamento à fôrça. E, assim, sem cessar. Dina afirmou que alguns riam histèricamente. Viu, com seus próprios olhos, outros cujos cabelos ficaram brancos repentinamente, enquanto tiravam a roupa e se encaminhavam para a plataforma, onde seriam fuzilados. Os soldados formavam os que já estavam nus em pequenas filas e os conduziam até uma fenda aberta no muro que cercava aquela espécie de arena. Não se via o que havia atrás daquele muro, mas era de lá que vinha o ruído dos disparos.

As mães se agarravam aos seus filhos e, por isso, um alemão, às vêzes, se irritava e, arrancando o menino dos braços maternos, aproximava-se do muro, o atirava, com tôda violência do outro lado, como se fôsse um pedaço de pau. Dina sentia-se como se estivesse paralisada. Durante longo tempo, deixara-se ficar sentada, a cabeça caída para a frente, temerosa de encarar os que se achavam ao seu lado. Tinha a impressão que fôra anestesiada. Os gritos e o tiroteio tornaram-na insensível.

Nessa hora, começara a anoitecer. De repente, aproximara-se um automóvel descoberto e, nêle, via-se um oficial esbelto, muito elegante, com uma vara na mão. Parecia ser a pessoa mais importante dali. Ao seu lado, um intérprete.

"Quem são?" — perguntou ao policial, por intermédio do intérprete, apontando aquelas cinqüenta pessoas que se achavam sentadas no canto.

"É gente nossa" — respondeu o policial. Esclareceu que não sabia se convinha deixá-las sair. O oficial, então gritou:

"Fuzile-os imediatamente. Se alguém sair daqui e contar na cidade o que viu, amanhã não aparecerá um só judeu."

O intérprete traduziu fielmente essas palavras para o policial. Os que se achavam sentados tudo ouviram.

"Vamos! Ponham-se de pé! — gritaram os policiais.

Os acompanhantes se ergueram. Como já era bastante tarde, não desnudaram o grupo. Conduziram-no, mesmo vestido, para a fenda. Dina era mais ou menos a vigésima, a contar do início da fila. O grupo passou ao largo do corredor da trincheira transversal e, diante dêles, surgiu um canteiro de areia, com muros quase perpendiculares. Já estava quase escuro. Por isso, Dina quase não vira aquêle canteiro. Os alemães puseram todos em fila indiana, compelindo-os para o lado esquerdo, na direção de uma plataforma muito estreita. À esquerda, havia um muro e, à direita, existia um fôsso. A plataforma, pelo que se podia depreender, havia sido preparada especialmente para os fuzilamentos. Era tão apertada que, ao se chegar ali, instintivamente se encostava no muro, para não se cair. Dina olhou para baixo e sentiu uma vertigem. No chão, havia um verdadeiro mar de corpos ensangüentados. Viu, no lado oposto do canteiro, umas metralhadoras de mão e vários alemães. Procuravam acender um fogo, no qual provàvelmente iriam cozinhar alguma coisa.

Hidrate a pele sêca dia e noite, com SKIN DEW Helena Rubinstein

Comece hoje mesmo seu tratamento e assegure a suavidade e maciez indispensáveis à sua beleza. Skin Dew de Helena Rubinstein garante-lhe êstes resultados e impede o aparecimento de linhas de expressão e rugas.

De manhã, aplique Emulsão Skin Dew sôbre as áreas ressecadas. Invisível sob o maquillage, ela supre a cútis sêca com uma hidratação contínua.

De noite, revitalize-a com o nôvo Creme Skin Dew, rico em emolientes... rico em agentes umedecedores e suavisantes, que ajudam a combater linhas e rugas.

Creme Skin Dew contém Proteína Colagênica (exclusiva), sòmente comparável à proteína natural segregada pelas peles jovens.

"Os soldados subiram à plataforma. Iluminaram-na de cima para baixo. Depois começaram a liquidar os que ainda pareciam vivos"

Quando tôda a fila estava encurralada na plataforma, um dos alemães se afastou do fogo, ocupou seu lugar atrás da metralhadora e começou a disparar. Mais do que ver, Dina pressentiu que os corpos se precipitavam da plataforma e que as rajadas de bala se aproximavam dela. "Agora, é a minha vez... Agora..." Sem esperar, precipitou-se da plataforma, com os punhos bem apertados. Teve a impressão de que havia voado uma eternidade. Ao cair, não sentiu nem a queda e nem qualquer dor. No princípio, um sangue môrno a envolveu. Percebeu que um filête escorria-lhe pelo rosto, empapava-lhe o pescoço, molhava-lhe a roupa. Era como se houvesse tomado um banho em sangue. Manteve-se com os braços abertos e os olhos fechados.

Ouviu estertôres, gemidos, suspiros e chôro em tôrno e debaixo de seu corpo. Muitos ainda não haviam morrido. Tôda aquela massa de corpos se movia quase imperceptìvelmente. Ia se fundindo, desfazendo-se, acomodando-se, acionada pelos estremeções dos que agonizavam.

Os soldados subiram à plataforma. Iluminaram-na de cima a baixo com suas lanternas. Depois começaram a liquidar, com suas pistolas, os que pareciam ainda vivos. Mas, ao lado de Dina, alguém gemia alto. Percebeu que os soldados se aproximavam, que caminhavam junto dela, pisando nos cadáveres. Eram os alemães, que haviam descido da plataforma. De vez em quando, abaixavam e tiravam alguma coisa dos mortos. Quando percebiam alguém se mexendo, disparavam suas armas. Com êles, encontrava-se o policial que examinara os documentos de Dina e que lhe havia roubado a bôlsa. Ela o reconheceu pela voz. Pouco depois, um SS tropeçou em seu corpo e encheu-se de suspeita. Iluminou o rosto de Dina com a lanterna. Ergueu-lhe a cabeça e tentou puxá-la. Dina manteve-se inerte e mole, sem revelar qualquer sinal de vida. O alemão, por fim, dera-lhe um pontapé no peito e lhe pisara, com a bota ferrada, a mão direita, até esmigalhá-la. Não fizera, porém, qualquer disparo.

Alguns minutos mais tarde, Dina ouviu uma voz, que vinha de cima:

"Vamos! Comecem a enterrar!"

Surgiram as pás. Ouviram-se golpes secos da areia atirada contra os corpos. O ruído se aproximava. Por fim, Dina sentiu que a areia, aos montes, lhe caía sôbre o corpo. Pouco depois, já estava quase coberta. Não se mexeu, entretanto, senão quando lhe encheram a bôca. Estava estendida no chão, com a bôca para cima. Ao aspirar a areia, descontrolara-se e, quase sem refletir, começara a se mover. Sentia-se prêsa de um mêdo selvagem — disposta antes a ser fuzilada do que enterrada viva.

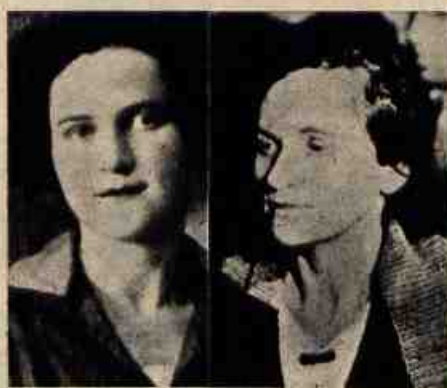
Com a mão esquerda sã, pôs-se a tirar a areia que se lhe acumulara no rosto, asfixiando-a. Podia tossir de um momento para outro e, reunindo as fôrças, de que ainda dispunha, tentou evitá-lo. De repente, sentira-se aliviada. Conseguira, por fim, sair de debaixo da terra.

Os alemães haviam concluído sua tarefa. Apenas espalharam a areia, logo se foram. Dina ainda sentia os olhos cheios de pó. Em tôrno, estava escuro e o ar parecia irrespirável. Procurando se orientar em relação ao local, onde estaria o muro, lentamente se arrastou até êle. Ao tocá-lo, pôs-se de pé e começou a fazer buracos no muro, à guisa de degraus. Utilizava a mão esquerda, que não fôra pisada. Assim, colada à parede, cavava aquêles buracos e subia por êles, arriscando-se a cair a todo momento. Ao chegar ao alto, agarrou-se a uma planta e, quando passava para o outro lado, arrastando-se por cima do muro, ouviu uma voz débil, que quase a fêz desmaiar:

"Não tenha mêdo, titia. Também estou vivo."

Era um menino, em camiseta e cuecas. Saíra daquele inferno como ela própria o fizera. O menino tiritava.

"Cala a bôca, meu filho!" — disse ela. "Prepare-se para me seguir."

Arrastaram-se ambos numa direção qualquer, em silêncio, evitando fazer ruído. O trajeto pareceu-lhes excessivamente longo. Precipitavam-se em declives, desviavam, encontravam outro empecilho, mas continuavam avançando. Pelo visto, deviam ter rastejado a noite inteira, pois já começava a amanhecer. Viram, então, uns arbustos e se esconderam entre êles. Depois de algum tempo, verificaram que se encontravam à borda de um precipício. Não muito longe, os alemães estavam ocupados, classificando e empilhando os pertences dos mortos. Ao lado dêles, viam-se enormes cães, presos por correias. Às vêzes, surgiam os caminhões, encarregados do transporte. Com mais freqüência, porém, vinham carroças puxadas por cavalos.

Dina Pronicheva em três fases de sua vida: na mocidade, servindo de testemunha no processo e atualmente.

Quando o dia clareou, viram uma velha que fugia, seguida por um menino de uns seis anos. O menino choramingava: "Vovòzinha, estou com mêdo!" Dois soldados alemães os alcançaram e os liquidaram. Primeiro, a velha e, em seguida, o menino. A cada momento, surgiam alemães, indo e vindo, conversando em voz alta. Ouvia-se também tiroteio, com freqüência. Os disparos eram tantos que Dina chegou a pensar que êles, na realidade, não haviam cessado durante a noite tôda. Ambos se sentiam exaustos. Dormiam e acordavam. O menino lhe disse que se chamava Motia. Acrescentara que não lhe restara qualquer pessoa da família. Quando o pai fôra fuzilado, êle desmaiara de mêdo. Caíra e fôra dado como morto. Dina olhava seu rosto assustado e, involuntàriamente, pensara que, se conseguisse salvar-se, iria adotá-lo.

Ao entardecer, Dina atravessara uma fase de alucinações. Haviam vindo vê-la seu pai, sua mãe e sua irmã. Vestiam túnicas largas e brancas e todos riam e davam cambalhotas. Quando voltara a si, Motia estava sentado em seu colo e chorava.

"Titia, não quero que você morra. Não me deixe sòzinho no mundo!

Com dificuldade, Dina recordara-se do local, onde então se encontravam. Como já era noite, deixaram a proteção dos arbustos e continuaram a se arrastar. Durante o dia, ela projetara o percurso. Seguiriam pelo imenso prado, que tinham pela frente, até alcançar um pequeno bosque, que se erguia no horizonte. Às vêzes, ela perdia o contrôle dos nervos e se levantava. Motia, entretanto, a segurava e a forçava a deitar-se. Desde que iniciaram a fuga, não haviam comido e nem bebido, mas nem ao menos pensavam nisso. Assim, arrastaram-se por mais uma noite, até que começasse a amanhecer. Em frente, existiam umas árvores e Motia avançou um pouco, para fazer um reconhecimento. Já havia feito aquilo muitas vêzes e, até então, tudo correra bem. Motia devia balançar um arbusto, avisando que Dina poderia ficar tranqüila. Em vez disso, gritou com voz aguda:

"Tia, não se arraste. Aqui tem alemães."

Logo, espocaram os disparos. Motia morreu ali mesmo.

Para sorte de Dina, os alemães não entenderam o que o menino gritara. Ela retrocedeu, então, sempre se arrastando. Pouco depois, maquinalmente fêz uma cova. Cobriu-a, com cuidado, como se fôsse um túmulo. Imaginava que fazia o entêrro de Motia — seu companheiro de sofrimento — e se pôs a chorar. A impressão que dava era que havia perdido o juízo.

Alguns moradores do lugar descobriram Dina pouco depois e a ocultaram.

• • •

Êsse foi o relato de Dina. Encontro-me, pois, num beco sem saída. Como se pode definir tudo isso? Como entendê-lo? Trata-se de um trágico fanatismo. É o terror. É a escravidão. É Babi Yar. Estamos diante de um inconcebível retôrno às épocas dos Herodes e dos Neros. O que acima foi relatado ocorreu no século XX, no sexto milênio da cultura humana. Hitler foi liquidado, mas o nazismo não o foi. No mundo, ainda existem em ebulição fôrças selvagens e sombrias, que ameaçam explodir. E se elas explodirem, repetir-se-ão, em muitos países, episódios tão trágicos e, talvez, mais desumanos do que êste que ensangüentou Babi Yar.

Êste ano a ud vai lhe deixar duplamente maluca.

Qualquer um vai ficar maluco com tanta coisa nova em Utilidades Domésticas, inclusive novidades que vieram do Salão "des Arts Ménagers" de Paris.

E mais maluco ainda com o sensacional Festival de Alimentação. Pela primeira vez na UD, um moderníssimo restaurante para V. provar os mais deliciosos pratos internacionais, feitos pelos mais famosos nomes.

Olhe só: na primeira semana, Varig e Ultralar vão trazer a Diretora da Escola de Cozinha do mundialmente conhecido "Maxim's Academy", e que também escreve a secção de culinária na revista "Elle": Contesse Toulouse Lautrec.

Na segunda semana, será o próprio chefe da Cozinha Internacional da Varig, que estará apresentando pratos da sua famosa cozinha de bordo.

Você pode ficar biruta à vontade. Pode tomar nota de receitas. E, à noite, pode ir saborear êsses pratos, preparados pela Baiúca, que estará cuidando do nosso restaurante. Não falte.

VIII Feira Nacional de Utilidades Domésticas - de 8 a 23 de abril - Ibirapuera - S. Paulo.

Os filmes que o mundo vê

Rio

• **Duas Vêzes Brasil** — Antes do lançamento comercial de **Terra em Transe** (Gláuber Rocha) e **A Opinião Pública** (Arnaldo Jabor), que desde já são os grandes filmes nacionais de 1967, os cariocas viram duas obras onde o Brasil se divide em polícia política e juventude radiofônica. **A Derrota**, de Mário Fiorani, embora inteiramente frustrado, é pelo menos um ato de coragem; **O Mundo Alegre de Helô**, de Carlos Alberto Sousa Barros, simplesmente não é.

Fiorani não teve mêdo do mais difícil: concentrar a história numa casa de torturas, repetir a violência até o cansaço, evitar qualquer saída para um grupo de personagens movidos pelo absurdo. Mas **A Derrota** não consegue, nunca, chegar ao nível a que se propôs: realizar a crítica da brutalidade mostrando a brutalidade. Questão de medida: o filme transborda no seu ponto central, e a visão de mundo fechado que Fiorani desejou comunicar torna-se grosseira, o embrutecimento geral suja a câmara, uma realidade negra aparece falsa, gratuita, mal contada. A repetição, em **A Derrota**, não cria os têrmos de uma verdadeira denúncia, ou de um protesto: apenas incomoda. Os personagens se arrastam, a música é péssima, os atôres exageram, a montagem não colabora, Mário Carneiro ilumina o velho casarão do Catete como se estivesse num estúdio. Sair para uma antiga desculpa, "é um filme feio para uma situação feia", não funciona tanto, e seria um efeito de linguagem para cobrir os erros de expressão de um diretor, apesar de tudo, sincero. Pois há, entre os pesados enganos de **A Derrota**, um toque positivo: Fiorani não se afasta um momento do tom que escolheu, e essa certeza de orientação, num primeiro filme, conta mais do que a corrida ambiciosa em várias direções. Dois planos (Luís Linhares, na tentativa de fuga, disparando a metralhadora, e a chaminé do epílogo) anunciam que Mário Fiorani ainda realizará boas coisas na linha que escolheu. Espero com otimismo seu segundo filme.

O que se pode dizer de **O Mundo Alegre de Helô**? Que a juventude imaginada por Abílio Pereira de Almeida, juventude de teatro, e de mau teatro, chega ao cinema como juventude de novela de rádio, e só há péssimas novelas de rádio. Sousa Barros, entre lágrimas e pescoções verbais, não soube mostrar o mínimo: sua idéia de amor e do mundo parou na Rua São Luís, Fabril Sociedade Anônima.

M. G. L.

A revolução de 64 serve de tema a uma admirável novela

Não sei porque a Editôra Civilização incluiu o último livro de Marques Rebêlo — **O Simples Coronel Madureira** — na mais **mignon** de suas coleções: a BUP (Biblioteca Universal Popular). As duas pequenas novelas do maior prosador vivo do Brasil mereciam um tratamento melhor, uma edição mais vistosa e mais bem cuidada. É claro que, pelo fato de ter sido assim espremido numa edição de bôlso, o livro de Marques Rebêlo não deixará de ser lido. Será, sem dúvida, particularmente por todos aquêles que sabem da indiscutível importância da prosa do autor de **Oscarina** (hoje, um clássico da nossa ficção) na literatura brasileira.

Em **O Simples Coronel Madureira**, M. R. trata de episódios circunstanciais ligados a acontecimentos políticos recentíssimos — a revolução de 31 de março —, mas na sua narrativa, no seu inimitável poder de fixar tipos e situações, o que é circunstancial se transforma em páginas literárias com fôrça e sugestão suficientes para resistirem ao tempo. Como resistiram, trinta anos atrás, muitos dos instantâneos aparentemente de circunstância de **Oscarina**, de **Três Caminhos** e, principalmente, do romance **Marafa**, êste último hoje reconhecido pela crítica (a não engajada, é claro) como um marco no desenvolvimento da novelística brasileira contemporânea.

Nas duas novelas de **O Simples Coronel Madureira** (na que dá o título do livro, e na outra, **Conto à La Mode**), Marques Rebêlo volta a surpreender seus leitores com o prodígio de uma prosa que, desde o seu livros de estréia, **Oscarina**, vem se mantendo inalterável, uniforme, sem altos e baixos, sem essas bruscas quedas que se verificam, por exemplo, na ficção de um Lima Barreto ou mesmo na irregularíssima prosa de Graça Aranha (que diferença entre **Canaã** e **A Viagem Maravilhosa!**). Com exceção de Machado de Assis, o mestre dos mestres, Marques Rebêlo é talvez o prosador brasileiro que conseguiu manter, em mais de trinta anos de artesanato, uma mesma prosa madura, adulta, imune a modismos e a "experiências" responsáveis por tantos naufrágios sem motivos no nosso tranqüilo e azul mar literário.

Em O Simples Coronel Madureira, **Marques Rebêlo conserva seu estilo uniforme e inimitável de excepcional prosador.**

Alguns tipos, nesse nôvo livro de Marques Rebêlo, podem desde logo ser acrescentados ao rol dos melhores criados pelo grande escritor — desde **Oscarina**. É o caso do próprio Coronel Madureira, personagem central da primeira novela: e, particularmente, o da engenhosa funcionária "candelária", Almerinda, talvez o personagem de mais presença em todo o livro. **"Almerinda Ramalho entrou: — Com licença... Oxigenava espetacularmente os cabelos, e já os ostentara ruivos, prêtos retintos, castanhos, acaju, côr de mel; não pisava, desfilava como os manequins profissionais, que fazem de todos os pisos do mundo passarelas de alta costura e afetação. Não era jovem como a telefonista — que passava bem dos trinta, não deixava dúvidas, apesar dos artifícios da maquilagem —, mas era bonita, pescoço bem lançado, cercado por vistoso e colorido colar, pernas primorosamente torneadas, pele que lembrava cetim, nada menos que cetim, a bôca rasgada e sensual, argolão de ouro no dedo mindinho, decote ousado, que atraía para as conseqüentes profundezas, modeladas por agressivo porta-seios, o olhar mais timorato, e não foi outra a pronta reação do coronel que, em irresistível atração, ofereceu a cadeira: — Tenha a bondade, Dona Almerinda. Sente-se... Acedeu: — Muito gentil. Com sua licença..."**

Bastaria êsse desenho e mais o curto e ágil diálogo da página 72, para compor o retrato em corpo inteiro de um personagem que aparece vivo, veraz e autêntico no instante mesmo em que surge no livro. Tal prodígio só o conseguem os grandes e verdadeiros prosadores. E, na literatura brasileira contemporânea, só o tem conseguido Marques Rebêlo, indiscutivelmente o nosso melhor prosador desde Machado de Assis.

J. S.

JAMES RESTON e ED MORGAN – famosos jornalistas norte-americanos – passam em revista os mais palpitantes temas atuai e analisam de forma objetiva os conflitos que ameaçam, interna e exter namente, a mais poderosa nação do mundo

USA ANATOMIA DE U

RESTON: "O PERIGO DA HUMANIDADE NÃO É A GUERRA NUCLEAR, MAS A EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA."

MORGAN: "ACEITAMOS RESPON

Entrevista a NARCEU DE ALMEIDA • *Fotos de* EVELINE MUSKAT

A GRANDE POTÊNCIA

James Reston e Ed Morgan são dois dos mais famosos jornalistas dos Estados Unidos, homens cujas opiniões podem provocar dores de cabeça na Casa Branca e influenciar milhões de pessoas. Na semana passada, estiveram no Rio, a caminho de Punta del Este, e fizeram questão de entrar em contato com representantes de todos os setores políticos e sociais do país — inclusive, por exemplo, com os dirigentes de um grupo teatral esquerdista. James Reston escreve uma coluna para a página editorial do **New York Times**, há treze anos, e é também editor associado dêsse jornal, o mais importante dos Estados Unidos. Nasceu na Escócia e começou a freqüentar as redações de jornal desde os treze anos de idade, em Ohio, depois que sua família emigrou para a América do Norte. Fumando cachimbo e conversando com voz tranqüila, fala sôbre jornalismo, televisão, guerra do Vietnã, a morte de Kennedy e outros temas da atualidade.

SABILIDADES NO VIETNÃ E PRECISAMOS TER PACIÊNCIA."

● Escrevo minha coluna de maneira muito simples. Leio cuidadosamente os jornais e os pronunciamentos do govêrno, antes de chegar à redação, às nove da manhã. Parto do princípio de que o govêrno, como todo o mundo, procura sempre fazer com que seu ponto de vista pareça o melhor, mas isto não significa que êsse ponto de vista seja, necessàriamente, o que melhor serve ao povo. Assim, procuro ler armado daquilo que considero uma tradição do jornalismo do meu país, ou seja, o ceticismo, a crença de que o poder tende a corromper e que, à medida que o govêrno se torna mais e mais poderoso, precisa ser vigiado com maior atenção. Assim, procuro **checar** a exatidão das declarações de representantes do govêrno, realizando pesquisas, análises e indagações com especialistas do assunto em questão. Depois de apurar se um determinado fato é verdadeiro, qual o seu significado e preço, quais as suas implicações e qual o seu interêsse para o povo, preparo meu artigo.

● Na minha opinião, o melhor jornal do mundo é o **New York Times**, embora eu seja suspeito para afirmá-lo. Na realidade, trata-se do único jornal do mundo, pràticamente, que procura publicar todos os grandes documentos de nossa era, num minucioso registro dos turbulentos tempos que estamos vivendo. Acho, também que o **Times**, de Londres, ainda é um grande jornal. Os franceses **Le Monde** e **Figaro** são ótimos jornais, mas são primordialmente órgãos de opinião, em vez de órgãos de notícias. Os jornais europeus tendem a refletir posições ideológicas ou políticas de partidos e grupos.

● O maior colunista norte-americano, o grande homem de nossa profissão, é Walter Lippman, sem qualquer dúvida. Ninguém pode ser comparado a êle. Em minha opinião, Lippman aliou o jornalismo à filosofia, de uma forma não igualada por qualquer um de nós.

● A revista **Playboy** é o produto da fase hedonística que estamos atravessando, uma curiosa época em que se enfraqueceu a crença na religião e no pensamento filosófico, uma espécie de era do existencialismo, de preocupação com as alegrias da carne. **Playboy** cultiva êsse espírito e é feita para êsse público.

● Sou fascinado pela televisão e por suas enormes possibilidades, assim como me sinto terrìvelmente desapontado pela sua incapacidade de compreender aquelas mesmas possibilidades. As maiores cadeias norte-americanas de televisão procuram falar apenas à grande audiência popular. Isso é tão grave como se todos os editôres publicassem apenas o tipo de livros que se tornam **best-sellers**, deixando inéditas as obras de qualidade, mais sérias e mais profundas. Nos Estados Unidos, estamos agora procurando criar a chamada televisão pública, ou educacional, liberta das contingências comerciais. Queremos uma televisão que focalize a história contemporânea de modo sério, que discuta os grandes problemas de nossa era, que utilize o seu tremendo poderio para colocar diante do público os problemas do mundo.

● O rádio e a televisão têm influenciado e modificado o jornalismo, desde quando tiraram do jornal e das revistas o privilégio de serem os primeiros a dar as notícias e expor os fatos. A tevê é imbatível na cobertura de fatos como as grandes convenções políticas, os grandes espetáculos esportivos e as grandes catástrofes. Na cobertura dos funerais do Presidente Kennedy, por exemplo, foi muito difícil para mim competir com uma câmara de televisão que mostrava as lágrimas no rosto de Jacqueline Kennedy. Era muito difícil, para um jornalista que escreve, captar aquêle momento de tragédia e de beleza. Mas, de certa maneira, a presença da televisão é benéfica para nós, os jornalistas: obrigou-nos a assumir uma posição mais inquisitiva e mais analítica. Levou-nos a pensar mais nas causas dos grandes eventos, em vez de apenas noticiá-los depois que êles ocorrem. Não podemos competir com a tevê na área do entretenimento; temos que sair dêsse campo e fazer jornalismo mais sério, divulgando temas de interêsse histórico — como MANCHETE acaba de fazer, por exemplo, com a publicação de **A Morte de um Presidente**. A tevê pode, inclusive, ser nossa aliada: a experiência mostra que as pessoas querem ler a respeito do que viram na televisão.

● Sou partidário do regime capitalista, sim. Mas é necessário dizer que há uma visão muito falsa, no exterior, a respeito do que é o regime capitalista norte-americano.

Amor à primeira vista?

(bem, não é para menos...)

PROSDÓCIMO

Assim que V. entra na loja,
é o primeiro a lhe chamar a atenção:
BELEZA EM TODOS OS DETALHES.
Ao recebê-lo em casa, aquêle orgulho
disfarçado diante dos amigos...
Regularidade de bons serviços...
Assistência perfeita em qualquer cidade...
V. VERÁ QUE AMOR DURADOURO...

refrigerador PROSDÓCIMO SOCIAL

grau 10 em qualidade

Garantia de 5 anos

REFRIGERAÇÃO PARANÁ S.A. — CAIXA POSTAL 1.021 — CURITIBA — PARANÁ — 50 ANOS DE TRADIÇÃO NO SUL DO PAÍS

Os dois famosos jornalistas norte-americanos acreditam que Lee Oswald agiu sòzinho ao assassinar Kennedy e não vêem qualquer importância nas investigações realizadas pelo Promotor Garrison

Desde os dias de Roosevelt, os Estados Unidos revolucionaram o capitalismo, racionalizando-o e modificando o velho conceito do **laissez-faire.** Um antiquado capitalista de 1920 não reconheceria o regime norte-americano de hoje, cada vez mais consciente da necessidade de justiça social. Creio que criamos um sistema mais justo, mais igualitário do que o de qualquer outra sociedade, no mundo.

● Não acredito numa guerra nuclear. Acho que estabelecemos um tal equilíbrio de poder, no mundo, que, embora êsse não sendo o sistema ideal para a manutenção da paz, cria realmente um sistema de segurança que tem suas bases no fato, reconhecido pelas potências nucleares, de que uma guerra dêsse tipo significaria o fim da Humanidade. Acredito que o perigo mais grave, a mais séria ameaça à raça humana, não vem do poder atômico, mas do poder sexual, origem do impressionante crescimento da população nos nossos dias. A China, por exemplo, tem uma população que cresce de 16 a 17 milhões de habitantes por ano. Nenhum regime — capitalista, socialista ou comunista — pode suportar essa pressão.

● O conflito entre a União Soviética e a China é uma espécie de batalha teológica, um como retôrno às guerras religiosas. Os comunistas diziam que, quando o seu regime se espalhasse pelo mundo, a paz estaria garantida. Estamos vendo que isso é tolice. O nacionalismo da China pode conduzir a um conflito com o nacionalismo da União Soviética, do mesmo modo que poderia ter ocorrido antes de os dois países terem aderido ao comunismo.

● Sou contra a política de Johnson no Vietnã. Lamento que nos tenhamos envolvido nessa guerra — e me atrevo a dizer que o próprio Johnson também lamenta, depois de ver o problema em que aquilo se transformou. Acho, entretanto, que não podemos sair de lá agora, porque uma nação é obrigada a assumir a responsabilidade por suas ações — e até por suas espoliações. Não podemos procurar conquistar a vitória a ferro e fogo, e sim tentar reduzir o nível da violência e, gradualmente, negociar algum tipo de compromisso que conduza à paz.

● Acho muito natural a formação do chamado "mito Kennedy". Êle era um homem fascinante, uma espécie de símbolo do futuro, inteligente, pragmático, moderno. O povo sentiu-se duramente atingido com seu assassinato e procura perpetuar aquilo que êle representava. Seu mito será um fator político muito importante nos Estados Unidos.

● Concordo com as conclusões da Comissão Warren. Não encontrei qualquer razão que me levasse a acreditar na teoria de uma conspiração, como pretendem os que não admitem que Lee Oswald tenha agido sòzinho, ao assassinar Kennedy. Não tenho dúvidas sôbre êsse problema. Não quero questionar os motivos do Promotor Jim Garrison, de Nova Orleãs, mas a verdade é que, até o momento, êle não apresentou qualquer evidência séria que me faça mudar de opinião a respeito do relatório Warren.

● Gostei muito da encíclica **Populorum Progressio**, do Papa Paulo VI, que culmina com uma série de definições pela justiça social, iniciada por João XXIII e continuada agora. A encíclica é uma coisa maravilhosa, porque diz aquilo que tôdas as instituições e todos os governos deviam estar se perguntando: estamos à altura de nosso tempo? Estamos fazendo aquilo que a nossa era exige de nós, ou ainda, estamos atados a velhas formas e a superados conceitos de organização social?

● A delegação norte-americana encontra-se em Punta del Este com a compreensão de que se trata de uma conferência de nações iguais e soberanas, entre as quais dezenove suspeitam da vigésima, ou seja, dos Estados Unidos. Devemos agir com modéstia. Não há contradição insolúvel entre os Estados Unidos e os países latino-americanos.

Edward P. Morgan também é jornalista desde a juventude, tendo trabalhado em vários países para jornais e agências de notícias. Era correspondente de guerra na Itália, em 1944, e noticiou a chegada, a Nápoles, em julho daquele ano, dos primeiros contingentes da FEB. Atualmente, mantém um famoso programa diário de rádio na estação ABC, quatro programas semanais na televisão e uma coluna publicada em dezenas de jornais.

● Acho que no mundo atual ainda há e continuará havendo lugar para o radiojornalismo. O rádio é o mais rápido veículo de informação — e nada pode vencer essa condição. Além do mais, quase todo mundo tem automóveis, nos Estados Unidos, e ouve o rádio do carro. Uma pesquisa recente revelou que o número de pessoas que ouvem rádio é superior ao de pessoas que vêem televisão.

● A tevê tem tido uma grande influência em fazer o povo conhecer os produtos comerciais e comprá-los. Infelizmente, não tem tido grande influência em fazer o povo compreender os acontecimentos. É triste, mas o rádio e a tevê, nos Estados Unidos, transformaram-se num supermercado para vender produtos. Isto está errado, porque é o govêrno que concede os canais para a transmissão de rádio e televisão. A fim de obter mais publicidade e, conseqüentemente, maiores lucros, êsses dois veículos orientam-se para o público de mais baixo nível. Espero que a televisão educacional, ou pública, venha a fornecer uma opção e oferecer bons programas de debates, teatro, documentários, etc.

● Estive duas vêzes no Vietnã. Acho que não devíamos estar lá, mas o fato é que estamos. Dois presidentes, um republicano e outro democrata, aceitaram responsabilidades no Vietnã. A situação é muito mais difícil do que se pensa. Ninguém sabe qual é a saída, e temo que a pressão do público para que se termine a guerra ràpidamente conduza à total destruição do Vietnã. O próprio Presidente Johnson pergunta a todos os seus visitantes: "O que você faria, se estivesse em meu lugar?" Mas a verdade é que ninguém está no lugar dêle, não tem acesso a tôdas as informações e não pode responder. É necessário ter paciência, agüentar uma guerra que pode durar anos e procurar reduzir a violência.

● Acredito que Lee Oswald, sòzinho, assassinou Kennedy. Não creio, por um minuto sequer, que tenha havido uma conspiração para matá-lo. Acho que as investigações de Nova Orleãs são escandalosas e que o Promotor Jim Garrison é um irresponsável.

ABREU SODRÉ ESCOLHEU OS MELHORES

Reportagem de HENRIQUE FERREIRA NUNES
Fotos de ARMANDO BERNARDES

POUCAS semanas após o Governador Abreu Sodré anunciar a permanência do Sr. Delfim Neto na Secretaria das Finanças de S. Paulo, o Presidente Costa e Silva foi buscar aquêle eficiente técnico para o seu ministério, confiando-lhe a pasta da Fazenda. Êste fato é suficiente para demonstrar em que nível Abreu Sodré formará a sua equipe de trabalho. A escolha dos componentes do nôvo govêrno paulista, na verdade, não obedeceu a critérios político-partidários definidos. Os postos de comando do mais rico estado da União foram entregues a homens que alcançaram sucesso nos vários setores, privados ou públicos, nos quais até hoje desempenharam suas atividades. Engenheiros, banqueiros, administradores, juristas, êles têm três afinidades básicas: juventude, competência e vontade de trabalhar.

Segall, mais do que um secretário particular ● "Não quero um palafreneiro para me abrir portas", disse Abreu Sodré quando saiu à procura de um secretário particular. A escolha recaiu em Oscar Klabin Segall, jovem, dinâmico, culto, filho do grande pintor Lasar Segall, um "homem de tranqüila certeza". "Minha missão" — diz êle — "é ficar com a maior parte das dores de cabeça do governador." E acrescenta: "Não tem sentido um mero secretário particular do governador. O que se quer é um assessor lúcido, tanto no campo político como no administrativo."

O mestre de obras Yassuda ● O Professor Eduardo Riomey Yassuda, secretário dos Negócios e Obras Públicas, é o mestre de obras do atual govêrno paulista. Técnico de comprovada capacidade e espírito de iniciativa, engenheiro civil e sanitário, o Professor Yassuda adquiriu experiência de administração em emprêsas privadas e na secretaria, onde já prestou serviços como diretor de divisão. "A Secretaria dos Serviços e Obras Públicas" — diz êle — "integra o govêrno como parte de uma equipe, nunca como órgão desligado do conjunto."

Toledo Piza e os bilhões

Líder da indústria automobilística, banqueiro experimentado e fazendeiro progressista, Lélio Toledo Piza agora é o nôvo presidente do Banco do Estado. A escolha fugiu ao critério político, recaindo num homem que conhece em profundidade os problemas do comércio, da indústria, da produção, sendo também versadíssimo em questões financeiras. Ao tomar posse, no Banco do Estado, disse êle: "Êste banco, que no passado estêve muitas vêzes a serviço da política, agora está apenas à disposição da política econômico-financeira de São Paulo."

O trinômio de Firmino

O Engenheiro Firmino Rocha de Freitas resume as bases do seu trabalho à frente da Secretaria de Transportes neste trinômio: planejamento, investimento e eficiência. E afirma que seu programa é inteiramente apolítico — "pois política só fiz quando estudante". Sua ambição é dar a São Paulo o máximo possível em ferrovias, rodovias aeroportos modernos, hidrovias. Homem experimentadíssimo na direção de emprêsas privadas, é a primeira vez que Firmino Rocha de Freitas ocupa um cargo público.

ESTA NÃO É UMA TROCA DE ÓLEO COMO AS OUTRAS...

O SEU CARRO VAI GANHAR UM CILINDRO EXTRA!

Um cilindro extra significa mais potência e mais rendimento para o motor do seu carro. NOVÍSSIMO ESSO EXTRA MOTOR OIL significa mais limpeza, melhor lubrificação e maior proteção para o motor, sejam quais forem as condições de tráfego e de temperatura. NOVÍSSIMO ESSO EXTRA MOTOR OIL lubrifica melhor e supera sempre as especificações dos fabricantes de automóveis. NOVÍSSIMO ESSO EXTRA MOTOR OIL é uma nova fórmula criada e aperfeiçoada pelo Centro Esso de Pesquisas.

Prove que você gosta mesmo do seu carro usando

ESSO EXTRA MOTOR OIL

— o óleo que está milhares de quilômetros à frente!

As injunções políticas não prevaleceram na escolha da eficiente e jovem equipe do governador de São Paulo

Ênio é o dono das notícias • Abreu Sodré foi buscar um velho companheiro de campanhas políticas para ser o seu secretário de Imprensa. Nesse cargo o jornalista Ênio Pesce já inovou completamente a mecânica do diálogo entre govêrno, imprensa e opinião pública, criando uma verdadeira agência noticiosa no Palácio do Morumbi. Amigo de todos os jornalistas, êle próprio velho (no sentido de experiência) profissional, Ênio sabe que, numa democracia, a imprensa não pode ser subestimada.

O tranqüilo Professor Arrobas • O nôvo secretário da Fazenda é, antes de tudo, um homem tranqüilo. "Embora a situação do Tesouro estadual" — diz êle — "seja bastante delicada, não há motivo para alarme." Catedrático de Direito Internacional Privado da Faculdade de Direito da USP, Luís Arrobas Martins tem pela frente uma tarefa hercúlea: sanear as finanças de São Paulo e, ao mesmo tempo, acelerar o desenvolvimento do estado, continuando, assim, a obra de Delfim Neto, seu antecessor.

Marcondes é sobretudo um sério • Para o jovem (menos de 40 anos) e nôvo presidente da Caixa Econômica a seriedade é nêle como um estado de espírito. Onadir Marcondes deu início a seu programa, na Caixa, através de uma completa e bem estudada reforma na estrutura do órgão. Quatro milhões de pessoas são depositantes da CEESP, em todo o território paulista, movimentando depósitos estimados atualmente em 170 milhões de cruzeiros novos. Meta básica de Marcondes: entendimento imediato com os prefeitos do interior.

Turner contra a papelada • "Sou o homem que quer libertar o governador do papelório burocrático", declarou o Deputado José Henrique Turner ao assumir a Secretaria dos Assuntos da Casa Civil do govêrno paulista. E sem dúvida, trata-se de uma pessoa credenciada para enfrentar e vencer a burocracia governamental. É tradicional a sua ojeriza ao empirismo, à indisciplina e irresponsabilidade. Durante muito tempo diretor-geral da Secretaria da Justiça e diretor-geral da Secretaria da Fazenda, além de deputado federal, Turner traz para o nôvo govêrno capacidade, conhecimento e prática.

Os dois casais mais famosos do mundo se reuniram, na semana passada, para um jantar elegantíssimo

A DOCE VIDA DE MÔNACO

A noite de Mônaco ficou mais brilhante, dias atrás, quando Richard Burton e Elizabeth Taylor aceitaram o convite do Príncipe Rainier e sua espôsa, a ex-atriz Grace Kelly, para assistirem a uma festa em benefício do hospital norte-americano de Nice. Fechados no pequeno mundo de um amor perfeito, que fazem questão de anunciar por todos os cantos, Burton e Liz raramente atendem aos chamados mundanos. Assim, Rainier e Grace tiveram a alegria de conviver, no espaço de um jantar, com a dupla de **A Megera Domada** — e naturalmente Hollywood, seus mexericos e sua fase de declínio foram o assunto principal à mesa.

Fora do cinema há muito tempo, Grace Kelly ficou sabendo que Richard Burton, nos próximos meses, iniciará as filmagens de **Doctor Faustus**, baseado em texto de Christopher Marlowe. Burton será produtor, co-diretor (juntamente com Nevill Coghill) e intérprete do filme, enquanto Elizabeth Taylor viverá um papel inteiramente silencioso, o de Helena de Tróia. O mais famoso casal do cinema não parou de falar um só instante: sempre animado com seus novos projetos, Burton lembrou para Grace o seu difícil começo na arte dramática, enquanto Liz explicava a Rainier o grande impulso que a vida em comum com Richard deu à sua carreira.

Burton e Liz, agora produtores de cinema, acham tempo para estar com os filhos.

Pessoas muito importantes fazem reverência aos príncipes.

Fotos VIP

rton contou a Grace Kelly, ex-atriz, as últimas novidades de Hollywood, centro que êle considera superado. Elizabeth e Rainier discutiram arte, moda e esporte.

Luís Viana Filho tomou posse perante grande massa popular

O NÔVO GOVERNADOR DA NOVA BAHIA

O povo viu a entrada de um e a saída do outro.

O Sr. Luís Viana ao lado de sua filha, na residência oficial de verão do governador baiano.

— O que o povo quer é um govêrno justo, sensível às suas dificuldades e atento às suas aspirações. Um govêrno que não tenha dois pesos e duas medidas e não conheça interêsse que não seja o de todos. Um govêrno que não seja omisso dos seus deveres e sempre presente, nas aflições ou nas alegrias. E êsse govêrno espero em Deus que a Bahia o terá.

Com estas palavras, o Sr. Luís Viana Filho recebeu o govêrno baiano das mãos do Sr. Lomanto Júnior, que também discursou, fazendo um rápido relatório do seu mandato, para logo em seguida deixar o palácio sob a aclamação de grande massa popular.

O povo que se aglomerava nas imediações aplaudiu o nôvo governador, quando êle passou em revista as tropas e entrou no palácio para iniciar o seu mandato. A posse verificara-se uma hora antes no Forum Rui Barbosa, onde o Sr. Luís Viana prestou o juramento perante o presidente da Assembléia, Deputado Sacramento Neto.

À noite, houve uma grande recepção no Palácio da Aclamação, com a presença do General Rafael de Sousa Aguiar, comandante do IV Exército e representante do Presidente Costa e Silva, além dos Governadores José Sarnei, Lourival Batista, Ivo Silveira, Negrão de Lima, João Agripino, Otávio Laje, representantes de todos os outros governadores, chefes militares, escritores, jornalistas, industriais, empresários, deputados, senadores e centenas de convidados especiais.

Já no dia seguinte, o nôvo governador reuniu o seu secretariado, constituído de jovens, grandes técnicos e administradores, para iniciar o cumprimento do seu programa de govêrno, destinado a impulsionar ainda mais o grande surto de progresso por que passa a Bahia no momento.

Reportagem de
FLÁVIO COSTA
Fotos de
GERVÁSIO BATISTA

Num clima de harmonia e continuidade administrativas, o Sr. Lomanto

Júnior transmitiu o govêrno ao seu sucessor. Foi um grande espetáculo de educação política. Embaixo, o nôvo governador passa revista às tropas.

Dois amigos estiveram presentes: o Marechal Nélson de Melo e o editor José Olímpio.

Três dos governadores presentes: Laurival Batista, João Agripino, Ivo Silveira, e o Deputado Cunha Bueno.

O Governador Negrão de Lima foi levar seu abraço ao nôvo colega.

Um festival no Rio mostra que o cinema francês superou tôdas as suas crises

A NOUVELLE VAGUE EM MARÉ ALTA

Como está o cinema francês? Mal, respondem os proprietários das grandes salas de espetáculo de Paris. Muito bem, garantem os exibidores de todo o mundo. A contradição pode ser explicada: se o normal, em Paris, ainda é usar os grandes cinemas (de "exclusividade") para o lançamento de produções caras, tradicionais, o costume nos outros países é exibir cada vez mais os filmes jovens, **nouvelle vague** e afins, nos chamados cinemas de arte. Pode-se falar, realmente, em crise? É verdade que **On a Volé la Joconde**, obra considerada comercial, foi exibida em Paris numa sala de mil lugares e reuniu em 25 sessões apenas 680 espectadores. Mas **Pierrot le Fou**, obra considerada "difícil", mobilizou para um cinema de 700 lugares, no Rio, uma platéia além de mil pessoas — numa só sessão.

Não há, em resumo, nenhuma crise, ocorre apenas uma transformação. Apesar das queixas parisienses, 300 novos produtores surgiram na França, entre 1964 e 1966; em 1965 foram produzidos 142 filmes, contra 98 em 1964. A situação não é desesperadora, apenas mudou. Enquanto os grandes circuitos de luxo perdem terreno, surgem por todos os lados — e também em Paris — pequenos circuitos especializados num cinema de autor, ou "cinema de repertório". Os cinemas de arte e os cineclubes aumentam — e prosperam. As cinematecas escolhem bem os filmes que é necessário recomendar, e divulgam êsses filmes pela grande imprensa, mencionando em primeiro lugar o nome do diretor, antes mesmo dos atôres. Assim ficaram conhecidos Jean-Luc Godard, François Truffaut, Agnès Varda, Alain Resnais, Louis Malle. Êles hoje vendem mais entradas do que Jean Gabin ou Fernandel, transferidos para o museu das celebridades — e com poucas visitas. Ao lado dessa penetração jovem, entre um público jovem, algumas vedetes marginais ajudam a fortalecer a onda. Unindo o prestígio da **nouvelle vague** ao seu inegável tato comercial, Roger Vadim chamou para o cinema francês as atenções de todos os homens (e mulheres) do mundo, com Brigitte Bardot de porta-bandeira. Agora, o seu agitado sucessor, Claude Lelouch, também na pista da **nouvelle vague**, lança no espaço o cha-bada-bada de **Um Homem, uma Mulher (Un Homme, une Femme)**, e só na França realiza o prodígio de fazer chorar quatro milhões de espectadores, num só ano. Não, o cinema francês ainda não está perto da sua morte comercial.

É o que, entre muitas coisas, demonstra o Festival do Cinema Francês que a Companhia Franco-Brasileira programou para esta semana, no Rio, em colaboração com a Cinemateca do Museu de Arte Moderna e **Jornal do Brasil**. As filas não mentem, jamais: elas eram terrivelmente longas no início desta semana, quando o Cine Paissandu exibia, pela primeira vez no Brasil, **O Pequeno Soldado (Le Petit Soldat)**, de Jean-Luc Godard. Além da sua luta contra a censura, o segundo filme de Godard sempre foi considerado uma produção à margem dos grandes circuitos comerciais. Quatro anos após o seu lançamento, em Paris, êle conquista no Rio um público bem maior — e não só um público "de elite". O fenômeno se explica: de Godard ou Resnais, de Varda ou Malle, os filmes franceses se tornam cada vez mais polêmicos, com base no interêsse imediato pelos dramas do mundo moderno. A polêmica pode tocar a política ou a publicidade, o sentimento ou a aventura, mas o importante é que ela sempre se faz ao nível da provocação à inteligência, da comunicação livre, do diálogo jovem com um público ascendente. Papais e mamães preferem ficar em casa, vendo televisão: assim, enquanto as velhas comédias burguesas de René Clair ou os consultórios sexuais de Christian-Jacque dormem no passado, o presente se faz com a busca da consciência política em Genebra ou com a reportagem sôbre Cléo, doente, descobrindo as alegrias de Paris.

Sensibilidade, humor, ironia, desencanto, sinceridade, calor, amargura, decepção, reconquista juventude — essas são as palavras capazes de definir, no seu lado sempre positivo, alguns dos novos filmes franceses que serão lançados êste ano no Brasil. De todos, **Tempo de Guerra (Les Carabiniers)**, de Jean-Luc Godard, é o mais profundo: dizer que se trata do maior filme sôbre a guerra, em tôda a história do cinema, seria apenas tocar um dos infinitos problemas que Godard levanta, na sua inegável obra-prima. **Carabiniers** é a guerra, mas também a relação primitiva entre os homens, após séculos de civilização; é tôda a loucura de Hitler, as cartas de Himmler e a propaganda de Goebbels, mas também a inocência, a pureza de pequenos soldados que sonham com tôdas as fortunas do mundo — e elas se resumem a uma coleção de cartões postais. Nunca o cinema ofereceu uma visão tão sêca da fraqueza dos sentimentos e da incomunicabilidade entre os homens, da instabilidade entre um mundo real e um mundo inventado pelos esquemas e palavras de ordem. No Brasil, certamente, **Tempo de Guerra** merecerá o público que não teve na superorganizada Europa, pois, sem exigir mirabolantes esquemas mentais e nem o charme técnico de espectadores estagnados, é um filme que age e sofre em cada seqüência, em cada plano. Como os habitantes de um país subdesenvolvido.

Texto de MAURICIO GOMES LEITE

As Criaturas (Les Créatures), co
— como em As Duas Faces

Catherine Deneuve, é o mais recente filme de Agnès Varda. De nôvo ela apresenta Felicidade — as muitas dúvidas que surgem da maior liberdade de costumes.

Em Breve Encontro em Paris, Pierre Granier-Deferre conta um caso sentimental entre Aznavour e Susan Hampshire. Emb., Varda dirige Corinne Marchand em Cléo de 5 às 7.

Além de O Pequeno Soldado, o Rio vai assistir a outra obra-prima de Jean-Luc Godard: Tempo de Guerra (Les Carabiniers). Sempre de óculos escuros, Jean-Luc Godard vê o mundo de frente.

Uma arca pertencente a Fernando Pessoa, há pouco descoberta em Lisboa, revela importantes obras inéditas do maior poeta português depois de Luís de Camões, e põe a nu o espantoso segrêdo de sua vida

A ÚLTIMA VIDA DE FERNAND

Um baú, contendo originais, que pertenceu ao poeta Fernando Pessoa e fôra relegado ao esquecimento pelos primeiros pesquisadores da vida e da obra do maior poeta português, depois de Camões, monopoliza agora a curiosidade do público brasileiro e português, e vem sendo cuidadosamente estudado, em Lisboa, por uma equipe de especialistas, tendo à frente Georg Rudolf Lind, Jacinto do Prado Coelho e Jorge Rosa, grandes conhecedores da obra de Fernando Pessoa. Aberto o baú, verificou-se uma coisa espantosa. A parte inédita da literatura de Fernando Pessoa era tão importante, em extensão e grandeza, quanto a já publicada. Mas o precioso trabalho de exumação de originais possibilitou, principalmente, o conhecimento do verdadeiro retrato psicológico e constitucional do poeta, oferecido à posteridade, a exemplo de Oscar Wilde e André Gide, com tintas pungentes a que não falta, no caso de Pessoa, o gênio crítico e criador do autor de *Mensagem*.

Qual é, afinal, o verdadeiro retrato de Fernando Pessoa, a mais contraditória e importante personalidade literária que animou o movimento português de renovação literária, nas três primeiras décadas dêste século, até sua morte aos 47 anos, em Lisboa, no ano de 1935? Resumidamente, é a seguinte a biografia *oficial* do poeta:

Nasceu em Lisboa, em 1888 e residiu em Durban (Natal, África), de 1896 a 1905, depois da morte do pai, Joaquim de Seabra Pessoa, e do nôvo casamento da mãe, Dona Maria Madalena, com o Comandante João Miguel Rosa, que assim se tornou padrasto de Fernando. Freqüentou a Universidade do Cabo da Boa Esperança e, de regresso a Portugal, em 1906, matriculou-se no Curso Superior de Letras de Lisboa. A partir de 1908, deixou os estudos e consagrou-se à atividade comercial, como correspondente de línguas estrangeiras. Mas, já então, o que o interessava particularmente era a atividade literária. Em 1915, fundou com Mário de Sá Carneiro, José de Almada Negreiros, Luís de Montalvor, Alfredo Pedro Guisado, Antônio Ferro, Adolfo Casais Monteiro e outros, a revista *Orpheu*, primeira manifestação do *modernismo* em Portugal. Em 1921, publicou quatro *plaquetes* de poemas inglêses. A seguir, colaborou com assiduidade na revista *Contemporânea* e, esporàdicamente, no suplemento literário da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, com alguns contos. Dirigiu em 1924, a revista *Athena*. Em tôdas essas publicações aparece ora com seu próprio nome, ora com os *heterônimos* que se tornariam posteriormente famosos: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis. Do ano de 1927 em diante, sua obra começa a ganhar dimensão nacional e o poeta a ser apontado como um verdadeiro inovador estético. Em 1934, publica *Mensagem*, poema nacionalista que lhe assegura o *Prêmio Antero de Quental*. Morre no ano seguinte e então se inicia a publicação de sua obra completa, reunindo a que êle assinara com seu próprio nome e a de seus três *heterônimos*, expressão em que insistia sempre, para fazer uma distinção de *pseudônimo*.

Êste, o retrato conhecido do poeta. Mas, e o *outro?* Aqui, os fragmentos retirados da arca, vão sendo juntados um a um, até delinear, de corpo inteiro, não só as múltiplas facêtas de seu gênio criador como a tragédia secreta da vida de Pessoa. Melhor do que qualquer dos seus biógrafos, pinta-se êle próprio, em côres de uma dramaticidade cristalina e sóbria. Para compreendê-lo sob êssa luz nova, as linhas que se seguem, escritas em inglês, possivelmente em 1915, e mantidas inéditas até maio de 1966, são de uma clareza e coragem intelectual impressionantes. O poeta olha-se nos próprios olhos e pergunta: *Quem sou eu? Que alma tenho?* E oferece à posteridade a chave de seu *segrêdo*, nesta resposta direta e estarrecedora:

★ *Não encontro dificuldade em definir-me: sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina. A minha sensibilidade e os movimentos que dela procedem, e é nisso que consistem o temperamento e a sua expressão, são de mulher. As minhas faculdades de relação — a inteligência, e a vontade, que é a inteligência do impulso, são de homem.*

★ *Quanto à sensibilidade, quando digo que sempre gostei de ser amado, e nunca de amar, tenho dito tudo. Magoava-me sempre o ser obrigado, por um dever de vulgar reciprocidade — uma lealdade do espírito — a corresponder. Agradava-me a passividade. De atividade, só me aprazia o bastante para estimular, para não deixar esquecer-me a atividade em amar daquele que me amava.*

★ *Reconheço sem ilusão a natureza do fenômeno. É uma inversão sexual fruste. Pára no espírito. Sempre, porém, nos momentos de meditação sôbre mim, me inquietou, não tive nunca a certeza, nem a tenho ainda, de que essa disposição do temperamento não pudesse um dia descer-me ao corpo. Não digo que praticasse então a sexualidade correspondente a êsse impulso; mas bastava o desejo para me humilhar. Somos vários desta espécie, pela história abaixo — pela história artística sobretudo. Shakespeare e Rousseau são dois exemplos, ou exemplares, mais ilustres. E o meu receio da descida ao corpo, dessa inversão do espírito — radica-mo a contemplação de como nesses dois desceu — completamente no primeiro: incertamente no segundo, num vago masoquismo.*

Fernando Pessoa não ficaria apenas nessa confissão. Em junho de 1919, o poeta escrevia aos psiquiatras franceses, Hector e Henri Durville, uma carta em que se classificava de *histeroneurastênico*, "felizmente com predomínio do elemento neurastênico, donde a ausência de traços exteriores", como comenta Georg Rudolf Lind. Quinze anos depois, em carta a

Texto de HOMERO HOMEM

O PESSOA

Adolfo Casais Monteiro, repete êsse autodiagnóstico para justificar a criação dos *heterônimos*. A origem dêstes, explica, reside na sua histeria, ou seja: *numa tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação.*

Na primeira quadra do seu famoso poema *Autopsicografia*, ainda voltaria ao assunto, numa tentativa de pôr o seu *caso* ao alcance do leitor comum: *O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente/.*

Mas êsse fingidor do sofrimento, que foi Fernando Pessoa, tinha também seus momentos de alegria simples e desprevenida. É o que revela o pacote de originais, descoberto há coisa de 2 anos, reunindo as trovas inéditas do poeta. Com desenvoltura e pudor, ao mesmo tempo, êle retoma a velha tradição portuguêsa da quadra popular e se despoja do seu cerebralismo em versos dêste tipo: *Água que passa e canta/ É água que faz dormir.../ Sonhar é coisa que encanta,/ Pensar é já não sentir./* Ou então: *Linda noite a desta lua,/ Lindo luar o que está/ A fazer sombra na rua,/ Por onde ela não virá./* Não só com êsse lirismo ingênuo e semi-sonambular, que lembra canção de berço ou brincadeira de roda, distraía-se Fernando Pessoa. Construiu, também, formas satíricas, como esta: *Na praia de Monte Gordo,/ Meu amor, te conheci./ Por ter estado em Monte Gordo/ É que assim emagreci./.* Ou cruamente filosóficas, como esta outra: *A vida é um hospital/ Onde quase tudo falta./ Por isso ninguém se cura/ E morrer é que é ter alta/.* Ou, ainda, insinuando timidamente uma ligação amorosa que o poeta, secretamente, sabia ser impossível: *A tua janela é alta,/ A tua casa é branquinha./ Nada lhe sobra ou lhe falta/ Senão morares sòzinha./*

Em outros maços de inéditos, o doce e eterno Fernando Pessoa, que afirmava com a maior pureza de alma — *tenho pensamentos que, pudesse eu trazê-los à luz e dar-lhes vida, emprestariam nova leveza às estrêlas, nova beleza ao mundo, e maior amor ao coração dos homens* — se auto-analisa impiedosamente, confidenciando: *Uma das minhas complicações mentais — mais horrível do que as palavras podem exprimir — é o mêdo da loucura, o qual em si, já é loucura.* Tudo, aliás, no poeta neurotizado, sensível a todos os problemas de seu tempo, era motivo para sofrimento. Assim escrevia êle, noutra página de diário, sôbre o seu amor a Portugal: *O meu intenso sofrimento patriótico, o meu intenso desejo de melhorar o Estado de Portugal, provocam em mim mil projetos que, mesmo se realizáveis por um só homem, exigiriam dêle uma característica puramente negativa em mim — fôrça de vontade.* Essa fôrça de vontade que Fernando Pessoa não encontrava em si, êle a tinha de fato, e muita. Pois de outra forma não se explica o levantamento paciente, laborioso, lúcido e pertinaz de uma pirâmide que consumiu tôda a sua vida e labor, e em cujo vértice está situada sua obra poética, estando, na base, sua prosa e seus inéditos. Prosa e inéditos que, aliás, se ocupam de tudo e especulam com tôdas as paixões e curiosidades humanas. Como nesta passagem sôbre os romances policiais: *Um dos poucos divertimentos intelectuais que ainda restam ao que ainda resta de intelectual na humanidade é a leitura de romances policiais. Entre o número áureo e reduzido das horas felizes que a Vida deixa que eu passe, conto por do melhor ano aquelas em que a leitura de Conan Doyle ou de Arthur Morrison me pega na consciência ao colo.* E define, a seguir, o seu ideal supremo de felicidade, aí por volta de 1914, quando a página foi escrita: *Um volume de um dêstes autores (policiais), um cigarro de 45 ao pacote, a idéia de uma chávena de café — trindade cujo ser — uma é o conjugar a felicidade para mim — resume-se nisto a minha felicidade.*

Lenta e sofridamente, êsses inéditos deixados pelo poeta vão revelando sua nudez e descoberta de si mesmo. No ano da explosão da I Grande Guerra, êle escreve: *Pertenço a uma geração que ainda está por vir, cuja alma não conhece já, realmente, a realidade e os sentimentos sociais. Não sinto o que é honra, vergonha, dignidade. São para mim, como para os do meu alto nível nervoso, palavras de uma língua estrangeira, como um som anônimo apenas.* Curioso: essa linguagem de Fernando Pessoa, antes da guerra mundial de 1914, seria a linguagem de milhares de jovens ex-combatentes, depois dela. O niilismo do poeta, também aqui, foi precursor. Guiado por um implacável instinto de auto-análise, Fernando Pessoa acaba se encontrando e aceitando a sua própria *verdade*. É o que está escrito no seu diário, e traz a data de 21.11.1914:

★ *Um raio hoje deslumbrou-me de lucidez. Nasci.*

Ao tomar de vez a decisão de ser Eu, de viver à altura do meu mister, e, por isso, de desprezar a idéia do reclame, e plebéia sociabilização de mim, do Intersseccionismo, reentrei de vez, de volta da minha viagem de impressões pelos outros, na posse plena do meu Gênio e na divina consciência da minha Missão. Hoje só me quero tal qual meu caráter nato quer que eu seja; e meu Gênio com êle nascido, me impõe que eu não deixe de ser.

Atitude por atitude, melhor a mais nobre, a mais alta e a mais calma. Pose por pose, a pose de ser o que sou.

Nada de desafios à plebe, nada de girândolas para o riso ou a raiva dos inferiores. A superioridade não se mascara de palhaço; é de renúncia e silêncio que se veste.

Com estas palavras, Fernando Pessoa chegaria à suma de sua divisa, sustentada até a morte: *"O indivíduo é a realidade suprema porque tem um contôrno material e mental — é um corpo vivo e uma alma viva."*

E atormentada, faltou apenas acrescentar.

Nota da Redação — Os trechos inéditos de Fernando Pessoa, reproduzidos nesta reportagem, encontram-se no livro *Fernando Pessoa — Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, *Edições Ática, Lisboa, 1966*.

O MUNDO EM MANCHETE

MATT EM XEQUE • O agente secreto Matt Helm, que os norte-americanos lançaram para rivalizar com James Bond e Flint, aparecerá em **The Murderers Are Standing in Queue,** cercado de 12 belas mulheres, entre elas Ann-Margret. Tôdas — diz a publicidade — são especializadas em caratê, sedução, segredos de Estado, intrigas por trás das portas e dança oriental. Matt Helm (que é Dean Martin) terá trabalho para vencer o inimigo.

A PROVA DOS CABELOS • "Agora, sei como devem sofrer os cabeludos, as garôtas de mini-saia e os **beatniks,** em geral" — disse o repórter Eric Wainwright, do **Daily Mirror,** depois de fingir de cabeludo uma tarde inteira, numa das ruas mais movimentadas de Londres. Eric não foi surrado por ninguém, mas sentiu que "todos olhavam agressivamente para mim, diziam **ugh** entre os dentes, jogavam bolinhas de papel no meu rosto e corriam..."

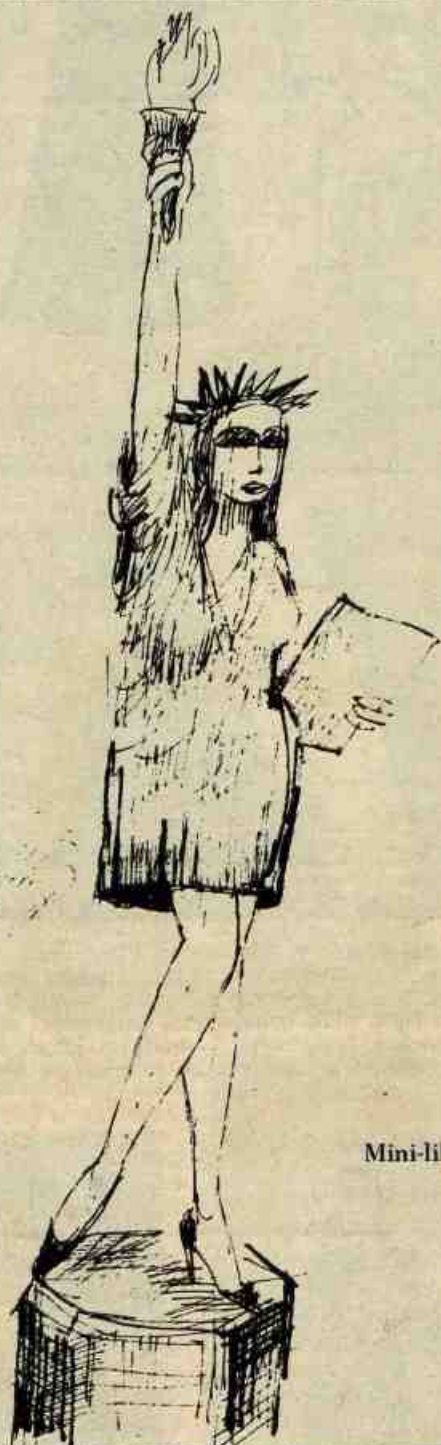
DANÇA PARA A PAZ • É o que promete Nai Bonet, dançarina exótica descoberta pela Paramount, no filme **The Spy With a Cold Nose,** que tem como atôres Laurence Harvey, Daliah Lavi e Lionel Jeffries. Nai aparecerá entre agentes secretos e consegue tornar amigos dois grupos rivais quando, de repente, começa um ensaio da dança do ventre. Os cabelos longos, o rosto maldoso e o equilíbrio do conjunto ajudam a bela Nai no seu esfôrço de paz.

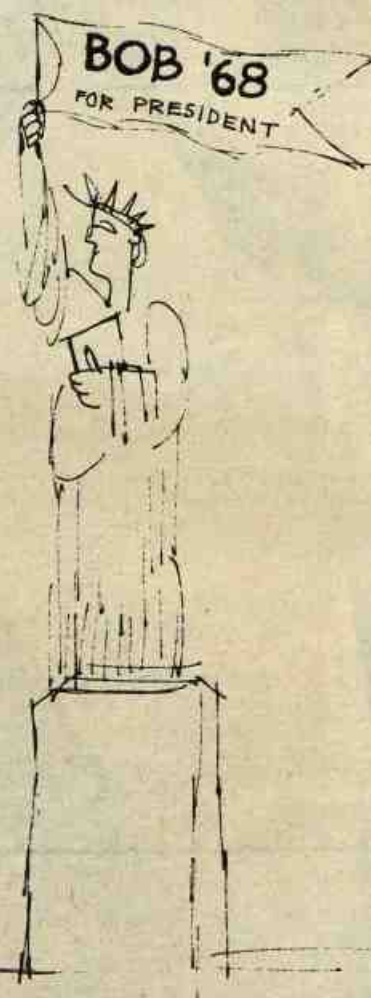
O TIGRE DE ROMA • No famoso Piper Club, de Roma, Vittorio Gassman declara: "Tudo o que os outros podem fazer, eu posso fazer melhor." É o que êle tenta demonstrar numa das mais divertidas cenas de **Il Tigre**, filme italiano onde Gassman — apaixonado por uma jovem americana, Ann-Margret — imita os ídolos do iê-iê. Para conquistar a América, o industrial de 40 anos faz diversas acrobacias.

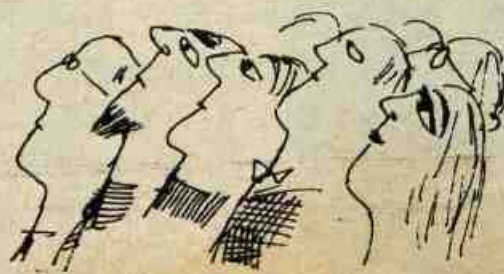
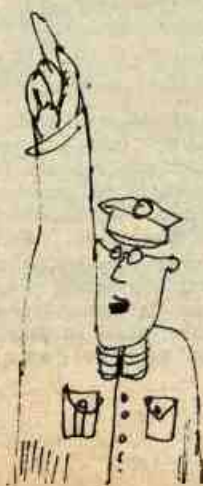
A MODA MINI-MAO • Françoise Hardy, que últimamente grava suas canções em Londres, sempre está de passagem por Paris, e uma visita aos desfiles de moda é obrigatória. Nos salões de Patou, ela descobriu êsse terninho que tenta imitar os uniformes da guarda vermelha de Pequim, atual sucesso nos ambientes sofisticados de Paris.

DESCANSO NO KREMLIN • Os chefes do govêrno e do Partido Comunista da União Soviética, Alexei Kossiguin e Leonid Breznev, conduzem o corpo do Marechal Malinovsky, ministro da Defesa da URSS, morto após longa doença. Os restos mortais de Malinovsky foram sepultados no Kremlin, ao lado de grandes nomes da revolução comunista.

Claudius

EM NOVA IORQUE (1)

Mini-liberdade.

O preço da liberdade é a eterna vigilância.

Parabéns, Bob. Você agora é campeão de alpinismo.

Olha lá um disco-voador.

Arp
malhas-fios-rendas-bordados